Valentim Magalhães

VINTE CONTOS

2.ª EDIÇÃO, CORREGIDA

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C.ª — EDITORES
Rua do Ouvidor, 66

1895

Vinte Contos

L. Por
MIBBOV

Valentim Magalhães

VINTE CONTOS

2.ª Edição, corregida

397268
21.10.91

RIO DE JANEIRO
Laemmert & C.ª — Editores
66, Rua do Ouvidor, 66
—
1895

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
Rua da Fabrica, 80
—
1895

ÁS EX.MAS SNR.AS

D. MARIA QUITERIA ALVES MEIRA

E

D. ROSA MARIA DA CONCEIÇÃO

Gratidão filial

DO

Autor.

Advertencia á 2.ª edição

A primeira edição d'este livro appareceu em 1886, feita pelo periodico A SEMANA. *Achando-se completamente esgotada e sendo este livro, na opinião de alguns criticos de valia, o melhor do autor pela harmonia dos trabalhos que o compõem como pelo vigor e colorido do estylo, resolvemos fazer segunda e larga edição, revista e corregida pelo autor.*

Julgou este de bom aviso, e com elle concordamos, excluir d'esta edição o conto PRAÇA DE ESCRAVOS, *que tão profunda impressão produzira, e substituil-o por outro, por entendel-o inteiramente descabido na epocha actual, em que nem quasi memoria felizmente resta d'aquellas scenas atrozes e vergonhosas.*

Esperamos que o publico approvará com o seu acolhimento benevolo este livro, que em nove annos nada perdeu de seu viço e frescura primitiva.

Rio de Janeiro, abril de 1895.

Os Editores.

O sapatinho de Luiza

Ao dr. Ferreira de Araujo

I

Entardece.

Sobre a campina vastissima espalham-se, envolvidas no crepusculo pardacento e saudoso, as barracas do acampamento, lembrando os alvos cómoros de um areial deserto.

O exercito repousa da batalha da vespera.

As armas, ensarilhadas em longas filas, parecem arquejantes ainda do morticinio.

Sobre o aço espelhento das laminas, candidamente implacavel, refrangem-se e escorrem de manso os derradeiros raios do sol, em frémitos de luz sangrenta.

As sentinellas passeiam soturnamente, de trecho em trecho, envolvidas nos longos capotes pardos, com a barretina á banda e o fuzil perfilado ao hombro.

Rola pelo espaço, na diffusa melancolia da tarde, o silencio formidavel que se eleva dos exercitos em repouso.

Silencio tragico, pungentissimo, composto do resonar da artilheria cyclopica, que dorme desmontada, abrindo as guélas requeimadas e famintas para o azul immaculado; dos gemidos dantescos do hospital de sangue; dos brados roucos das sentinellas, repetidos ao longe; do somno pesado e lugubre dos vivos e do horror eschyliano da memoria dos mortos, cujos espiritos adejam sobre seus proprios despojos frios, sanguinolentos e mutilados, como grandes corvos fatidicos. Corta de subito esse silencio espesso o clarim da disciplina, saudosamente vibrando atravez do nevoeiro silencioso, com imperiosas repercussões de metal, agudas e prolongadas.

Comtudo, apezar d'essa tristeza morna, insinuante e monótona, havia no vasto acampamento um *quid* inexplicavel de sobranceria satisfeita e alegre.

Nas lanças e nas espadas, nas bayonetas e nos gestos dos soldados notava-se um certo aspecto victorioso.

As bandeiras dos batalhões descançavam, sobrelevando d'entre bosquetes de armas, eriçados de pontas, ondulando ao vento as farripas gloriosas, retin-

ctas de polvora e rotas de balas, com a larga crispação triumphante de jubas de leões.

Aquelle exercito havia triumphado na batalha da vespera.

Mas, a não serem esses signaes, quasi imperceptiveis, nenhuma outra manifestação apparecia do jubilo da victoria no vasto e silencioso acampamento.

Nenhum ruido festivo, nenhum canto, nenhum riso, nenhum estrondo alegre. Aquelles milhares de homens não festejavam a sua ultima victoria, a victoria da patria. E' que naquelle momento a espada valerosa e impavida que os havia conduzido ao triumpho, — quebrava-se.

O general agonisava.

Em frente á sua larga barraca soldados agrupavam-se com attitudes tristes, falando baixo.

Officiaes chegavam, entravam, a saber noticias do enfermo; ordenanças partiam a galope para as ambulancias.

— O general? perguntava um cabo, com a voz tremula e a déxtra em respeitosa continencia, a um coronel que sahia da barraca.

— Perdido; rouquejou o official, sem olhar o interlocutor nem deter-se.

E a um tenente, que lhe ia fazer a mesma pergunta, accrescentou rapidamente, com a sua voz aspera, commandativa:

— Extrahiu-se-lhe a bala, mas o tetano invade-o.

— Então, morre? perguntou, commovida, a voz do tenente.

— Em poucas horas; respondeu-lhe o coronel.

Nas caras rudes e cobreadas daquelles homens de guerra adivinhava-se uma dôr profunda.

O general era um leão com coração de pomba.

Um bravo, que o espectaculo da morte mais dura e mais terrivel não conseguira nunca estremecer, mas que chorava como uma criança deante de um rasgo de bondade ou de uma desgraça trivial.

Os seus soldados adoravam-n'o. Inflexivel no tocante á disciplina, implacavel para os poltrões e para os traidores, rigorosamente justo para todos, era no emtanto um coração profundamente bondoso, rico de uma ternura magnanima para os infelizes, para os fracos e para os pequenos.

Mandava fuzilar os desertores e os espiões com a voz serena, o olhar firme, o gesto fulminante. Mas enternecia-se até ás lagrimas deante de uma criança faminta.

Recommendava o maior respeito, o tratamento

mais caridoso e mais solicito para com os filhos e as mulheres dos prisioneiros, mórmente se eram mães; e não foram poucos os pequeninos orphãos paraguayos que protegeu e fez recolher por familias brasileiras.

Conta-se mesmo que uma vez o seu ajudante de ordens o surprehendera, em sua barraca, servindo de humilde cavalgadura a um galante e trefego *inimigo* de tres annos de edade.

O ajudante de ordens não poude conter o riso deante daquelle estranho e picaresco espectaculo; mas o general respondeu-lhe, erguendo-se risonho e recompondo a farda:

— E' isto o que me retempera, capitão; a guerra nunca me fará esquecer que sou avô.

Muitas vezes, em vesperas de batalha, entre os ruidos surdos e ameaçadores dos aprestos bellicos, elle falava serenamente da sua Luizinha, e ria-se, com uma risada ingenua, contando aos camaradas as travessuras deliciosas da sua neta.

Era o seu unico consolo, a sua alegria unica. Além d'ella ninguem mais lhe restava da familia. Enviuvara cedo.

Os filhos, vira a morte furtar-lh'os, um a um, até ao derradeiro: uma encantadora moça, pal-

lida e mimosa como um lyrio, — a mãe de Luizinha.

Nesta menina resumia-se toda a sua vida de homem da guerra, toda a ternura do seu velho coração ingenuo, em um santo egoismo veneravel.

Esta meiguice viçosa e casta reflectia sobre o seu rijo caracter de commandante, como um doce raio de lua em um morrião de aço, luzidio e inabolavel. E era isso precisamente que o fazia adorado pelo exercito.

A sua morte seria para este como a de um pae.

II

Em volta da estreita cama de vento em que jaz o illustre enfermo, quedam-se de pé, descobertos e silenciosos, os mais graduados officiaes do exercito.

A' luz amarellada e vacillante de um candieiro de cobre, delinêam-se em sombras moveis sobre o fundo claro da barraca as suas cabeças energicas e hirsutas — frontes baixas, narizes aquilinos, barbas ponteagudas — lembrando estranhos perfis de abutres e de bodes.

Tremeluzem na sombra talins e botões de fardas, retinem brandamente acicates e espadas que se roçam, e no silencio morbido estalam, como em um pesadêlo, sinistramente, as phrases desconnexas do delirio do enfermo.

A um canto, um cirurgião baixote, pelludo como um urso, enxuga em um panno instrumentos operatorios.

Um outro — figura pallida e quixotesca, — remeche uma tisana, observando attentamente o general, estendido sobre o seu leito de campanha.

Do longo corpo, que o ultrapassa, desenha-se a magreza, em saliencias agudas, nos grosseiros lençóes. Sua cabeça marcial, de uma belleza máscula, mergulha abatida e macilenta, na alvura dos travesseiros; tem os olhos semi-cerrados, a boca entreabre-se em um sorriso doloroso, e os longos bigodes grisalhos agitam-se ao sopro febril e desegual que lhe sae do peito com resonancias cavas e roufenhas.

A mão esquerda, livida e esqueletica, tacteia vagamente sobre as roupas, com o gesto indistincto de quem chama; a direita repousa cerrada sobre o coração, como que comprimindo um objecto contra elle...

No desvario da febre rompem-lhe dos labios seccos e ardentes as phrases de commando que pronunciara no combate: gritos, gemidos, imprecações, monosyllabos torvos, inintelligiveis.

Naquelle cerebro, encandecido e abalado pela febre allucinante, reproduzia-se, com intermittencias de treva e relampagos de horror, todo o drama sanguinolento da vespera.

O desgraçado cavalgava de novo o férvido ginete, que relinchava impaciente em upas e corcóvos de pavor, mordido pela polvora, atordoado pelos roncos da artilheria...

Em um momento, — naquelle momento, unico e fatal, de que depende, como da ponta de um cabello, a sorte das nações, — o Brasil ia ser vencido.

Tudo parecia perdido... O inimigo dizimava horrivelmente os nossos batalhões, e ganhava terreno.

O nosso exercito, entalado entre montanhas, ao fundo de um valle, a não conseguir rechaçar o inimigo, seria esmagado por elle totalmente...

O general colheu de um lance de olhos a gravidade da situação, e, abandonando o seu posto retirado, donde irradiava as ordens de commando para todos os pontos, esporeou os ilhaes do cavallo e atirou-se doudamente á vanguarda dos pelotões,

brandindo a espada para a frente e bradando como um possesso, desvairado, descabellado, heroico!

Os clarins estrugiram com desespero a ordem de carregar, e dentro em quinze minutos a nossa victoria era completa...

Mas, de repente, o general cahio do seu cavallo, — era o terceiro! — Recebêra uma bala no ventre...

E todas essas phases delirantes e voraginosas da batalha passavam-lhe de novo pelo cerebro, em turbilhões de fumo e de fogo, intercaladas de visões fagueiras e rapidas, de risadas e de trovões...

Em meio da refrega, abria-se o céo tempestuoso, e, em um fundo instantaneo de luz limpida e côr de rosa, entre balas que se crusavam flammando, voava Luizinha com azas de azul e ouro, sorrindo-lhe, e chamando-o com a mãosinha muito branca:

— Vovô, vem cá, vovô!...

E o misero rouquejava, offegante:

— A' frente, batalhões! O quinto pelotão á esquerda! Adeus, Luizinha! Carregar! Avante! Luizinha! Luizinha...

E as palavras soltas e desordenadas do delirio espalhavam sobre os circumstantes um desconsolo funebre, sinistro, que os regelava até aos ossos...

III

Um dos cirurgiões ergueu a cabeça de sobre o peito do general; o outro largou-lhe o pulso:

Estava morto.

Os officiaes dobraram silenciosamente um joelho.

Fóra, na placidez mysteriosa da noite, longe, muito longe, ouvia-se o clangor melancolico de um clarim e o ruido secco e miudo de um marche-marche... Quando, uma hora depois, foram vestir o morto, na mão direita do cadaver, que um dos medicos erguera de sobre o peito, encontrou-se um objecto, que difficilmente arrancaram dos dedos crispados: um sapatinho de criança.

O marroquim estava puido das travessuras, e na pequena sóla abrira o uso um começo de rombo circular...

Os officiaes comprehenderam; e do fundo de seus peitos leaes e denodados rebentou um soluço de ternura.

O sapatinho da neta!

Sim, era um dos pequeninos sapatos de Luizinha,

que o general trouxera para a campanha, como lembrança do seu querido anjinho, e que o acompanhava sempre, sempre e por toda a parte, estreitamente unido ao seu coração — como um talisman sagrado.

Trinta annos depois

Eil-o, com alguns retoques de estylo, o interessante episodio de trem de ferro que me contou o meu amigo X:

Eu havia-me empacotado, friorento, no gibão de panno piloto, a um canto do carro.

Absorvido na leitura das folhas, humidas ainda, rescendendo á tinta fresca, só muito tempo depois de partido o trem numa carreira desapoderada, foi que passei a vista pelos companheiros de viagem...

Havendo encontrado a catadura imbecil de um velho barbaçudo e anguloso, — algum traficante de escravos *reformado*, provavelmente, — e a pelintrice pulha de um caixeiro de cobranças, installado no

banco fronteiro ao meu, ia voltar resignado ao artigo deixado em meio, quando descobri no assento visinho duas companheiras interessantes: — mãe e filha.

Sim, mãe e filha, porque eram parecidissimas.

Uma — cincoenta annos patentes, sem pintadellas, nem pomadas. Cabellos brancos, caracollados, cahindo aos hombros, fugindo do toucado de seda e vidrilhos pretos.

Nos olhos claros, mal velados, um expirar de carinhosa luz: tranquillos olhos de velha, que rejuvenescem na mocidade garrula dos filhos... Seria no mais uma velha como qualquer, se não fôra o rubor da boca, ainda fresca, e a correcção ideal das pequenas mãos, juvenilmente enluvadas de pellica preta.

A outra, a filha: — dezeseis primaveras, pallida e graciosa, delicadinha e risonha; *toilette* de viagem, em linho crú com vivos azul celeste. Notei que não depositava inteira confiança na pequenez dos seus pés, porque os escondia; mas annunciava o orgulho que lhe davam os seus lindissimos dentes. Para este effeito trincava de vez em quando, com faceirices de pomba, uns biscoitinhos redondos; que estalavam secco.

— Bom; — pensei commigo, — aqui levo ao lado uma attenuante ao barbaçudo e ao pelintra.

E volvi ás gazetas, consolado.

Quatorze horas de trem de ferro arruinam um homem, por mais solidos que tenha os rins e por mais amavel a companhia em que viaje.

Os olhos da velha, allumiados de uma ternura antiga, expansiva, serviam de errata aos ronquidos desnaturados do barbaças, decomposto pela somneira.

E das pedrarias falsas que estadeava no peitilho e nos dedos o moço de cobranças sanificava-me eu na alvura grega dos dentes da mocinha, perfeitos e verdadeiros.

Mas tudo cança — disse o poeta. E d'ahi por pouco, eu, que me ria do outro a rouquejar espapado alvarmente, em face de mim; eu, desapegado das gazetas e dos encantos das visinhas... adormecia tambem.

Ao badalar de uma sineta despertei. Parára o trem. Nova estação. Já me não lembra o nome.

Do que me lembro perfeitamente é que se abrio a porta do carro e penetrou nelle um sujeito, que se fez annunciar aos que estavam por uma

longa mala de couro, que elle ia empurrando com o joelho, suspensa na mão direita, emquanto na esquerda trazia, posteriormente, um guarda chuva, uma chapelleira, uma bengala, um cachenez : — uma mancheia de cousas uteis e atrapalhantes.

Circumvagou a vista, resguardada em oculos pardos e sem aro, á procura de logar, e, como visse desoccupado o banco fronteiro áquelle em que estavam as minhas sympathicas visinhas, accommodou a mala debaixo do banco e as miudezas na rêdesinha verde, para esse fim collocada junto ao tecto do carro.

E sentou-se em cheio, num allivio...

Iniciava eu o exame da cara do recem-chegado, quando ouvi subitamente esta palavra, arremessada em voz alta, commovida :

— Adolpho !

O sujeito encarou, sorpreso, a senhora edosa, das mãos pequenas, — pois fôra ella quem havia exclamado ; e durante alguns segundos observei-lhe no rosto o afflictivo trabalho de uma velha recordação que se arranca aos poucos, penosamente, aos recessos da memoria...

Por fim, fuzilaram-lhe os olhos, e murmurou tremulo, empallidecendo :

— Anninha!

Era um homem robusto, embora os seus sessenta annos bem puchados. Cara larga, vermelhaça, bochechuda, bem escanhoada; bigode espesso, de um branco amarellecido pelo rapé, e pêra implicante, repuchada. Como se deixasse estar por um pouco de bocca aberta, vi que tinha mui poucos dentes.

Depois de um minuto de indecisão e de espanto de parte a parte, o sujeito, lançando um rapido olhar á mocinha, que estava pasma d'aquella scena, estendeu á senhora a sua larga mão cabelluda, e disse, com serena alegria, intimamente sacudido pelo choque do inesperado encontro:

— Ora, até que afinal!... Ha trinta annos... Trinta! E ainda me parece que foi hontem, Anni... quero dizer: Sra. Viscondessa...

— É verdade, é verdade!... repetia ella, absorta, esquecendo a mão na d'elle. Que noite aquella!...

De repente, sentindo ao lado a filha, que se mexia, como a pedir-lhe explicações, retirou a mão, e, apontando a mocinha:

— A minha filha, Adolpho.

O homem cortejou com ar grave, paternal; a mocinha com frieza e desconfiança.

E, como lançasse á mãe um olhar interrogativo, esta accrescentou :

— É o Sr. desembargador Adolpho Pinto ; um velho amigo, Marieta.

Conversaram banalidades.

Elle achava a menina uma formosura, e dizia :

— É o seu retrato, Anni... senhora viscondessa ; é o seu retrato, quando moça, naquelle tempo...

E atafulhou para dentro de si pelo nariz as saudosas recordações, fungando longamente uma dedada de meio grosso.

A viscondessa perguntou ao desembargador pela familia. Que estava boa, em Cuyabá. Se tinha muitos filhos :

— Como todo magistrado ; e nisto, mas sómente nisto, nos parecemos com os ratos. *Apenas* nove ; tinham morrido quatro. Um era juiz municipal em Pedras de Fogo, outro na Leopoldina, um outro, o *Bilé*, promotor publico em Propriá...

E a viscondessa ouvia-o scismativa, entrecerrando os olhos, como perdida em doces e remotissimas scenas, ao som d'aquella voz edosa, sem dentes, anasalada e fanha.

Havia certamente entre aquellas duas existencias,

ligando-as, um mysterio antigo, um segredo, uma historia curiosa, recondita, ignorada de todo o mundo.

Marieta assim o pensou tambem, pois deixou-se adormecer discretamente, recostando o busto ao almofadado da parede...

Elles, ao verem-n'a assim: descidas as palpebras, as mãos cahidas no regaço, o collo arfando brandamente, num compasso de somno, — acreditaram-se livres, sósinhos...

A viscondessa teve um fremito de nervos, e, num transporte, pegou na mão do desembargador, que nesse instante ia levando o alcobaça ao nariz.

— Que noite, Adolpho!

— É verdade, Anninha, que noite!

— Nem você soube nunca o que eu soffri. Cuidei que meu pae ia matal-o, quando o vi saltar no jardim, da janella do quarto, e agarral-o pelo braço, furioso. Eu ouvi-o gritar e desmaiei; eu, que me suppunha tão forte, que de nada me arreceiava, nem mesmo de fugir com você alta noite, descendo

do meu quarto por uma escada de pedreiro. Quando despertei, entrava o sol, fulgurante, pelas janellas, inundando a camara... Achei-me deitada sobre o meu leito; ao lado minha mãe, — a minha santa mãe, que tanto te queria, Adolpho, — chorando, chorando perdidamente..... Seis dias depois partiamos todos para a Europa.

— Não é possivel. No dia seguinte, voltando á sua casa, Anninha, já a encontrei fechada.

— É que meu pae, para te desnortear, caso voltasses, como de facto aconteceu, levou-me e á *velha* para a casa de um compadre, em Santa Thereza, emquanto se preparava a partida...

— Ah! percebo. Que ladino — o teu velho!

E aparou no alcobaça espalmado um pingo de rapé.

— E depois?

— Ora, depois... Cinco annos a correr a França, a Italia, a Allemanha, a Suissa... e a pensar em ti, sempre a pensar em ti!... Um dia, á beira do Lemano, meu pae trouxe-me um numero do *Jornal*, e apontou-me uma noticia, com ar perfido. Dizia assim a noticia: «Receberam-se em matrimonio no dia 9 do corrente, em Araraquara, o Dr. Adolpho Pinto, illustrado e muito digno juiz municipal do

termo, e a Exma. Sra. Dona...» Não me recordo o nome da noiva...

— Felicidade da Costa; instruio o desembargador, sorrindo satisfeito, com indisivel bonhomia...

— Pois bem. Um mez depois, casava-me eu tambem com o visconde de Jurubéba, nosso ministro em Haya.

— E foi feliz?... perguntou o desembargador, malicioso, descansando o cotovello sobre o joelho, com a pitada empolgada. Uma attitude magnifica, que só por si valia mais do que dez volumes de moral religiosa, destinados a provar que tudo neste mundo é vaidade, excepto amar e servir a Deus.

— E que tal tambem a sua Felicidade? retrucou a viscondessa, salientando o calembour.

— Bem boa. Coitada, agora está velha. Trese filhos, não é brinquedo!

E com uma *nonchalance* deliciosa, esquecido do assumpto primordial, todo cheio da sua *velha*, o desembargador continuava:

— Não é brinquedo, não. Depois, soffre muito do rheumatismo; principalmente na estação fria. Mas você não imagina que mulherzinha está ali. Trabalhadeira, que é um Deus nos acuda. Se não fosse isso eu estaria perdido. Trese filhos e um or-

denado mesquinho, mais que mesquinho. Os magistrados na nossa terra são a classe mais desprotegida: — verdadeiros pariás Mas diga-me, o visconde?...

D. Anna não respondeu logo. Olhou de soslaio para a filha, e, julgando-a ainda adormecida, fitou com ar triste o desembargador e suspirou um suspiro longamente aflado, profundo e tremulo...

O desembargador observou então que a sua antiga adorada trajava de preto e perguntou:

— É morto?

— Não, está em Berlim; respondeu a viscondessa rapidamente, com uma voz estrangulada, secca.

Pareceu-me que o desembargador não entendera aquillo.

Coitado! A D. Felicidade e o habito dos accordãos haviam estiolado nelle a comprehensão das cousas que se não dizem e apenas se deixam adivinhar...

Não comprehendeu; mas em compensação tomou um alentado sorvo beatifico de tabaco.

O trem rodava sempre, vertiginoso e offegante, golfando novelladas de fumo.

— Ha trinta annos, Sra. viscondessa, trinta annos! tornou o desembargador, repuchando a pêra com cabeccios profundamente philosophicos...

— É verdade, Sr. desembargador, trinta annos! Tinha eu então vinte, incompletos...

— E eu trinta. Por signal que os fazia naquella noite mesma... E o unico presente que recebi foi o pulso athletico do senhor seu pae — sobre as costas... Irra!

E o Adolpho, ao lembral-o, ria-se, ria-se gostosamente com a sua bocca desdentada, meio encoberta dos pellos amarellos do bigode.

O trem parou.

— Caçapava! gritou o chefe, abrindo as portinholas.

O desembargador ergueu-se de um salto, espantado, puchou a mala, tomou a chapelleira, o cachenez, a bengala, o guarda-chuva...

Marieta acabava de abrir os olhos, uns lindos olhos maliciosos, sem vestigio de somno.

— Fica aqui? perguntou a viscondessa com interesse.

— Fico, senhora vis... Que diabo! lá ia-me esquecendo a caixinha das amendoas. Venho baptisar um neto...

— Já?

— É o quinto. Adeus, Anni... adeus, Sra. viscondessa. Eu moro em Cuyabá. Ando por aqui a vêr se consigo que me removam para a Relação de S. Paulo. Adeus, menina Marieta...

— Adeus, Adolpho! murmurou a viscondessa.

O desembargador saltou sobre a plata-forma da estação, carregado, atrapalhado, tropego.

A chapelleira rolou, e um dos embrulhos, cahindo, desentranhou-se em pequenas amendoas brancas e côr de rosa, que correram por sobre as pedras...

A viscondessa enchugava os olhos.

Junho — 1883.

O tio Pacheco

A Urbano Duarte.

Naquelle dia e áquella hora, era o velho Pacheco talvez a unica pessoa da villa que se não lembrava da festa.

No fundo do seu pequeno jardim, todo entregue ás suas flôres, elle entreouvia o estrepito festivo dos foguetes, o longinquo estrugir da musica; chegavam-lhe lufadas de gritos, de passos, de risadas — ruidos brutaes e insolitos, que não conseguiam todavia perturbal-o, distrahil-o, na tranquillidade palustre do seu viver quotidiano.

Aquelle dia de jubilo e de brincos, elle o entregava, inteiro, sem desperdicio de um minuto, á voracidade dos seus velhos habitos egoistas, como o coelho immolado á fome de uma giboia.

Para folganças já lhe bastava o haver assistido

hontem á missa cantada, de opa e tocha, abafado, premido, pingado de cêra, suffocado de myrra, ensurdecido de cantochão; e todo esse martyrio, precisamente na hora da *sesta*, no doce instante em que o Theodoro traz o café com pão-de-lot e as *columnas* do *Jornal* começam a ruir, sacudidas pelo somno!...

E, com magnanimo desinteresse, deixava *aos outros* a festa, a musica, o leilão de prendas, o *Te-Deum*, o fogo, os *cavallinhos*. Quanto a elle, a *sua* festa era aquillo: — o velho *chile* a apenumbrar-lhe os olhos, guardados, como duas saphyras, na *vitrine* dos oculos; o abdomen bem tratado, a desenhar a curva farta da sua florescencia no desafogo das calças de cordão; os pés aquecidos na felpa dos chinellos; o pescoço plethorico, dispensado de collarinho e gravata; e nas mãos papudas e vermelhas, em vez da penna e da raspadeira — o sacho e a faquinha da jardinagem.

Era todo das *suas* roseiras: ia de uma a outra, carinhoso e solicito, estacando-as com pequenas ripas de bambú; curando dos enxertos, limpando as folhas, amputando os braços enfermos.

Poucas rosas, por havel-as podado na noite de S. João. Os tóros espalhados, com a folhagem secca, e

as cepas verdes, emergindo nuas do terreno, lembravam devastada floresta — em miniatura.

A *Marechal Niel*, a *Guanabara*, a *Petropolis*, a *Doutor Enault*, a *Mesquita*, a *Purpura d'Orleans*, todas padeceram decote; apenas de um alegrete do centro, como um general que sobrevivesse, unico, á ruina do exercito, — empavesava-se, faceira e fresca, sobre o caule flexil, uma soberba *Principe Negro*.

Tremeluziam de gosto os olhos raposinos do velho escrivão de orphãos e ausentes, deante da bellissima flôr; das largas pétalas curvas, côr de sangue pisado, reçumava, finissimo, um exquisito aroma de *groseille*, que o deliciava, extatico, a narina em sorvo, o pescoço desrugado e tenso.

Se para as situações psychologicas houvesse, como para as *poses* e aspectos materiaes, um engenho photographico; se tambem o espirito pudera ser colhido de subito em dado momento, em uma chapa de vidro, preparada em collodion, e fixado por meio de um bromureto qualquer sobre cartão ou sobre zinco; se assim fôra, para photographar fielmente, sem perda de um traço, a alma do escrivão Pacheco, não se poderia desejar melhor momento, *pose* mais verdadeira do que aquelles.

Todo elle, com seu temperamento, sua indole, seus sentimentos, seus habitos, sua vida inteira, ali estava synthetisado, resumido, como num microcosmo, naquelle trivialissimo e simples facto.

Na sua alma de celibatario por indole e por habito, — alma esteril, estagnada, inutil, sem aspirações, sem ideal, sem crenças, sem affectos; — não havia acontecimento que vibrasse, commovendo-a ou alegrando-a, desde que não entendesse directa ou indirectamente com o seu *eu*.

Por isso, — emquanto nas ruas, festivamente adornadas, todos folgavam passeando e rindo; emquanto nas casas abertas se conversava alegremente, aos accórdes da musica, ao estalar dos foguetes; — elle fugia, fazendo-se esquecer; encerrava-se em *sua* casa, fremindo de contentamento, e, sósinho, silencioso, tranquillo, mergulhava-se deliciosamente na profunda paz satisfeita dos *seus commodos*.

Naquelle momento era a *Principe Negro* — como seria, d'ali a pouco, a costelleta de carneiro, e á noite o macio colchão de crina — a *sua* familia, os *seus* amigos, o *seu dever*.

O velho Pacheco sentia os pés quentes, a cabeça fresca, o ventre repousado e farto, os callos adormecidos; o Theodoro batia na cosinha o bife do jan-

tar, e o perfume da rosa, carinhoso e tépido, penetrava-o voluptuosamente, como um beijo d'amor: embalava-o docemente, no fundo d'alma, como um canto ao luar, sobre lagoa dormente...

Meia hora depois.

A sala repousa na penumbra somnolenta da empanada.

Estendido no divan de molas desconcertadas, mãos cruzadas no peito, um jornal aberto, cahido a um lado, o escrivão sesteia. A cabeça, grande, bem penteada, encalvecida no alto, mergulha na cova da almofada: uma cabeça que seria de velho principe allemão, se não fôra o traço trivial do nariz e a bonhomia da bocca; entre os dois feixes brancos e crespos das *suissas*, sob o feixe dos bigodes, amarellecidos pelo fumo, reluz o queixo redondo, escanhoado de fresco: os sobr'olhos bastos descarregam-se na lassidão do somno; a bocca entreaberta expelle ruidosamente a respiração com um ronquido compassado, que lhe assopra ás barbas, e é como um metronomo, a que se regulam todas as cousas daquelle *interior* ensosso e melancolico.

As altas pilhas de jornaes, alinhadas de encontro á parede; um grande tinteiro representando um barco com as velas de prata, enfunadas, carregado de canetas, inundado de tinta; os prende-papeis de vidro e de bronze, — pyramides e kagados, — assentes sobre autos e *infolios;* os *magots* chinezes que enfeitam os consóles; os prismaticos pingentes de dois antigos candelabros de cobre, venerandas reliquias de familia, a cujos luminosos serviços passára uma procissão immensa de bailes e esquifes, de risadas e desesperos; a cadeira de embalo, desoccupada e tristonha; «as quatro estações,» pendentes das paredes, com sua nudez e seu sorriso de chromos recocós; a girafa da empanada, pescoçuda e enxabida; os dois cupidos rafados do tapete, e, dentro, em um quarto fechado, um *tic-tac* enfadonho, de relogio cançado; essas cousas e todas as mais d'esta sala parecem obedecer somnambulicamente ao resonar do dono da casa, como a um compasso monotono, em dois tempos. Ha em todos esses objectos uma como oscillação de pendulo, preguiçosa e continua; um rythmo de bocejo, posto na symetria e no alinho do habito por uma vida authomatica, sem ideal, sem nervos, sem mulher.

Como seu dono, tem cada cousa gravada em si a

marca do tempo: — uma ruga, uma falha, ou esse polido que dá o uso constante; tambem como elle, parece grudada cada cousa ao seu logar competente.

Nem um átomo de poeira, nem um fragmento de papel; nada em desordem. Um arranjo esmeradamente methodisado, escrupuloso.

Nada mais frio, entretanto, nada mais triste do que essa disciplina geometrica no asseio e na disposição dos trastes.

Falta uma nota de insubmissão, um protesto de vida, uma cabrióla de alegria na gravidade sorna d'aquella ordem. Falta uma ponta de *crochet,* rolando com o carretel e a agulha sobre um consóle; um leque, abrindo a aza indolente sobre um traslado de escriptura; um laço, um dedal, um grampo; um farfalhar de saias alvejando, rapidas, no vão de uma porta...

Infeliz quem, como o tio Pacheco, já se não sente de tal ausencia!...

Infeliz ou feliz?...

Abandonemos por ora o problema: alguem bate á porta com impaciencia, com força...

— Ahi vou! ahi vou. Mas quem é?

— Sobrinho de Vossa Senhoria!

Aberta a porta, appareceu, empoeirada e radiante, a figura de um rapaz magro e pallido, mas cheio de vivacidade.

— Tio Pacheco!...

— Gustavinho! Tu por aqui?

— Vim visital-o, tio Pacheco. E, além d'isso, tomar ares. Estou doente.

O tio encarava-o com os olhos piscos de somno, um pouco envesgados pela ausencia dos oculos.

Não se desconcertou o rapaz com esta recepção pouco amavel. Pousou a mala em uma cadeira e deixou-se cahir sobre o divan.

— Uff! Estou immundo! e refestelou-se com ar de fadiga, sacudindo os cabellos com as mãos enluvadas.

— Theodoro! Leva esta mala e arruma o quarto de *seu* Gustavinho.

O velho preto pegou da mala com um gesto de authomato e levou-a para dentro.

Gustavo esticou as pernas e começou a descalçar as luvas, calado.

O tio Pacheco accendeu a ponta do charuto, repoz os oculos e exclamou, fitando o sobrinho:

— Estás magro, rapaz! Que diabo é isso?

— Tenho andado doente. Não recebeu então a minha carta?...

— Não recebi.

Recebera; como, porém, lhe não conviera responder-lhe, pois o sobrinho pedia-lhe dinheiro para o medico, fez-se de novas.

— Pois escrevi-lhe, pedindo que me ajudasse nas despezas de medico e botica, e falava-lhe tambem em vir passar aqui alguns dias.

— Extravagancias; extravagancias... resmungava o tio, com um tregeito de sabia ironia, passeando pela sala com o passo arrastado e infirme dos sedentarios.

Gustavo preparava um cigarro, mollemente recostado no divan, com um pequeno riso preso ao canto da bocca.

— Olha, rapaz, aqui, neste logar, tenho eu vivido ha trinta e seis annos; pois vae perguntar ao doutor Matta quantas vezes me receitou. Nenhuma!

— E' o que lhe tem valido. Safa: o doutor *Matta*! Que pleonasmo! e a pilheria sacudia o peito enfermo do rapaz com um frouxo de riso, que fazia guinchar as velhas molas do divan, e foi de ricochete inflammar o tio Pacheco.

— Pois sim. Mas o que é certo é que não me

matou. Vocês hoje entendem que a vida é eterna, e toca a divertir. Ceias, theatros, jogos, mulheres... Principalmente mulheres. No meu tempo não havia essa molestia; morria-se de tudo, menos d'isso! E, por sua vez, o tio Pacheco applaudia-se da graça, sacudindo a pansa e a cabeça, casquinando.

— Pois era assim mesmo. Faziam-se essas cousas com cautela, com certa conta. Eu, com a tua idade, não tinha esse teu aspecto de macaco tisico; — e apontava com um dedo desdenhoso o peito estreito e encovado, o rosto pallido e magro do sobrinho, que o ouvia, olhando distrahidamente os flocos brancos do fumo. — Era um homem forte, vermelho, duro. Olha para mim: quem dirá que tenho cincoenta e seis annos?... Ein?... Estou certo que se chegares a esta idade...

—...Já estarei morto! É boa, tio Pacheco, é boa!

— E é mesmo. Quantas vezes pensas tu que eu tenho ido a theatros? Tres: e a ultima ha vinte annos. E não lhe tenho saudades! Ha quinze que não vou á Corte...

— Ha oito que não toma um purgativo... interrompeu Gustavo, sorrindo.

— Patéta! Bem se vê que não entendes nada do riscado. Pois não sabes que o nosso corpo precisa

tambem, como um par de calças, de ser, de quando em quando, escovado, limpo, sacudido?... Todas as manhãs tomo uma colherinha de sedlitz-Chanteaud em meio cópo d'agua. E' o meu café. De mez em mez, um *chóquesinho* de poáia. Nada de humidades, nem de comesainas á noite. A's dez horas cama *mé fecit!* A's cinco da manhã estou de pé, mettendo a cara na agua fria... Só tenho um vicio — e mostrava a pequena ponta de charuto.

— Ah! por falar nisso, trouxe-lhe um presente; exclamou Gustavo, erguendo-se e indo dentro, ao quarto.

— E' os meus peccados este Gustavo; murmurava, contrariado, o tio Pacheco. Um demonio! D'aqui a pouco está a casa de pernas para o ar. Mas não estou para atural-o. Se me *amolar* muito, mando-o embora...

— Aqui tem, tio Pacheco. Legitimos *Flor de Cuba;* sete vintens cada um.

O velho pegou na caixa com uma sciutilla gulosa no olhar e cheirou os charutos longamente, com ar conhecedor.

— Excellentes! Obrigado, rapaz. E foi collocar a caixa sobre a estante, em companhia de outras muitas, empilhadas, mas já vasias.

Da casa do tio Pacheco vê-se a egreja e o coreto.

A tarde é magnifica.

Pela extensa rua mal calçada, unica da villa, atapetada de folhas de mangueira e de canella, passam numerosos grupos de rapazes, fumando, chalaceando, deitando olhadellas ás moças; vão e vem lentamente muitas familias matutas: — vestidos abalonados, duros de gomma, ataviados de muitos lacinhos escarlates e verdes; calças curtas e aniladas, paletots amarrotados e curtos, chapeus immensamente abados, cigarros fumegantes como chaminés.

Em redor do coreto, enfeitado de verde e amarello, apinhôa-se a multidão, que rebenta em risadas ás tradicionaes chalaças do leiloeiro.

Dentro do coreto, sentado sob um docel de sarrafos e panninho, apavona-se um menino: o *Imperador*. Vê-se-lhe a cabeça pellada sahindo de um manto de velludo, rafado e sujo, com os galões ennegrecidos e desfibrados, calções vermelhos, a arrebentar as costuras, por muito estreitos: na mão, pousada sobre o throno, um grande sceptro de piuva, forrado de papel dourado. Ao lado, sobre um cochim, a corôa, com uma pomba no cimo; nos degráus do solio a côrte imperial: uns pequenitos aborrecidos, roendo balas, biscoitos e... unhas.

Uma côrte e um monarcha mais pobres ainda do que D. João V e a sua côrte.

— Affronta faço, que mais não acho... lengalengava o leiloeiro.

— Mil e seiscentos! lançam de um lado.

— E vinte! gritam de outro.

— *Tá rá tá tchin! tá rá tá rá tchin!* rouqueja a *banda* de repente, ao signal dos foguetes que estouram trepidos no ar e ao alarido dos garotos que correm a apanhar as flechas.

O tio Pacheco fuma socegadamente o seu *colorado* na janella, com o gorro á cabeça, olhando para os folguedos com os seus olhos frios e perspicazes.

Gustavo está na calçada, encostado á janella, com tres ou quatro conhecimentos de ha meia hora, fazendo a critica ás *toilettes,* aos penteados, ao bom gosto sertanejo, em sua superioridade de *gommeux* da rua do Ouvidor.

De vez em quando ferra um beliscão em alguma bonita mulatinha, mesmo nas barbas do tio.

De repente, o tio Pacheco tirou o gorro, respeitosamente affavel, a uma familia que passava.

Na frente iam quatro crianças, vestidinhas de festa, mãos dadas; depois um rapaz de buço e uma mocinha; atraz, um homemzinho grizalho, ar *bon*

enfant, dando o braço a uma mulher alta e magra, olhar duro e agudo, bocca descorada e opiniosa.

Ella encarou fixamente o tio Pacheco; e aquelle olhar-sacarolhas penetrou-o até ao amago d'alma e esfriou-lhe as extremidades.

Aquella mulher fôra sua namorada, a sua unica namorada. Havia vinte e tres annos!

Quando se elle apercebeu da gravidade do caso, encolheu-se e apresentou-lhe o Borges, traspondo-se-lhe.

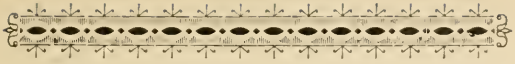
Seis mezes depois casava-se o Borges, — aquelle homemzinho grizalho, — com o *unico amor* do tio Pacheco.

O olhar da mulher era porventura um libello, uma exprobação indignada e silente; ella lançava-lhe talvez á cara avelhentada o marido, fisgado naquelle olhar, como um sapato velho que se atira ao rio na ponta de uma vara.

O que é certo é que o tio Pacheco estremeceu, e, concertando os oculos, murmurou, concluindo um pensamento:

— . . . e eu é que seria hoje o pae d'aquelles fedelhos. . . Safa! do que escapei!

Agosto — 1892.



O irresistivel

I

— Olhe, olhe. Lá vae elle. Nem de proposito. Nós a falarmos nelle...

— Onde vae? Qual é?

— Ali, junto á *Notre Dame*. Aquelle de castor alto; uma rosa ao peito. Viste?

— Ah, sim, ao lado de uma senhora... E que bonita!

— E' a mulher do commendador Cujo.

— E anda sósinha com elle? sem o marido?

— Não; o commendador vem ali atraz, conversando com o deputado Fagundes. E' o da parede: pansudo, barba *á particular*.

— Coitado! concluio o outro, voltando a mecher compadecidamente o seu café.

— Então, eu não te dizia?... E' uma cousa es-

candalosa! Não a deixa nem um instante; não lhe sahe de casa, de dia e de noite; acompanha-a por toda a parte; nos theatros, nos armarinhos, nos passeios...

— E que faz o marido? não vê isso?

— Ora, meu amigo! O marido! O senhor não conhece o Rio de Janeiro. Ainda não sabe que sociedadesinha é esta!

— Que me está dizendo? Então o marido?...

— O senhor é um provinciano. Pois não sabe que para que existam Páris é indispensavel que os Meneláus abundem?... E o Figueiredo, fincando os cotovellos sobre a pedra da mesa e nas mãos a cara, chamou com um gesto de cabeça toda a attenção do seu interlocutor e começou a contar-lhe...

Antes de contar o que elle contou, digamos de fugida quem é este Figueiredo. Uma especie de conspirador de opereta. Muito comprido e esguio; livido, escaveirado, olhar vasculhador e sombrio, manobrando por traz de umas lunetas de myope; voz persuasiva e quente, muito macia, maneiras finas, vestuario pobre mas bem tratado. Ninguem sabe onde vive, de que vive, como vive, para que vive. Apparece quando menos se espera; desapparece como apparece. Um mysterioso, ou melhor: —

um biltre. Faz versos — aliás horriveis; mas, não obstante, é o que faz de melhor.

Fala de tudo e sobre tudo; quasi sempre mal. O que é, entretanto, de notar é que raramente canta, como D. Bazilio, a aria da calumnia e quando a canta é escudado em factos, com argumentos e provas que illudiriam a mesma Sagacidade.

Conhece todo o mundo e poderia escrever-lhe a biographia. Cortadas as apreciações individuaes do auctor, é de crer que fosse fiel e completa.

Possuindo toda a sorte de conhecimentos da vida alheia, é, comtudo, especialista em questões de amor, de namoro e de adulterio. Conhece perfeitamente a lista das paixões da primeira mundana que passe, e nada ignora da vida extramarital da respeitavel senhora Dona Fulana. Não acredita na virtude absoluta; para elle não ha mulher contra a qual algo não possa o peccado. Se elle tem visto tantos exemplos! E citar-vos-á de uma assentada meia duzia de casos decisivos, fulminantes.

A baroneza de X, um poço de pureza... Um anjo! dizia o marido. Um anjo! repetia o mundo, descobrindo-se respeitosamente. Ora! Conhecia-lhe nada menos de tres amantes: — O bacharel Martiniano — um addido da legação brazileira em Londres,

um quarentão muito espartilhado e tingido: dentes postiços, é certo, mas um sorriso... um sorriso derrocador de virtudes, embora biblicas; — o pianista Lepain — um francez adoravel, que, para usar da expressão de um poeta — «tinha um coração em cada dedo» os quaes, com o que trazia ao peito, perfaziam ao todo onze corações, o que lhe dava a rara faculdade de amar cerca de uma duzia de mulheres a um só tempo; e finalmente o Pedróca — um primo, figura de noivo de alfinim e poeta de confeitaria; um pobre diabo, muitissimo doce.

Vinha depois a mulher do Dr. Y, uma garganta de soprano admiravel, secundada por um par de olhos cubanos, occupados na missão atroz de enlouquecer meio mundo. Um dia, ou melhor — uma noite, foi encontrada inesperadamente pelo marido a cantar um duetto com um tenor brasileiro sem o *moderato* recommendado na partitura matrimonial, que o dr. Y. teve de reger á bengala.

Seguia-se á mulher do dr. Y. a gentilissima consorte do conselheiro... Mas para que desfiar todo o rosario dos roseos peccados archivados na mephistophelica carteira do Figueiredo?

Basta o que ficou dito para panno de amostra. E, de mais, o mariola citava testemunhas, exhibia da-

tas, circumstancias, provas irrefragaveis. Não havia contradictal-o; argumentava, discutia por A + B, demonstrava e convencia afinal. O melhor partido era ir embora, sem ouvil-o. Era o que devia ter feito aquelle interlocutor do Figueiredo, que por signal ainda lhes não disse quem fosse. É um estudante da Polytechnica. Bôas côres, bochechudo, olhos negros, monóculo, bigodinho, *toilette* ingleza de rigorosa elegancia.

Muito pretencioso, grandes ares de conquistador — por fôra; por dentro — um ingenno, um ingenuo de metter dó!

Resolvera donjuanisar-se o mais breve possivel, antes de partir para os sertões do Norte a construir estradas e pontilhões. Lembrava-lhe o triste aviso harmonioso do Murger: *La jeunesse n'a qu'un temps!*

Havia encontrado bom mestre no Figueiredo; não ha duvida. Mais tres ou quatro lições e estaria prompto para metter Lovelace, Romeu e Faublas num chinello.

Retomemos, entretanto, o Figueiredo, que haviamos deixado com os cotovellos na mesa e nas mãos a cara, contando ao seu esperançoso discipulo inte-

ressantissimas cousas ácerca do *tal* de quem estavam falando e que exactamente lhes passava por defronte, em companhia da mulher do commendador. Continúa o Figueiredo:

— . . . Irresistivel, meu caro, irresistivel! Ora faça o favor de reparar naquelle todo. Justamente lá parou com ella em face da *vitrine* das sedas. Veja como sorri, como discorre todo inclinado para a *commendadora*. . . Irresistivel! Ah! voltou-se. Agora, repare agora. Examine-o. Veja que bello typo: — corpo bem feito, flexivel, muito bem proporcionado, um ar distincto. E os olhos? veja-me aquelles olhos. . . Conhece-os mais bellos em homem?. . . E aquelles bigodes! são magnificos, não são? Sorriu-se; viu-lhe os dentes? Não os tem mais alvos a mais negra ethiope. E depois, veste-se daquella fórma: uma simplicidade elegante, distinctissima. E um gosto para gravatas! Veja que linda a que atraz agora; parece-lhe talvez trivial, pela singeleza, pois procure outra egual ahi por todos esses armarinhos, e se encontrar dou-lhe um doce. E bengalas, então?! Veja aquella; é uma simples raiz lavrada, mas. . .

— Mas, afinal, quem é? Como se chama? de que vive?

— Pois já não lhe disse, homem de Deus, que elle é o dr. Mello Passos, advogado, que não advoga porque não precisa? Casou rico e...

— Casado? perguntou o outro com um espanto nas sobrancelhas.

— Pois então? Casado. De que se admira? O casamento é a melhor garantia para estas cousas. É o passaporte da seriedade para as aventurosas viagens da paixão. Mas devo informar que a mulher do Passos o garante de uma penhora: é uma harpia.

— Mas então... é séria essa historia com a *commendadora?*

— Pois não! Sei de tudo. Se eu lhe digo que é irresistivel! Antes d'esta foi uma viuva, a viuva do... e soprou o nome do defunto ao ouvido do outro... Antes da viuva foi a mulher do... do... aquelle architecto que perfurou o Corcovado... Diabo! Tenho o nome debaixo da lingua...

— Não importa o nome do santo. Venha o milagre.

— Era formosissima; hoje é morta. Não falarei d'ella.

— E esses maridos nunca souberam, nem desconfiaram ao menos?

— Não sei, meu amigo; o que lhe posso garantir é que nunca o Mello Passos teve desaguisados por taes motivos; era sempre e simultaneamente amante das mulheres e amado pelos maridos.

— Oh!

— É o que lhe digo. Nem um caso de flagrante, nem rapto, nem escandalo. Nada! O architecto, por exemplo, foi o seu melhor amigo em vida da mulher, e ainda hoje, depois de viuvo, estima-o como a um irmão.

— É singular; é singular!... murmurava o estudante, a mordiscar a cabeça de cão da bengala, muito intrigado com os meios occultos que teria o Mello Passos para se dar tão bem nos casos em que entrava como *tertius gaudet*.

— Veja você o commendador, continuava o Figueiredo; é impossivel que elle ignore... Todo o mundo o sabe... E demais aquelle bruto não é cego, nem surdo. Como diabo não vê nem ouve?...

— Que felizardo!... resmoneava o estudante, devorado de inveja, a architectar mentalmente o palacio fantastico das assombrosas venturas e aventuras do Mello Passos.

II

Teria o Figueiredo razão?

Não é provavel que a tivesse em tudo quanto dissera.

Mas a verdade é que «o irresistivel» não se defendia de tão numerosas e graves accusações. Ao contrario.

Quando um amigo lhe dizia matreiramente, pondo em um pisco de olho toda a malicia sensualista de um velho satyro experimentado:

—Com que então, nova conquista?... Monopolisaste todas as paixões da capital do imperio, seductor!

Elle respondia fleugmaticamente, sugando um longo hausto do havanez:

—Ora, não é tanto assim! Adóro-a, é verdade, mas ainda não sei se ella o sabe...

Mas isso dito de modo tal que o interlocutor sahia d'ali lastimando a sorte do marido.

Pouco depois da conversa do Figueiredo com o estudante no café, estavam o commendador, a mulher e o Mello Passos no ponto dos bondes de S.

Christovão. Chegava nesse momento o bonde da Tijuca.

— Ahi está o nosso bonde; disse a moça. Vem comnosco, doutor Passos?

— Não posso, minha senhora; tenho um *rendez-vous* marcado para as cinco horas e não posso faltar a elle.

— Bravos! um *rendez-vous!*... e a gentil senhora punha em um delicioso movimento de labios e olhos toda a maliciosa intenção da phrase.

— ...com um amigo, minha senhora; completou «o irresistivel», corando.

Neste momento lembrou-se o commendador de que se havia esquecido de uns papeis sobre um dos balcões da *Notre Dame* e voltou a buscal-os, dizendo:

— Já venho; toma o bonde, Chiquinha. O doutor me fará o obsequio de te fazer companhia, emquanto vou e volto. E' um pulo.

— Com muito gosto, commendador.

D. Chiquinha subio para um dos bancos. Mello Passos subio tambem e tomou assento ao seu lado. O commendador corria para a *Notre Dame,* muito azafamado, para não perder o carro... Mas eis que sôa o tympano electrico e o maldicto range, move-se, solavanca e parte.

— Oh! exclama «o irresistivel», muito assustado com a situação. E o commendador?!

— Deixe; elle ha de vir, tem tempo; disse a moça, achegando-se ao «irresistivel», em um delicioso amarfanhar de saias, para dar logar a um passageiro que subia.

Á noite, o Mello, quando voltava...

(Porque «o irresistivel» só poude voltar á noite... O commendador demorou-se mais de uma hora na cidade. Naturalmente perdera o carro ou algum negocio imprevisto retardara-lhe a ida. Quando elle chegou á casa «o irresistivel» quiz descer para a cidade immediatamente: o seu «*rendez-vous*...», mas o commendador insistia em fazel-o jantar com elles e a senhora tinha um olhar tão carregado de supplicas e de promessas...)

Á noite o Mello, quando voltava, encolhido em uma ponta de banco, o sobretudo abotoado até ao pescoço, charuto na bocca, o Mello Passos resmungava o quer que fosse que o visinho tomou por um trecho de opera lyrica trauteado entre dentes, sob a inspiração callida dos vinhos de um bello jantar; mas que na verdade era mais ou menos o seguinte:

— Sempre besta! Não sei quando hei de deixar de ser besta! Ah! se os meus amigos soubessem...

Uma hora! uma hora inteira de liberdade... E ella a falar-me na fatalidade do amor, na força da sympathia, nos joanetes do commendador... E eu... e eu a falar-lhe... no clima da Tijuca! Mas o commendador é tão meu amigo!... Idiota que eu sou!... e baforava, enraivecido, como um canudo de paquete.

Depois, destraçou as pernas, passou a esquerda para cima da direita, puchou os punhos, cofiou o bigode e murmurou com um sorriso satisfeito:

— Agora é minha a praça. Tomo-a de assalto qualquer dia... Como é bonita! — e «o irresistivel» suspirou.

Naturalmente nesse instante o Figueiredo repetia ao seu joven companheiro:

— Irresistivel, meu caro! Apostaria uma perna em como aquelle felizardo está a estas horas enfeitando a cabeça do commendador.

Flores de panno

A Filinto de Almeida.

Uma vez, ao passarmos pela rua do Ouvidor, como parassemos ao acaso deante da vitrine *de Madame Rosenwald, disseste, apontando varios* bouquets, *grinaldas e flores soltas — artificiaes:*

— Isto é mais que indecencia: é crime. E ha mulheres que se adornam com flores d'estas, havendo ainda das outras!...

E acabaste o pensamento com um gesto de enojo.

Um dia d'estes lembrei-me d'esse episodio e fiz este conto.

É uma fantasia, uma simples fabula, da qual — como de todas as fabulas — é de estylo tirar a moralidade.

E a moralidade d'esta resume-se em quatro palavras:

— Só ha uma florista, minhas senhoras, de cuja loja vos deveis fornecer. Chama-se: — Natureza.

São tuas estas flores de panno.

Não as confundas, porém, com as outras; pois que, se com ellas se parecem — por inodóras e inexpressivas — salva-as, comtudo, um merecimento: — enlaça-as o teu nome.

I

Marieta abrio finalmente os seus lindos olhos fatigados, e, sentando-se na cama, com o sobresalto de quem acorda em meio de um profundo somno reparador, volveu-os em deredor, espantadamente, procurando reconhecer onde estava.

Não! não era mais no baile da viscondessa.

O sonho acabara-se, aquelle delicioso sonho, que principiára ás 9 horas da noite anterior com a entrada nos sumptuosos salões da elegante fidalga de Botafogo, e que se tinha prolongado no somno,

accrescendo e multiplicando-se de mil outros incidentes, encantadoramente absurdos.

A moça levou as mãos aos olhos, mal acordados ainda, como que lhes perguntando se aquella realidade ainda era um sonho, ou se aquelle sonho fôra realidade.

Mas os feiticeiros olhos de Marieta, sacudindo resolutamente os ultimos fluidos magneticos do somno, —despotico senhor, que por tanto tempo havia retido em trevas aquelles formosos soberanos, descaptivando assim por algumas horas os corações escravisados por elles: — os lindos olhos de Marieta disseram-lhe toda a verdade, com a franqueza e a sisudez de sinceros amigos.

Marieta estava na sua camara e no seu leito de donzella. Sim; lá estavam a sorrir-lhe da parede, do fundo do seu azul estrellado e calmo, debruçados sobre um rolo de nuvens, como em um balcão de janella, os seus queridos amiguinhos:—dois seraphins de Raphael, furtados á côrte da Virgem de S. Xisto, pelo pincel sacrilego de um copista anonymo.

Um raio indiscreto, flechado pelo sol por uma fricha da janella, batia e espalhava-se no quadro, illuminando-lhe alegremente o céu e accendendo o sangue nas papudas e risonhas faces dos pequenitos.

E assim, tocadas por aquelle beijo de luz matutina, etherisavam-se as duas cabecinhas; espiritualisava-se o meigo azul dos seus grandes olhos travessos; os flavos anneis das suas cabelleiras palpitavam no ar, como a um sopro de claridade; transpareciam-lhe as azas leves, redondas, roseas, empennujadas, abertas como para ensaiar timidamente um vôo; as conchas de nacar das pequeninas boccas entreabriam-se em um sorriso malicioso; e os dois anjinhos, entrenlaçados nos gordos braços em fraternal intimidade, as mãosinhas abertas, espontando da téla, parecia estarem dizendo a Marieta, fitando-a com um doce olhar de amorosa reprehensão:

—Bom dia, preguiçosa! Bom dia!... Então, agora é que desperta?! E nós aqui a esperal-a, a esperal-a...

Marieta sorriu-lhes, e, circulando a vista ainda mal segura, deu com as roupas e os adornos com que fôra ao baile, atirados confusamente sobre uma poltrona e pelo chão esteirado, junto á *toilette* elegantissima, cujo alto espelho de puro crystal luzia vagamente, reflectindo o papel da parede fronteira —como reflecte um lago um fundo de céu dilucular, cavado e sereno, pallidamente azul, em que desmaiam as derradeiras estrellas...

O primoroso vestido de setim rosa e velhas rendas de Inglaterra jazia amarfanhado, escorrendo as fitas *moirées*, desatadas, para o chão, como estreitos regatos adormecidos; sobre a confusão das roupas, no assento da poltrona, o leque de madreperola e pellucia branca, entreaberto ainda — como a aza de uma pomba morta; o lencinho de rendas, repassado de um fino aroma de *spina-rosa*; as compridas luvas enrugadas, tristes, torcendo os dedos vasios, como se as desesperasse a ausencia d'aquelles braços e d'aquellas mãos divinas, que ali estão despidos, em tentadora nudez abandonada, soerguendo, emmoldurando uma cabecinha adoravel e cegamente adorada.

Aos pés da cama, no soalho, uma nuvem de saias, na mesma posição em que Marieta as deixára cair, havia algumas horas, quando saltára semi-núa para o leito.

Sobre o tapete uma liga, um laço espedaçado, um sapatinho de setim branco e mais para a cabeceira, junto ao velador de xarão, em que acabava de expirar a flamma da pequena lamparina de porcellana, um festão de flores de panno: — rosas brancas e amarellas, entrelaçadas a um ramo de madresilvas.

Havia por todo o casto aposento a deliciosa des-

ordem deixada por um despir de mulher bonita e moça.

Naquella confusão de objectos, arrastados, caidos, amarrotados, adivinhava-se, melhor: lia-se claramente a historia de Marieta.

Falava da virgindade do seu bello seio de marmore vivo e de todas as emoções vibradas nelle o espartilho aberto e desatado, soltos os atacadores de seda, erguidas as duas leves protuberancias, em que moram durante o dia os dois encantados thesouros que homem algum jámais vio e que apenas um possuirá; e, no seu abandono, parecia abrir-se todo com anciosa saudade por estreitar novamente e guardar com avarento recato o niveo collo de Marieta.

Os sapatinhos parecia palpitarem, ainda entontecidos, ebriados no ritornello da ultima valsa; do leque mal fechado como que se evolava em um perfume o fremito de um sorriso, de uma palavra de amor. No armoreado e vellino *carnet* do baile, atirado com o lenço e as luvas, havia terriveis e mysteriosas revelações... Liam-se ali, na letrinha redonda e tremula da mão de uma enamorada, um nome de homem, um bello nome sonoro e masculo: — Raul.

E esse nome repetia-se duas, tres vezes. Estava

inscripto para a primeira contradança, para a primeira valsa, para a primeira polka, para os lanceiros, para o galope final.

Mas... que é isto? Alguem pronunciou esse nome; elle acaba de soar no ambiente, como um suspiro que estremece e foge.

Foi Marieta quem o pronunciou, sem querer talvez... E ao passar-lhe pelos labios aquelle nome, como um beijo, todo o seu corpo estremeceu em um delicioso fremito.

Mas a porta do aposento abrio-se sem rumor, mansamente, e Thereza, uma velha mestiça, entrou com a bandejinha do chocolate.

Chegada ao leito, depol-a sobre o velador, e, ajoelhando-se sobre o tapete, pegou de uma das mãos de Marieta nas suas asperas e cançadas mãos de escrava, e cobrio-a de beijos, em silencio.

— Bom dia, *mamãe;* — disse a moça afagando a cabeça da velha mulata, que a havia amamentado, que era sua mãe de «criação».

Depois, examinou com olhar sofrego a bandeja, onde fumava levemente, aromosa e tepida, a chavena de chocolate, ao lado dos biscoitos leves e do copo de agua, e murmurou com faceira tristeza:

— Só isto, *mamãe?*

E ficou a olhar para ella, com olhos que armavam á piedade.

— Só isto; respondeu a mulata.

Mas o seu ar — não lhe podia mentir a pobre Thereza! — dizia claramente: «Ainda ha mais alguma cousa».

— Dá-me; dá-me! pedia Marieta, soerguendo o busto, mal guardado pelo cabeção rendado da camisa; e a sua supplica, subindo d'aquella nudez immaculada, era uma ordem de irresistivel imperio.

E a pobre Thereza não resistio. Tirou de sob o chale uma pequena carta fechada; mas antes de entregal-a á sua querida nhanhã, impoz uma condição:

— Ha de tomar primeiro o chocolate.

— Depois... respondeu Marieta, buscando tirar-lhe a carta.

— Não, não; ha de ser antes.

Não houve remedio senão fazer-lhe a vontade.

A moça engolio aos tragos, sofregamente, o seu chocolate; mas não sem nelle sopetear dois ou tres biscoitos, impostos pela *mamãe;* e, logo que se vio desobrigada d'aquella condição, arrebatou-lhe a carta.

Eis o que lhe dizia Raul:

II

« Furioso! Estou furioso, minha querida Marieta.

« São cinco e meia horas da manhã.

« Ha tres que voltei de casa da viscondessa, deixando o baile por acabar e faltando ao nosso compromisso para o galope final.

« Pretextei um incommodo para sahir. Lembras-te?

« Mas não te mentia de todo. Desde que te vi hontem, comecei a sentir-me mal, e, para que te não dissesse ali mesmo com grande escandalo o que vaes lêr — retirei-me.

« Chegado a casa, despi-me febrilmente, fumei mais um cigarro e deitei-me.

« Quem disse que eu podia dormir?

« Chamei, como de costume, a tua imagem aos meus olhos cerrados, para adormecer á sua divina caricia.

« Mas a tua adorada imagem appareceu-me ainda como a vira no baile, como me acompanhára no carro, como a estou vendo mesmo agora, desenhada

vagamente sobre este papel, em que procuro illudir o meu soffrimento — autopsiando-o.

«Chamei-te, minha adorada, em teu proprio auxilio, e pedi á Marieta de sempre que me fizesse esquecer a Marieta do baile da viscondessa; mas tudo em vão: — Era esta quem vinha, continuamente, pertinazmente, como se a querida de minha alma houvesse sido sempre aquella que tanto me fez soffrer.»

«A moça interrompeu a leitura que ia fazendo em um cicio de oração, mergulhada no afofamento das almofadas, e, como se tivesse um grande medo de continual-a, deixou que os olhos passeassem ás tontas pelo aposento, pousando um pouco, — casal de borboletas negras, — no tapete, no *psyché*, nas joias, nas roupas, nos anjos de Raphael e nas flôres de panno, que ali estavam no chão, junto ao velador. Admiraram por um momento a sua belleza falsa, e — retiro a imagem das borboletas — inebriaram-se nas côres, nos caprichosos refolhos d'aquellas rosas de modista.

Depois, attrahidos pela carta, volveram a ella, assustados do que poderiam lêr.

Que teria ella feito de máu, que assim zangára o seu Raul, de ordinario tão docil, tão meigo, tão complacente?...

Que crime seria o seu?

«Vendo, emfim, que procurar o somno era torturar-me com inutil supplicio, saltei da cama, tomei o meu costumado banho de chuva, fiz a *toilette* com que devia ir para o escriptorio — eram ainda quatro horas e quarenta e tres minutos! — e, depois de prompto, como tiritasse de frio, meditei meio minuto no que deveria fazer: — Tomar uma infusão de cabeças de phosphoros, ou um calice de *cognac?*

«Optei pelo *cognac*... Oh! eu sempre decido pelo peior!...

«Depois, como ainda era cedo para ir metter-me por cinco horas no pôtro da advocacia... sem clientes, e como só te poderia ver hoje á tarde, resolvi mandar-te em folha e meia de papel, marca diplomata, todos os negros padecimentos de uma alma que morre por ti, e á qual retribues a dedicação com punhaladas crueis.

«Oh! não te defendas! Não te defendas!

«Faze antes o que á doce Desdemona aconselhava no supremo instante o seu famigerado esposo: — Pensa nos teus pecados!

«Ah! não julgues que te quero asphyxiar com esta carta, como fez o brutamontes shakespeariano,

nem tão pouco estrangular-te — mimosa creatura! — com o rijo fio d'este discurso epistolar.

«Tranquilisa-te: perdôo-te; bem vês.

«Já pódes, por conseguinte, ouvir a tremenda accusação do teu crime.

«Ah! minha pobre Marieta, minha pobre Marieta! Não sei se me sobrarão forças para te dizer tudo.

«Tu hontem...

«Nem sei, nem sei como principiar!

«O melhor é desfechar-te a accusação de um golpe, á queima-roupa... Um, dois, tres:

«Tu hontem, no baile da viscondessa... trazias flores... de panno! De panno! minha Marieta: — de panno!

«Tu, a mais formosa das creaturas; tu, para quem Deus encommendou as rosas, as violetas e as camelias e os geranios e os jasmins e os cravos á Natureza — tu te enfeitas com flôres — de trapo!

«Oh! mas isto é um pecado mortal! As flores, Marieta, — essas filhas do sol — como diz o poeta d'*As carícias*, são como as mulheres: querem-se de carne, com sangue e nervos, palpitantes e vivas. Jámais de panno! Jámais.

«Meu Deus! que pensarão de ti agora as rosas?

«Que dirão de ti a magnolia, o heliotropo, a pervinca e o amor perfeito?

«Que idéa fará da mais pura das mulheres a mais candida das flores: — a camelia?

«Que vergonha!»

Neste ponto a noiva de Raul, ruborejada de pejo, mergulhou sob uma onda das rendas dos lençóes, repetiado, com a voz tremula de pranto: — Que vergonha! Que vergonha!

Amarrotava febrilmente entre as mãos juntas o seu terrivel libello accusatorio; suffocava-a um soluçar violento, angustioso, como se lhe pesasse na consciencia o remorso implacavel do nefando crime.

E então lembrou-lhe que durante o baile Raul estivera triste, e que não lhe dissera nenhuma d'aquellas galantissimas amabilidades com que costumava entretel-a durante horas, ao canto de uma janella ou em um passeio pelo salão, num brando e doce palestrar quasi mysterioso, entrecortado de sorrisos, illuminado de olhares amorosos.

Lembrou-lhe ainda mais que, depois do primeiro encontro no baile, elle a deixára, voltando pouco depois com um lindo botão de rosa Guanahara na botoeira, e lhe dissera:

— Não é bonita esta rosa? Fui pedil-a a uma

tua amiga, pois que das flores que hoje trazes comtigo não me podes dar nenhuma.

E Marieta bem vira que elle tinha razão : — as suas flores eram artificiaes.

E não comprehendera o desgosto do seu amado! e nem sequer desconfiára do seu crime!

Ergueu de novo o busto em um assomo de energica resolução, e, enxugando os olhos nervosamente, continuou a leitura :

« Como has de voltar de novo ao teu jardim, Marieta?

« Ah ! minha pobre adorada, é preciso, é urgente uma reparação! Desaggrava as flores, minha flor!

« Se queres comprehender a grandeza da tua offensa e a justiça dos seus queixumes — procura comparar por um instante essas flores que hontem trazias com as naturaes, que ellas imitam. Olha, examina essas rosas: são de panno pintado, não têm perfume, não têm sangue, não têm vida, nem graça, nem frescura, nem alma. Esse orvalho que as roreja não lhes veio do ceu : fel-o uma indifferente e estupida florista com « pingos d'agua ».

« O caule é de arame; o pollen não fecunda : é um polvilho amarello; esse rubor das petalas é feito de vermelhão.

«Parecem-te vivas, talvez. Pois mergulha-as na agua e verás o que lhes acontece. Não morrerão, porque nunca viveram: são falsas; mas hão de decompor-se ignobilmente: o trapo encharcado escorrerá todo esse carmim postiço, as folhas descolladas mancharão a agua de um veneno verde, a gomma, dissolvendo-se, fará despegar e cahir todas as petalas, e essa florida tafularia de ha pouco tornar-se-á simplesmente — uma porcaria!

«Colhe agora uma rosa natural e examina-a...

«Que frescura, que mimo, que delicadeza!

«As petalas lembram as tuas faces: macias, finas, deliciosamente rosadas, e um rubor sanguineo palpitando sob delicadissima pellucia...

«E que perfume!... Embalsama-se o ar, e os pulmões dilatam-se em uma expansão de felicidade, ao receberem o hausto impregnado do fresco, alegre e purissimo aroma da rosa...

«Mergulha-a n'agua e emergirá mais fresca, mais pura, mais viçosa, mais bella!

«Ainda mesmo depois de morta será formosa.

«O cadaver de uma rosa é um despojo sagrado: guarda-se com religioso cuidado no fundo de um cofre de joias, onde elle vae dormir o seu somno per-

fumoso e pallido, ao scintillar irisado das pedrarias preciosas; sepulta-se ao canto de uma gaveta, amortalhado na cambraia alvissima das roupas, ou entre as folhas de um livro amado, ou dentro de uma carteira, em companhia de velhas cartas, mil vezes lidas...

«E assim são todas as flores, Marieta: — fazem a alegria dos jardins dos millionarios e a felicidade obscura, e talvez por isso melhor, das humildes aguas-furtadas, das miseraveis trapeiras.

«Oh! não chames infeliz á pobre rapariga maltrapilha que encontrares á esquina da rua, com a fome nos olhos e a morte sobre as faces: — talvez ella tenha ao canto da sua estreita janellinha de sotão um pé de malvas ou um galho de roseira, plantado em um vaso de barro.

«Não póde haver tristeza onde ha flores.

«Dir-me-ás que tambem ha flores tristes: — a saudade, a perpetua, a sempre-viva, o goivo e o desgraçado cravo chamado — de defunto.

«Mas serão feias pelo facto de serem tristes?

«Ha saudades bellissimas, que valem rosas; e, demais, basta-lhes o nome: saudade...

«Se á sempre-viva falta a expressão, a physionomia caracteristica que em geral todas as flores

têm, é porque exactamente é de todas as flores a menos natural: parece feita de palha.

«Chamam-n'a a «sempre-viva»; «sempre-morta», é o que ella é.

«Até parece artificial — a desgraçada!

«E as flores de laranjeira com que se adornam as noivas?...

«Já reparaste como são feias, como são ridiculas e tristes?...

«Oh! não te engrinaldes com semelhantes flores, Marieta, quando casares; ou, se as preferes ás flores de laranjeira naturaes — então — perdôa-me! — não te cases commigo.

«Algodão, cera, pellica, papel de seda e arame; — é com isso que se symbolisa entre nós a immaculada candura das noivas!

«E ao passo que ellas se enfeitam com semelhantes horrores, as verdadeiras flores de laranjeira, as legitimas, esfolham-se e caem tristemente das galhadas verdes, em miuda chuva silenciosa, que embalsama os ares deliciosamente, e fórra o solo de alvissimo e perfumoso tapete.

«Ninguem as quer!

«E enriquecem no emtanto as mãos habilidosas que as fingem — com arame, pellica, algodão, papel

de seda, cêra... e não sei mais que heresias contra a Natureza!...

«Quando vejo violetas de panno, chego a ter impetos de matar quem as vende, ou a pessoa que as traz.

«É que me lembro das palavras de Laertes aos que iam enterrar sua irmã, a pallida e malaventurada Ophelia: «Deponde-a sobre a terra, e da sua bella carne immaculada possam nascer violetas!...»

«Se eu te dissesse todo o mal que penso das flores artificiaes, não terminaria nunca esta carta, e é forçoso terminal-a.

«Direi apenas mais duas palavras, e concluirei.

«A flor artificial é estupida como uma mulher pintada e postiça, e é triste como uma mulher estupida.

«Não vive, e, portanto, não morre!

«Vivam as flores que morrem!

«Adeus, Marieta.

«Se te não convencer toda a minha eloquencia indignada, será porque usei de flores de rhetorica, e as flores de rhetorica não são naturaes.

«Mas levanta-te — pois naturalmente esta carta

ha de ir encontrar-te deitada inda — abre a janella que dá para o teu jardim, e...

«E jámais adornarás os teus cabellos de dryade e o teu collo, niveo e mimoso como as rosas e as açucenas, com açucenas e rosas... de trapo!...

«E até logo, flor.»

RAUL.

Quando acabou de lêr a carta, Marieta desceo o braço até o tapete, apanhou as malsinadas flores com que fôra ao baile da viscondessa, e espatifou-as, esfrangalhou-as nos dentes e nas mãos crispadas de raiva, offegante, afogueada e febril, com a alegria cruel de quem se vinga de antigo e execrado inimigo, trucidando-o afinal, depois de longo tempo de um odio concentrado e impotente.

Em seguida saltou da cama, calçou os pequeninos pantuffos e pisou aos pés os restos das flores, calcando-as, envilecendo-as no pó, com o furor terrivel de uma deusa que se desforra. Um suspiro de allivio inflou-lhe por fim o peito, e sorriu.

Raul estava vingado.

Mas de repente, como se o relampago de uma idéa salvadora lhe illuminasse o cerebro, correu á janella que dava sobre o jardim, e abrio-a nervosamente, com impaciencia, fazendo estalar a madeira e estremecer sonóramente as vidraças.

O sol entrou de um salto no aposento, risonho e scintillante como um *clown* coberto de prata e ouro: e deante dos olhos da bella Marieta surgiu o mais florido e perfumoso jardim do mundo.

Estando o quarto de Marieta situado ao rez do chão, as varandas davam sobre o jardim e eram tão baixas que d'ellas se podia colher algumas flores das roseiras e jasmineiros mais proximos.

A madresilva enramava-se pelas grades, enredando-se, espiralando-se pelos batentes e pela parede, entrando para o aposento.

A multidão das rosas — brancas, vermelhas, amarellas, côr de creme e côr de carne; as camelias opulentas, altivas, lacteas como seios reaes; as dhalias de todas as côres e de todos os tamanhos, — folhudas, cheias, redondas, balouçando garbosas sobre os caules flexiveis; as magnotias sumptuosas, immaculadas, direitas, assediadas pelas rijas folhas agudas, de um verde negro, como nymphas nuas,

prisioneiras num circulo de lanças; os jasmineiros do Cabo, inteiramente cobertos de brancas flores odorosissimas; os espectaculosos e levianos gyrasoes, inclinados submissamente para o Levante, em cortezia correcta de subditos respeitosos... toda essa multidão, deliciosamente pittoresca, de flores variegadas, de mil diversas côres e matizes, agglomeradas sob as janellas de Marieta, lembrava um bello povo fantastico, em paiz de fadas, que esperasse sob as varandas do palacio da sua rainha que esta lhe apparecesse.

E, de facto, quando ella surgio no desalinho encantador do seu acordar, em uma visão entonteecedora de cambraias e rendas alvissimas e nudezas olympicas, fugidias — ergueu-se d'aquelle povo de flores um murmurio de saudação: sussurro de folhas, monosyllabos de petalas, suspirar de brisas, e em uma leve nuvem de perfumes purissimos subiram as almas das flores aos pés da sua encantadora rainha...

E a que primeiro lhe chegou foi a da unica invisivel — a violeta.

Marieta, entretanto, attonita, deslumbrada, commovida, inclinava-se para fóra da varanda, genuflectindo a meio, e estendendo ás flores as mãos jun-

tas em attitude de suprema supplica, os olhos rasos de pranto, — murmurou docemente, com a voz flébil e estremecida de um grande criminoso arrependido e contricto:

— Perdão! Perdão!

Julho — 1884.

Vaporosa

PERFIL FEMININO

A J. A. Pedreira Franco.

O leitor vio-a, por certo, no ultimo baile do Cassino.

Dansou talvez com ella.

Se a vio — é feliz.

Ver um dia, um instante, aquelle corpo de mulher, singularmente bello: perfumado, luminoso, leve como uma pluma de faisão dourado, embebida de um aroma de *ylang-lang* — é ter enriquecido para sempre a memoria com um delicioso perfil de *wilis*.

Tel-a, porém, nos braços o breve tempo de uma valsa de Metra, sentir-lhe o halito de rosa, a maciez quente das linhas esculpturaes do seu busto, o contacto velludoso, dulcissimo da sua pequena mão, tão delicada e tão alva que a todo o momento parece

desfazer-se em uma caricia; abrigar um segundo na retina os seus olhos castanhos: — « duas amendoas, lavadas de luar »; ter-lhe visto descerrar-se a romã dos labios em um sorriso de perolas captivas; receber nas faces, affogueadas do ardor da valsa e da febre da posse momentanea desse thesouro, o beijo fugitivo e perfumado de uma das melenas esvoaçantes da sua cabelleira opulenta de deusa grega; sentir rolar no ouvido o fio de diamantes da sua voz crystallina e meiga — como a de uma agua virgem; — é mais do que ser feliz toda a vida: — é haver sido deus um instante!

Chamam-na — Vaporosa. Chamassem-na antes — Ideal!

É pelo menos assim que a designa um poeta pauperrimo e doido, que mora defronte do seu lindo chalet — nas Larangeiras — e que por ella se arruina e se consomme, incognitamente, em sonetos e madrigaes.

Ideal... diriam á Vaporosa — os olhares d'aquelle insensato, se Vaporosa os visse — tão longos, tão humidos de goso, tão illuminados de amor!

Ideal! ella ouviria gemer á noite ao pensamento ancioso e torturado do seu poeta, de rastros aos seus pés: — pés divinos de Cendrillon, que escurecem a

virginal brancura dos linhos, quando, humectados ainda do banho aromado e morno, descaptivam-se das pequeninas sandalias de seda azul, e saltam ao ninho de rendas do leito, como um casal de rolas de neve que se agasalham para dormir: — ouvira-o, sim, e quem sabe se o não acolheria sorrindo, como um perfume sagrado de ambula de ouro?! — se ao menos soubesse que elle existia — esse nababo de illusões e rimas!...

Ideal!... leria ella por titulo ao manuscripto de um delicadissimo poema em sonetos, rendilhados á florentina, por noites interminaveis de sonhos febris e de anceios suffocados em pranto — se fosse possivel áquellas paginas ignoradas chegar ás mãos patricias de Vaporosa.

Mas não.

A galantissima senhora jamais fizera attenção nos olhares do seu poeta, e mal poderia dizer se alguma vez o teria visto.

Tambem é verdade que elle apenas pedia aos céus uma graça, um favor unico: — vel-a. E mais nada.

Vel-a sempre!

Vel-a pela manhã, no jardim, em roupão de rendas e bordados indiscretos, deixando adivinhar pelos claros dos seus arabescos pontos rosados e brancos

da carne moça e bem tratada, como os nevoeiros diluculares que mal encobrem os ruboros da alvorada; o cabello, desenrolando-se, a escorregar pelos hombros, no preguiçoso desatavio do amanhecer — lembrando o acordar de um passaro, desarredondando-se aos poucos, mexendo as pennas, espreguiçando as azas...

E os seus longos braços nus, finos, mas de um desenho impeccavel, apparecendo e desapperecendo d'entre os tuffos das folhagens orvalhadas e verdes das largas aureolas rescendentes dos jasmineiros em flor, dos *bouquets* de rosas de neve e sangue — como dois pescoços de cysne, immaculadamente brancos, retouçando em um grande lago de flores...!?

Ah! vel-a assim — a essa hora, beijada pelo sol, pelas flores, pelas borboletas, pelos colibris, pelos seus canarios, através do gradeamento dourado das gaiolas, beijada por toda a Natureza — menos por elle, que a adorava mais do que a adoravam os canarios, os colibris, as borboletas, as rosas, os jasmins, as violetas e o sol!

Vêl-a depois, ao pino do dia, passando e repassando por frente das varandas abertas, trefegamente, de um logar a outro da casa, sorrindo, correndo, cantarolando: — o cabello penteado á romana, atra-

vessado por uma setta de prata; o busto cingido nas linhas impeccaveis do singelo vestido de setineta estampada, representando um chuveiro de botões de rosa; nas mãos, ora um punhado de flores, ora um bordado, uma fructa, um livro ou um prato...

Porque elle, o seu poeta ignorado, que passava horas e dias, dias e mezes, occulto por traz da veneziana do seu pobre quartinho, a espiar-lhe todos os movimentos — elle a via muitas vezes, quasi todos os dias, passar correndo travessamente, a rir, com um prato e um talher nas mãos — em direcção á cosinha.

— É talvez gulosa; induziu elle; e mais amou-a.

Vêl-a, á tarde, sahir a passeio pelo braço do pae, um grande velho todo asseiado, muito meigo para a filha, ou com algum dos irmãos, que não eram poucos, e todos muito altos e muito magros: um medico, um advogado, um engenheiro...

Primeiro, devorava a com os olhos esfaimados; devorava-lhe a cabeça preciosa, de um desenho audacioso e correctissimo, garridamente coberta por um chapéu á Sarah Bernhardt; o rosto de uma discreta magreza, encantadoramente pallido, o nariz delicado, a bocca vermelha e breve, o mento mimoso, os olhos lindos e crudelissimos, as orelhas nacara-

das, curvas, pequeninas como duas conchas de nacar — que pedem perolas; o collo cheio, elegantissimo, arfando a curva impeccavel e tentadora sob o amplexo estreito da fina seda esticada; as mãos e os braços enluvados em *poie de Suède* até ás curvas; todas as linhas, todos os contornos d'aquelle corpo walkiriano, vaporoso — idéal!

Depois tomava nervosamente do chapéu e sahia.

Sahia para acompanhal-a de longe, pisando religiosamente nas suas pegadas, seguindo-lhe com olhos avidos e enfebrecidos, a *silhouette*, esbatida suavemente no fundo melancolico, azul pallido, da luz crepuscular.

Ou então ficava á janella, fumando tristemente, todo embebido na sua imagem, á espera de vêl-a de novo apparecer no salão illuminado do chalet, entre os vozeios confusos das conversas e as alacridades do pianno.

Quando não podia vêl-a, á noite, ouvia-lhe a voz divina, evolando-se limpida e commovida em trilos, em garganteios, em fugas harmoniosissimas, na *Aïda*, no *Rigoletto*, na *Lucia*.

Vêl-a e ouvil-a! Não pedia mais nada, mais nada! — na sublime e dolorosa modestia do seu grande amor ignorado.

Uma vez, em que voltava da cidade em um bonde, aconteceu que se sentou por traz de um dos irmãos de Vaporosa.

Era o advogado; ia conversando com o dr. Passos, velho medico do arrabalde e que muito frequentava o *chalet*.

O nosso poeta — para que descobrir-lhe o nome? — percebeu logo que se occupavam de sua « noiva » — como elle costumava dizer graciosamente, para se consolar talvez.

E tratou de não perder palavra.

— Muito fraquinha; muito fraquinha; — dizia o medico. Mas isso não ha de ser nada; é a chlorose. Precisa de tonicos, muitos tonicos; carnes sangrentas, leite, bons ares, distracções leves, pouco fatigantes, e sobretudo evitar bailes, noitadas de festa.

— Ah! doutor. Ella adora a valsa, o *cotillon*, o theatro.

— É mau, cumpre impedil-o. Do contrario...

A physionomia do irmão de Vaporosa tornou-se anciosamente interrogativa.

O medico comprehendeu-o e volveu-lhe:

— Não; não ha perigo. Mas é tão debil, tão melindrosa...

— E aquella tossesinha, doutor?

— Passará com o xarope que receitei; não é nada.

— Ah, doutor! Não imagina como vivemos todos em casa. São continuos cuidados, sustos constantes. Se a chamamos *Vaporosa!* É tão fraca, tão fraca que, quando passa algumas horas sem alimentar-se, tem vertigens e ás vezes syncopes. E depois, tão caprichosa, tão irritadiça, de humor tão variavel, tão inconstante!... Receiamos tanto por ella! Quem sabe se talvez casando...

— Peior. Não conceberá; ou, se conceber — morre.

— Devéras, doutor?

— Oh! É uma vida mais que precaria: — miraculosa. É tenteal-a; é tenteal-a.

E o medico, assim dizendo, despediu-se e saltou.

Momentos depois, estava o poeta á sua janella, mais triste e mais amoroso que nunca; e, de olhar fito nas varandas do *chalet,* esperava a sua «noiva», que nesse dia tardava bastante á sua entrevista inconsciente, imaginaria.

Para enganar a demora, entrou a compor um madrigal, um delicioso madrigal, em que dizia:

«Vaporosa visão que te alimentas
«De sonhos e de petalas de flores...»

Nesse momento appareceu Vaporosa, vindo da cosinha para o salão de jantar, cantarolando alegremente, com um pequeno prato fumegante e um talher nas mãos...

E o misero poeta accrescentou então ao madrigal, tristemente: « ... e de bifes, de carnes mal assadas... »

Sim, pobre amigo!

Essa mulher que te inutilisa todas as forças, a ti, que és tão forte — essa creança vaporosa, essa creatura melindrosa e etherea, precisa refazer, de hora em hora, o seu pobre alento vital — á força de *roast-beefs* e de *Port-win*.

E' uma moribunda — essa mulher que te mata!

Alimentae o ideal, sonhadores!

A aventura do Lousada

Um santo, aquelle Pacifico da Silva Lousada e Souza!

O nome é estirado e emphatico. Parece de jurisconsulto lusitano, mas é o de um simples empregado do Thesouro Nacional.

Quem ha que não tenha visto o Lousada na rua do Ouvidor, depois das tres da tarde, sentado á porta de certa alfaiataria, risonho e tranquillo, tomando beatamente a sua pitada?...

É esse um velho habito de vinte e cinco annos. A loja tem tido varios donos; diversas firmas têm occupado a taboleta da casa, mas o Lousada nem um só dia, a não ser por motivo de enfermidade, tem dado ponto naquella especie de segundo emprego publico.

Elle tem sido testemunha presencial de um largo trato da vida da rua do Ouvidor; por deante do seu sorriso manso, inexpressivo e chronico, tem passado, das tres ás cinco da tarde, durante um quarto de seculo, todo o Rio de Janeiro; mais: todo o Brasil; porque é o grande imperio que por ali tem ido e vindo, mettido nas pastas dos ministros, nos bolsos dos senadores, deputados, conselheiros, presidentes, emprezarios e industriaes; e discutido nos seus gestos e palavras, e arrastado — como não? — nas barras rumorosas dos vestidos caros das damas, de todas as damas, puras e impuras, bonitas e feias, que tambem as feias encontram idolatras.

Dia a dia, elle tem visto daquella porta o passar dos homens e das cousas, desapparecendo para reapparecerem, apparecendo para desapparecerem. E elle, o velho Lousada, o pacifico por nome e por natureza, elle sempre na sua cadeira á porta da alfaiataria, depois das tres, a sorrir machinalmente, trocando um gesto, uma palavra, um olhar assustado com a cidade que lhe passa por deante, borborinhando inquieta e febril, preoccupada e distrahida, risonha e triste.

Depois, em certo momento, que lhe é todos os dias marcado invariavelmente por uma pancada surda

no estomago — pancada que correspon le com exactidão maravilhosa a esta phrase, pronunciada nesse mesmo instante por D. Eufemia, em Mata-porcos: — «Tira o jantar. *Seu* Pacifico não tarda»; nesse momento, Lousada levanta-se, retira a cadeira para dentro da loja, sorri-se aos circumstantes, cumprimenta-os, dá uma palmadinha amigavel na espadua do dono da casa e sahe por fim lentamente, com uma das mãos na algibeira das calças e o guarda-chuva na outra, suspenso ao hombro, na posição de uma espingarda.

Concedo que haja alguem que o não tenha visto, nem uma vez, sentado á porta da alfaiataria: quem está é que observa; quem passa vae mettido comsigo, apressado, com o pensamento em negocios ou em outra cousa.

Mas não ha — sob juramento o affirmo — não ha ninguem que não tenha encontrado na rua, ao menos uma vez, um homemzinho magro, côres fracas, olhos vividos, pequenos, nariz afilado, barbinhas alvas e ralas, e nos beiços emmurchecidos um sorriso amavel, distribuido, muito delicado e satisfeito; sorriso que parece dizer á gente: — «Quanto folgo em vel-o! Pois não me conhece? Eu sou aquelle seu amigo, que não faz mal a ninguem — nem ás moscas!»

Pois esse velhinho, risonho e placido, é o Lousada, o Pacifico da Silva Lousada e Sousa, o digno marido de D. Eufemia, aquella senhora gordalhaça, anafada, cheia de ouros, muito comprimentadeira, que ás vezes o leitor tem visto pelo braço do Lousada, ao domingo, ou sahindo da missa do Rosario ou entrando na Praça do Mercado.

Admiravel par! Nunca deu ao mundo nem um habitante, mas tem-lhe dado, em compensação, o precioso exemplo da felicidade conjugal inteiriça, inalteravel, completa.

Deixemos, porém, de parte a excellente D. Eufemia e restrinjamo-nos á narração da singular aventura acontecida ao seu esposo ha pouco mais de um mez; pois que não é outro o motivo d'estas linhas. Aventura singularissima, na verdade!

Sei-a de fonte limpa, de um compadre do proprio Lousada.

Demais, o facto é hoje do dominio publico e não ha quem o desconheça.

Na cidade não se falou de outra cousa durante oito dias senão «do inimigo do Lousada!»

O Lousada com inimigos!

Mas não antecipemos os factos.

O excellente homem foi sempre doudo por procissões e festanças religiosas. É irmão de varias ordens terceiras, provedor de mais de uma irmandade e competentissimo em questões de egreja e sachristia.

Sabe de cór muitos e longos sermões dos padres Antonio Vieira e Mont'Alverne, e é quasi sempre quem indica o pregador para as festas.

Nas procissões vel-o-eis sempre, de balandráu enfunado e tocha em punho. O mais das vezes acompanha alguma afilhada que vae de virgem ou cherubim, e ahi é que é vel-o satisfeito e risonho.

Ora bem. Uma vez, — foi isto ha uns tres annos, — ia o nosso Lousada muito cheio de si numa procissão, conduzindo um lindissimo archanjo, filho do seu compadre Euzebio. Levava a face expandida em um sorriso beatifico e media o passo, num rythmo de marcha, pelo andar cadenciado e tremulo dos anjos. Mirava, de cabeça ao lado, as janellas e varandas — ornadas de damascos de varias côres e apinhadas de gente — com o geito espreitante e peculiar dos palmipedes.

Ao vel-o assim sorridente, repousado, cabeça erguida, a meia-calva relusindo aos derradeiros raios do sol, o balandráu de sêda branca e borlas de ouro inflado ao vento, o passo pausado e grave, o olhar

humido de gloria e de jubilo — ninguem trepidaria em dizer: — «Ali vae o homem mais venturoso do mundo».

E não se enganára. Lousada era nesse momento inteiramente feliz. Pertinho de si, via grandes figurões pegando nas varas do pomposo pallio; havia jantado camarões — elle adorava o camarão! — ia de tocha e opa, levando um anjinho, e, para cumulo de venturas, á sacada da casa do compadre Euzebio, na rua da Misericordia, esperava-o D. Eufemia, a quem elle pretendia cortejar cá debaixo, solemnemente.

Proseguia a procissão. Mas em certo momento ouvio-se um *Déo gratias* imperativo, e parte da enorme serpente, variegada e scintillante, parou.

Lousada pousou a tocha, deu disfarçadamente alguns confeitos á afilhadinha archangelica, e passeou em torno o seu velho sorriso machinal, naquelle instante todo illuminado de orgulho. Subitamente empallideceu, dilatando os olhos em uma fixidez de pavor. Desapparecêra-lhe o sorriso.

Grave, portanto, era o que então se passava. Gravissimo.

Quando o seu olhar percorria a massa popular que se apertava na rua, abrindo em alas á procis-

são, deparou-se-lhe de repente, destacada da multidão compacta, uma cara de homem estranhamente singular e que o encarava fixamente com enormes olhos rutilantes.

Lousada comprehendeu logo, com uma intuição rapida e illuminante como faisca electrica, que elle não era desconhecido para aquelle desconhecido que assim tão exquisitamente o olhava.

O espirito do pobre homem sentio-se immediatamente preso nas garras magneticas, invisiveis e ferreas do espirito daquelle estranho, e reconheceu, *vio* que aquelle sujeito o odiava ferozmente.

Era como um iman inexplicavel, que, por meio de poderosissimo fluido, o attrahia e chamava a si. Não podia retirar os olhos de sobre aquella cara antiphatica, brutal, coberta de barba hirsuta, animada por um olhar ignobil, medonho. Depois, essa physionomia horrivel contrahio-se em uma colera biliosa; fuzilaram-lhe os olhos, e, d'entre o povo, por sobre as cabeças descobertas, estendeu-se na direcção de Lousada um punho cyclopico, fechado em murro. E aos seus ouvidos, entre a zoeira de um ameaço de syncope, chegou-lhe confusamente este monosyllabo contundente: — Cão!

Déo gratias! gritou então uma voz tabaquenta

e providencial. A procissão pôz-se de novo em movimento. — Foi o que valeu ao misero velho; mais um segundo e elle cahiria desacordado. Recomeçou a marcha tropegamente, sentindo-se acompanhado por aquelles olhos infernaes, ameaçado nas costas por um punho phantastico, gigantesco.

Já não sorria, e, quando passou por baixo da sacada em que estava D. Eufemia, não se lembrou de erguer os olhos, a procural-a.

Ella, porém, vio-o livido, espectral, e não poude reprimir um grito do coração presago: — Meu Deus! O que terá *seu* Pacifico?

Mezes depois d'esse estranho acontecimento, ia o Lousada subindo a um bonde, quando vio sentado no primeiro banco o mesmo extraordinario sujeito. Este não o vio porque lia em um jornal Tremulo, assustadissimo, o marido de D. Eufemia atirou-se logo abaixo do estribo, arriscando-se a um tombo.

Mas por aquella vez estava salvo!

Passados dois annos, já o Lousada se havia esquecido do tal *amigo*.

Um dia aconteceu que lhe impingissem um camarote de espectaculo em beneficio de uma irmandade, de que era ministro. Mas D. Eufemia que se sentia nessa noite peior do asthmatico, recusou ir ao theatro. Então o Lousada, para diminuir o prejuizo, vendeu o camarote e comprou uma cadeira para si. Não era que tivesse vontade de vêr o espectaculo, mas a sua posição na irmandade impunha-lhe o dever de não faltar. E lá foi.

A sala estava ainda mal cheia, com pouca luz. Na orchestra afinavam-se devagar os instrumentos. Entravam pouco a pouco os espectadores. Lousada poz-se á procura do numero da sua cadeira, e logo que deu com ella, depoz o sobretudo, sentou-se, puchou o binoculo do estojo e começou a limpar-lhe os vidros com o seu lenço de seda.

De repente, sentio cahir-lhe sobre um dos braços, que descansavam nos da cadeira, um pulso de chumbo e ouvio uma voz rouquenha, abafada, que lhe rugia ao ouvido:

— Finalmente encontro-te, assassino! ladrão! — e os dedos crispados em colera apertavam como ferreo guante o magro braço do marido de D. Eufemia.

O desgraçado voltou o rosto: Horror! Era ainda o seu diabolico encontro da procissão!

— Senhor... balbuciou tremendo, procurando safar o braço.

— Ah! cuidas que me foges? Enganas-te. Se te meches, mato-te; mato-te como a um cão que tu és. Temos contas a ajustar, Tartufo! Que é feito de minha irmã? Mataste-a de desgostos e bordoada, depois de lhe devorares a fortuna. Ladrão!

Nesse momento houve um reboliço na sala, o gaz abrio-se em toda a força, a *ouverture* irrompeu.

O desconhecido perseguidor de Lousada retirou a mão instinctivamente. Então o misero ergueu-se de um salto e, livido, sem chapéu e sem sobretudo, atirou-se como um doudo, aos trambolhões, para a porta do theatro, mas acompanhado pelo *outro* que regougava surdamente, no meio do pasmo geral dos espectadores:

— Arrebento-te, cachorro! Arrebento-te!

Logo que se apanhou na rua, Lousada despedio em vertiginosa carreira... Depois, não se lembra de mais nada. Quando acordou, achou-se na sua cama, com compressas d'agua fria sobre a cabeça. Havia sido encontrado perto de casa, desmaiado, com o craneo ferido.

Nunca mais vio o seu fatal e desconhecido inimigo; nem poude saber jámais quem fosse elle.

Talvez torne a encontral-o qualquer d'estes dias: amanhã ou depois.

Para enlouquecer um homem não é preciso mais do que esta espectativa temerosa.

E não seria eu que attestasse a integridade mental do honrado e inditoso Pacifico da Silva Lousada e Souza.

Novembro — 1883.

Um candidato

Oh! como são bellos, como são bellos os dias estivos na roça!

Aquelle, por exemplo.

Duas horas da tarde. Firmamento limpo, sem um farrapo de nuvem, sem uma sombra suspeita: azul, inteiramente azul, esmaecendo no horisonte, carregado no zenith; e no meio d'essa amplidão, — como uma fabulosa aranha de ouro no concavo de immenso zimborio de azulejo, — o sol esplendido, flammivomo, offuscante.

A areia da estrada palpitava faiscando; languiam os arbustos com flexões de tristesa; nem um pipio de passaro; nem um ruflado de azas nos folhedos...

Sobre a Naturesa abatida fulgia um silencio profundo e larguissimo... Parecia escutar-se o pulsar

das plantas, o perfurar das raizes nas intimidades fervidas do solo...

Como em um forno colossal, havia crepitações e chammejos: estalidos agudos, explosindo em fagulhas; os cipós espiralavam-se contorsidos e trémulos, como serpentes ao fogo; tremeluziam vermelhidões, ardentes como brasas, e ás vardascadas do vento, corriam, evolavam-se novellos de poeira cinzenta, chamalotados de rubro.

Na larga tranquillidade silenciosa e callida, soava, de quando em quando, um passar de tropa, com o trote das bestas, os saculejos dos *surrões* e os gritos agudos dos tropeiros:

—O' diabo! Eh! burro do diabo!...

Da venda do Chico Ventura, aberta no ponto em que a estrada se bipartia em direcções divergentes, sahiam lufadas de risos e de conversas e trincolejos de garrafas.

Nos *rachões* da cerca, que da estrada separava o *pasto* da casa, estavam presos alguns animaes de montaria, sacudindo a mosca, melancolicos, — sob os arreios desoccupados, á espera dos cavalleiros.

As gallinhas ciscavam, farfalhudas e trefegas, cacarejando maternalmente entre os louros e tenros pintainhos, assustadiços e gulosos.

Num cercado proximo estadeava um bácoro papeirento e gordissimo, deitado em coxins de lama, a orelha em *abat-jour* sobre o olho languidamente cerrado.

— Bóte mais um bocado da *branca, seu* Ventura; dizia um sugeito longo, amarellento e chupado, com o chapéu de palha enterrado na carapinha, picando fumo sobre o balcão. Encarapitados sobre barricas, outros fumavam, balançando no ar os pés descalços; e, cuspinhando a miudo, entre dentes, com os cotovellos fincados nas coxas, sugavam, cavando as faces, os grandes *pitos* fumegantes; e gargalhavam imbecilmente, careteando.

A vadiagem sedentaria adoentava esses homens; idiotava-lhes os olhos; repuchava-lhes as barbicas; dava-lhes physionomias de bodes nostalgicos.

Dois ou tres viajantes, de botas e rebenque, faziam compras a um canto do balcão, arranhando a fazenda para conhecer da qualidade; olhavam curiosamente para as prateleiras empoeiradas, em que se empilhavam louças ordinarias e se enfileiravam botijas e garrafas.

Para além do balcão, sobre o fundo enfumaçado da venda, movia-se o Chico Ventura, vertendo aguardente a uns e cortando pannos a outros.

Era uma cara typicamente expressiva; o seu nariz sanguineo tão desmarcado era que me lembrava o do «escudeiro do bosque», aquelle nariz que tanto horrorisou o bom Sancho Pança, na celebre madrugada do combate do Engenhoso Fidalgo com o bacharel Sansão Carrasco.

Sob essa formidavel penca, sorria-se, tolamente alegre, uma grande bocca, com o beiço superior escanhoado e o inferior quasi comido pela barba branca, em ponta de lança.

Remexia os olhinhos pretos com vivacidade, correndo de um a outro freguez, sorrindo a todos, gritando para o caixeiro — um pequeno guedelhudo e magriço, que pelo nariz bem denunciava o pae. Uma bella cabeça comica, a do Ventura: faces vermelhas e carnudas, fresca, expressiva, pletorica, exuberando saude e malicia, cheia de sangue e de alegria, como as cabeças rubenescas da *Kermesse*.

Vestia uma larga camisa de chita, desabotoada na garganta, calças da mesma fazenda, sarapintadas de amarello e ròxo, das chamadas *de enfiar*, á

cabeça constantemente um velho *chile* encardido, e tamancos a matracar nos tijolos.

— Então, *seu* Chico, quando é a eleição? perguntou um capadocio, *desempregado* pela reforma eleitoral.

— É d'aqui a um mez, *seu* Bernardo.

— Você, já se sabe, vota co'o coroné. Ein, seu Chico?

O Chico destemperou o sorriso chronico com uma grande risada, meio de evitar a resposta.

Nesse momento esbarraram á porta dois cavalleiros.

Voltaram-se todos curiosamente, de olhos agudos, a indagar quem fossem. Um d'elles era padre. Conhecia-se pelo escanhoado geral da cara e pela *volta* ecclesiastica.

— O' compadre Chico! gritou o padre, da sella.

Acudio o vendeiro, com o chapéu erguido, risonho:

— O' *seu* compadre, então não *desapeia?*

— Já vou. Olhe, abra a saleta, que o Sr. conselheiro desejalhe falar; e indigitava respeitosamente o companheiro.

Foi um reboliço geral. Os matutos descobriram-se sarapantados.

O Chico pateteou meio minuto, indeciso entre abrir a saleta, saudar o conselheiro ou recolher-lhe a montaria.

Afinal decidio-se por ajudal-o a apear, gritando ao pequeno:

—Menino, abre ahi a saleta.

O conselheiro atravessou a venda, entre os freguezes apatetados, cortejando-os com um gesto gracioso da sua pequena mão, finamente enluvada, e entrou na peça lateral, por antonomasia—a saleta.

Adornavam-na quatro tamboretes, ennegrecidos pelo uso, uma pequena mesa, coberta de vidros, latas vasias e de algumas lindas espigas de milho esbrugadas e um relogio redondo, adaptado á parede.

As frinchas da telha-vã projectavam pequenas settas e olhos de luz vibrante sobre as saliencias do chão.

Sentou-se o conselheiro com o seu ar candidato, ao lado da mesa, em um tamborete que o Chico desempoou com a manga da camisa, e lançou ao padre um olhar de intelligencia, atravez das lunetas de ouro, o qual parecia dizer-lhe: — Vamos a isso.

— Temos que conversar, *seu* compadre. O Sr. conselheiro anda percorrendo o districto afim de...

— Porque não se senta, capitão? disse de repente o conselheiro ao Chico, que se conservava de pé, em respeitosa distancia, e indicou um banco com a sua referida mãosinha, comprimida em pellica preta. O Chico deixou-se cahir sobre o assento, boquiaberto, pallido, pateta. Pudéra! o pobre diabo não era, sequer, alferes!

— ... afim de consultar a opinião dos amigos sobre a sua candidatura; continuava o padre, com cauteloso vagar, como quem repete cousas decoradas; e outrosim informar-se das necessidades e aspirações dos varios municipios, afim de advogal-as junto do ministerio e no parlamento. Por isso... e o padre enxugava a fronte suarenta, puxando mentalmente pelo resto do recado. Por isso...

O conselheiro anediava as suissas, silencioso, delicadamente inclinado na direcção do Chico, com um sorriso engatilhado.

— Por isso pediu-me, mandou-me o Sr. conselheiro que eu falasse ao compadre afim de... E o reverendo empacava de novo, banhado em suor. O conselheiro chibatava ligeiramente as botas envernizadas...

Ouviam-se dentro as pancadas surdas de um pilão, e no silencio difficil espalhava-se um bello cheiro appetitoso de café torrado...

— Afim de... mastigava o padre, sem encontrar um torneio com que alindasse o pedido secco do voto...

— Afim de lhe pedir o seu voto, capitão; concluiu o conselheiro, disparando o sorriso, prenhe de patentes da guarda nacional.

O Chico não ousava desfitar os tamancos, tartamudeava desconcertado; mas de repente, sentindo o bello perfume que vinha do interior, em lufadas, ergueu-se, exclamando com um sorriso desmandibulado:

— Quer V. Ex.ª uma tigellinha de café?... e, sem esperar resposta, embarafustou solicito...

O padre não ousava travar conversa com o illustre candidato; estava corrido do *fiasco* da sua rhetorica.

— Acho melhor, reverendissimo, que lhe vá falar em particular; a minha presença parece acanhal-o.

Ergueu-se o padre, com palavras e gestos de muita approvação, e desappareceu tambem.

— Que burro! murmurava o conselheiro, sósinho, mordendo a ponta de um charuto.

E na cosinha, ao lado da preta Felicia, que coava o precioso liquido num sacco de algodão cru, travou-se o seguinte dialogo:

— Sim, *seu* reverendo; bem sei... Mas é que já me comprometti a votar no Dr. Chaves, que é candidato do coronel... Contra o coronel é que eu não vou. Bôas! e o Chico arrebitava o queixo com energia...

— Tem razão, compadre, tem razão. Quem é que lhe diz que vá contra o coronel? Nessa tambem eu não caio. Mas o que lhe custa prometter ao conselheiro?

— Sim; não custa, mas é que...

— Faça como eu, compadre, faça como eu: «Sim senhor, Sr. conselheiro. Sim, senhor. Conte commigo e com os meus amigos.» Afinal, elle já foi ministro e é possivel que ainda seja outra vez...

— Ein? O que me diz, *seu* padre? E eu que não tenho chicaras em casa!...

— Está então combinado. Você promette ao homem o voto, promette-lh'o de pedra e cal; se o coronel não fizer questão da eleição do Dr. Chaves, bem: vota-se nelle, eu tambem voto; mas se o coronel exigir... paciencia...

— Ficará para outra vez. Contra o coronel não vou eu, *seu* padre. Nessa não caio. Bôas!

— Pois sim, pois sim; vamos lá.

— Prompto, Sr. conselheiro. Tudo arranjado; gritou o padre, entrando alegremente na saleta, acompanhado do vendeiro.

— Posso então contar com o seu voto, meu amigo? perguntava o candidato, apertando-lhe maciamente as mãos.

— É uma honra para mim, Sr. conselheiro... Muito obrigado; gaguejava o outro, esquecido de que não era elle quem devia agradecer.

Nesse momento entreabriu-se a porta e appareceu na fresta uma cabeça, exclamando:

— Dá licença, Sr. conselheiro? Dá licença?

E ao «póde entrar» precipitou-se radioso um sujeito magro, cara engelhada, barbas de militar:

— Soube que V. Ex.ª estava aqui e corri a saudal-o. Comprimento V. Ex.ª; e, satisfeitissimo, sacudia nas suas a mãosinha do conselheiro. Depois sentou-se-lhe ao lado, feita a apresentação pelo padre:

—Este é o nosso amigo Feliciano Guerreiro, professor.

E travou logo com o candidato uma longa palestra sobre politica; indagava dos elementos com que contava, animava-o, felicitava-o e cobria-o de elogios, de admirações, de ruidosos «muito bem,» «perfeitamente!»

—Está eleito. V. Ex.ª está eleito. É uma honra para o 5.º districto. É a este que devemos felicitar. Quanto a mim, não duvido um momento do resultado brilhante da campanha, e não me cansarei jamais de lhe render as homenagens a que V. Ex.ª fez *jus* (e ciciava o *us*) quando ministro pela sabia administração, pelo prudente emprego dos dinheiros publicos. É de homens como V. Ex.ª que o paiz precisa. O paiz atravessa uma crise medonha; a lavoura não tem braços, não ha capitaes, o credito decae, o cambio está pessimo; a desconfiança é geral. Oh! se o paiz tivesse mais seis homens como V. Ex.ª, que ministerio! Seria a taboa de salvação neste *mare magnum* de ambições e de tergiversações, de desillusões e de transacções inconfessaveis. Oh! V. Ex.ª é dos poucos que comprehendem perfeitamente o estado lastimoso dos publicos negocios... É de V. Ex.ª que se espera...

Neste ponto entrou um mulatinho com um pequeno bule de louça azul e quatro tigellinhas brancas; depoz tudo sobre a mesa e foi buscar um prato de alvissimos beijús, encanutados e frescos.

E o conselheiro pensava, de si comsigo, chuchurreando o delicioso café: «O professor é meu. Nem preciso falar-lhe.»

O outro não estancava, molhava a phrase, a pequenos goles; examinava *per summa capita* os varios pontos do programma ministerial, mastigando beijús; de vez em quando segredava ponderosas e graves considerações ao ouvido do candidato, perdigotando-o, e rematava triumphante, furando o espaço com o indicador esticado:

—Este é que é o verdadeiro regimen da liberdade! *Quod Cesaris, Cesari!*

—Boa viagem, Sr. conselheiro. Boa viagem e conte comnosco! Conte comnosco! exclamava o Feliciano, sacudindo o chapeu ao conselheiro, que se afastava ao galopão do cavallo.

—Com este posso contar; que diz, reverendissimo?...

—Não é eleitor, Sr. conselheiro: não se alistou.

E o riso comprimido protuberava as nedias bochechas do padre, espirrando-lhe pelos cantos da bocca.

A loucura de um sabio

Ao Dr. Francisco de Castro.

Era geral a consternação.

Os rapazes, que, ao principio da prelecção, tanto se riam ao ouvirem os disparates do seu velho e sapientissimo mestre, encaravam-se agora espantadamente, com olhos cheios de lastima e dó.

Não havia duvida: o Dr. Sebrão enlouquecêra.

Coitado! Quem poderia pensal-o? Um homem tão grave, tão criterioso, tão lucido! E, sobretudo,— tão sabio! Ainda na vespera havia discorrido com extraordinaria clareza e erudição profunda sobre o cerebello e o bulbo rachidiano.

Ao ouvil-o, ninguem suppoz, — quem poderia suppol-o? — que aquelle homem, que com tanta profisciencia explicava o funccionalismo do cerebro humano, estivesse affectado no proprio.

Mas no dia seguinte,—naquelle em que nos encontramos,—quando o illustre professor, depois de haver escorvado o pigarro, ageitado os oculos, deposto o enorme lenço de seda sobre a mesa, começou a sua prelecção, exclamando com emphase tribunicia:

—Meus amigos! A vida é uma farçada melancolica e o mundo um theatro, cujo emprezario não se conhece, mas que se pateia de vez em quando, porque não varia os espectaculos.

Quando o Dr. Sebrão pronunciou estas singulares palavras, tão diversas do assumpto da prelecção, correu, dando volta pelas bancadas em semicirculo, um fremito de gargalhada, como essa lufada tremula e friissima que precede e annuncia a tempestade, que se avisinha terrivel.

Mas o Dr. Sebrão passeou por sobre todos os rapazes o seu frio olhar percuciente, o seu olhar cirurgico, e a tempestade, prestes a desabar, aquilibrou-se no ar, suspensa, ameaçadora. E não rebentou; fugiu em um marulho confuso de tosses de disfarce e de curtas phrases, rapidas, contidas.

—Sim, meus senhores, continuava o doutor, a vida é uma patuscada funebre. *A quoi bon* fatigar, derreter a massa nervosa do cerebello, esgotar as

cellulas, desmanchar as circumvoluções a pensar, a calcular, a construir, a destruir idéias e doutrinas, systemas e utopias? *A quoi bon?* Eu sou pela ignorancia absoluta. E se chegar a ministro de Estado, como espero, farei substituir todas as escolas primarias, secundarias e superiores por outras inteiramente novas, em que se ensine uma cousa unica — o horror á sciencia. Nessas escolas se ensinará aos que sabem muito a desaprender tudo, e a não aprender nada aos que muito querem saber. A sciencia é uma asneira. Saber é inutil. É preferivel dormir, dormir, dormir! Se a vida é um sonho — seja egualmente um somno. E que somno mais tranquillo e mais doce que o das bestas? Bestifiquemo-nos. »

Os alumnos encaravam-se, já sem vontade de rir; e levavam de novo os olhos sobre o illustre medico, cuja physionomia se transfigurava de instante a instante. A cabelleira alvissima, cahida em juba sobre os hombros largos e ossudos, parecia arrepellar-se por si mesma, sacudindo no ar os cachos em explosões de finissimos fios, como vagas de espuma, que estouram na areia da praia, lançando para todos os lados agudas e delicadissimas settas de agua, que se irisam instantaneamente ao contacto de um raio de sol.

O seu grande nariz aquillino e nervoso, dilatava as azas palpitantes, soffrego, como faminto de um perfume brutal, que em vão buscava aspirar no ambiente.

O olhar perdia pouco e pouco a luz do costume, a luz tranquilla e limpida, com reflexos levemente azues, que sae das folhas de aço dos bisturis. E enrubecia. Fuzilava clarões de forja, reflexos de poça de sangue em que se esbata o sol. Era agora como a lamina do escalpello,—que ha pouco, enxuta e limpa, brilhante de um brilho argenteo. sereno e claro,—se enterrasse em um corpo, e, tinta em sangue, voltasse á luz do dia.

As magras mãos, compridas e expertas, tacteavam perdidamente em gestos esbanjados, angulosos, imprevistos.

Dir-se-ia que naquelle homem tão sensato e ajuizado sempre, em certo momento tudo ensandecera: —os olhos, a lingua, a cabelleira, as mãos... A sua physionomia voltairiana aguçava-se, tomava um ar penetrante, mas desvairado; apparecia illuminada por um clarão phantastico.

—E, todavia, meus senhores, proseguia o Dr. Sebrão, eu sou um sabio, eu tudo sei. A carcassa humana não tem segredos para mim. Vejo atravez

das vestimentas e da pelle o que vae por dentro de um homem. A sciencia deu-me um poder de vidente. Os corpos adquirem ao meu olhar a transparencia do vidro. Eu ausculto, apalpo e sondo com os olhos. Tudo sei. Vejo tudo...

Ao dizer isto, deteve o olhar febril e chispante sobre o alumno que lhe ficava fronteiro. Crispadas as mãos á beira da mesa, o corpo immovel, a cabeça inclinada para deante, os olhos fincados sobre o rapaz, quedou-se; e assim conservou-se durante cinco interminaveis minutos, na attitude estranha de um illuminado a prescrutar o invisivel.

Foi soerguendo lentamente o corpo, sem levantar os olhos nem despegar as mãos da taboa da mesa, até pôr-se de pé, e, então, apontando com um gesto agudo e violento o peito do estudante, exclamou:

— Lá estou vendo tudo: — o figado, o baço, os pulmões, o coração, o estomago. Approxime-se, senhor, aproxime-se.

Adeantou-se o estudante até junto da mesa em que preleccionava o dr. Sebrão.

Era um moço de vinte annos de edade, se tanto. Espadaúdo e forte; physionomia espessa, revellando pouca intelligencia e muita resolução. Sobre a fronte

acanhada e curta cahia despenteada a cabelleira negra, insubmissa; approximavam-se, formando uma linha quasi recta, as sobrancelhas bastas, cerradas, que davam aos olhos, fundos e esmerilhantes, enterrados nas orbitas, um tom de severidade e pertinacia excessiva, quasi feroz. Ergueu-se de má vontade e acercou-se do professor lentamente, com evidentes mostras de contrariedade. Sómente elle se não rira ha pouco dos disparates do Dr. Sebrão. Desagradava-lhe muitissimo o ter de servir á loucura do mestre e á diversão dos collegas. Por isso, ao chegar-se áquelle, disse-lhe cortezmente, muito serio:

— Peço desculpa a V. Ex.ª Estou adoentado e necessito retirar-me.

— Tanto melhor, tanto melhor. Examinal-o-ei e explicarei aos meus illustrados discipulos a natureza e os symptomas pathologicos do seu mal. Consinta, portanto, que o examine.

Dizendo isto, passeou-lhe o olhar demoradamente pelo rosto e depois pelo corpo. A impressão que dava aquelle olhar esbraseado e lancinante, percorrendo a face, a cabeça, as mãos do estudante, era a de um estylete encandecido, cortando e comburindo, a um tempo, as carnes por onde passasse.

— Plethorico; plethorico... Pulmões de aço, hematóse admiravel; murmurava o illustre professor, continuando o exame. Arterialisação estupenda, estupenda! Assimilação perfeita e rapida. Bem; muito bem. Resta agora examinar o seu estado *scenico!!!*

Gargalhada geral. O respeito ao lente e a compaixão pelo seu estado mental não puderam resistir áquelle ultimo destempero scientifico. Estado *scenico!* Era demais!... e a aula em peso desatou a rir com uma enorme casquinada sonora.

Deteve-se, ao ouvil-a, o Dr. Sebrão. Empallideceu, ensombrou-se-lhe irosamente o semblante; fagulharam-lhe os olhos, fechou a mão, erguendo o punho em um impeto colerico... Ia certamente reprehender os alumnos, furioso com o desrespeito de que lhe deram prova. Mas... desensombrou-se-lhe o rosto, voltou-lhe a côr natural, desfez o murro preparado, e um sorriso indescriptivel pairou-lhe nos labios, varrendo as ultimas nuvens que ameaçavam borrasca. Sorriso amargurado e ironico, ferino como uma setta, e triste, triste como um dobre a finados.

— Riem-se!... Comprehendo... e perdôo. A ignorancia justifica a insolencia. Depois que eu lhes

houver explicado a minha theoria, não se hão de rir mais, asseguro-lhes. «Estado scenico» chamo eu á situação *moral* dos orgãos. Cada orgão representa o seu papel; bem o sabem. O Coração é — o *galan;* o Estomago — o *centro;* o Figado é quasi sempre — o *tyranno;* o Esophago — o *vegete,* a Cabeça — a *ingenua.* Sómente ao Baço não foi ainda distribuido papel nenhum pela sciencia. Esses actores, que eu chamarei physiologicos, representam continuamente, ininterruptamente, — salvo o caso de suspensão do espectaculo, por ordem da morte — ora a comedia, ora o drama, ora a tragedia. Vejamos primeiramente a comedia. É o caso aqui d'este senhor.

— Ah! é então uma comedia o que se está representando agora em mim?... Está bem; — murmurou o estudante com certa ironia compassiva.

— Uma comedia, sim; porque todos os seus orgãos estão perfeitos e satisfeitos. É a comedia da saude. Consinta que eu o escute por um momento.

Isto dizendo, collocou o ouvido ao peito do moço, auscultando-o.

— Perfeitamente, perfeitamente. O Coração pedio a Cabeça em casamento ao Figado e ao Estomago, da qual este é pae e padrinho aquelle. O casamento

foi julgado conveniente. O Coração, além de ser um incansavel e honrado trabalhador, tem muito e magnifico sangue, rico de fibrina. Desde que o Estomago consente, vae tudo bem, porque, como os senhores sabem, o Estomago é o *centro;* é elle que sustenta toda a *companhia*. É elle que por meio do chymo prepara as substancias alimentares, as quaes, depois, pela absorpção, se introduzem no sangue, e, pela assimilação, vão refazer os orgãos, reparando-lhes as perdas. Sem papae Estomago nada se póde fazer em casa. É elle o cosinheiro, o dispenseiro, o copeiro, o *caixa*. No dia em que elle se recusa a trabalhar, tudo soffre e a comedia passa a drama. Casados Coração e Cabeça, está feita a felicidade de todo o organismo; pois que da harmonia do director da circulação com a directora geral do corpo, da Força e da Intelligencia, resultam a ordem e o progresso da existencia. Imaginem agora que o Figado, por qualquer motivo, zanga-se um bello dia. Zangado o Figado, começa a segregar bilis em demasia e a mandal-a para o Estomago. O Estomago, ao receber tanta bilis, *azeda-se, encaraca*, digere mal, distribue peior. Ha uma revolta na casa. O sangue, subindo e descendo pelo Coração, gyrando por toda a parte, não leva aos orgãos

a ração do costume. O Cerebro reclama — phosphoro, phosphoro! — furioso, revolvendo tudo lá por cima; um d'aqui pede — fibrina; outro d'ali — albumina; aquelle acolá — seus calcareos. É uma revolução! Os musculos, os nervos, as cartilagens, os ossos, não recebendo a tempo e bastante o seu alimento quotidiano, e obrigados, apezar d'isso, a trabalhar, desequilibram-se, enfraquecem-se, definham. Eis o drama! Muitas vezes faz-se a reconciliação geral no quinto acto e continua a comedia. Mas outras, infelizmente, o caso complica-se, aggrava-se, e surge a tragedia. Papae Estomago coitado! sempre activo e bondoso, procura remediar tudo e evitar a catastrophe, mandando alimentos e remedios ao *galan*, ou ao *tyranno*, se é do Coração ou do Figado que vem o mal; mas elle mesmo está fraco e acabrunhado pela dôr, e cede tambem, afinal. Então . . . *catrapuz!* — cae o *tyranno* apunhalado; o *galan*, horrorisado, suspende a circulação, o sangue foge e coagula-se, o Cerebro gela-se, immobilisa-se, e. . . desce o panno. Quer dizer: — Acabou-se a peça. . . e o theatro.

Calou-se então, suarento, livido, tremulo. E emquanto os rapazes se entreolhavam com um grande espanto, elle, absorto, o olhar pasmo, levou uma

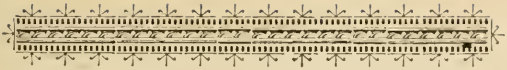
das mãos ao peito e a outra á cabeça, como que procurando examinar-se a si proprio, e entrou a murmurar desvairadamente:

—Sim... Sim... Uma tragedia .. Sinto-a, ouço-a... o Cerebro delira... Foi o excesso do phosphoro e do estudo... A sciencia... é o oceano: afoga e submerge. A sciencia é o fogo: illumina, abraża, devora e destróe. A sciencia é a noite. Sou um sabio e estou doido! Já não é mais a tragedia. Agora é a farça... Que alegria! Tudo ri, tudo gargalha dentro em mim!

Soltou uma immensa gargalhada nervosa e accrescentou, saltando sobre a mesa:

—Eu sou o Pancreas! o sabio Dr. Pancreas.

Outubro, 1884.



A grande estréia!

Autor!

Elle era *autor*, finalmente!

Alli estavá a sua *obra*.

— *O meu livro!* dizia elle dentro em si, com o coração boiando em uma onda de jubilo.

Terminaram, por fim, as torturas innarraveis do *inéditismo;* terminaram as lutas, os labores, as angustias innominadas de autor *in partibus:* o cerebro atulhado de livros immortaes... e nenhum na rua!

Vencêra!

Só elle, o *autor*, elle sómente sabia o valor d'essa victoria, porque mais ninguem soubéra, suspeitara sequer, que somma de esforços e desesperos lhe custára.

Um anno, dois annos a incubar, a fecundar a *ideia:* periodo de gestação, intimo e ignorado, cheio dos jubilos da concepção e dos receios, dos sobresaltos inexplicaveis ante o futuro:

— Se eu publicasse *um* livro?

Depois — a resolução: phase nova, em que a *idéia* vae-se transmudando em facto:

— Está dito: publico o livro.

É perfeitamente dispensavel dizer de que genero é o livro com que se estréia este joven, pois é o mesmo com que toda a gente se estréia — aqui, em Portugal, em França, em toda a parte do mundo.

Dizel-o seria ocioso, tão ocioso como perguntar a qualquer homem de lettras se existe no seu preterito esse peccado universal, que se redime sempre: — versos.

Quando a um mancebo lembra a ideia de fazer um livro, o livro já está feito, e nem elle perde tempo a debater o genero da obra.

É que a poesia é como a puberdade.

Um bello dia a creança deixa-se ficar na cama, adormecida ao lado dos tambores rotos e dos polichinellos estripados, e acorda o homem: um individuo novo, recem-nascido, desconhecido para todos, e ainda mais para si proprio.

Entre os muitos phenomenos novos que d'esse dia em deante vão n'elle apparecendo, espontaneamente, por vontade do velho legislador — Natureza, ha um de que tambem não se apercebe o joven. Deliciosa inebriez somnambulisa-lhe os actos e o pensamento...

Mas um dia, por acaso, detem-se em caminho para dar «bom dia» ao sol, ou a uma «doce virgem» que passa, e, volvendo o olhar atraz... — ó sorpreza! ó encanto! — o caminho, o curto caminho andado está todo semeado, todo florido — de versos!

— Sou poeta! exclama nesse instante, como ainda ha pouco exclamára:

— Sou homem!

É nesse momento unico, o mais puramente feliz de toda a existencia, que lhe vem a ideia da Gloria, do Futuro, do livro, emfim.

Depois, o trabalho é apenas de retroceder, e, colhendo as mais bellas e cheirosas flôres, fazer um ramalhete.

Mas de improviso surge um óbice, uma difficuldade feia e repentina, como esses *fantoches* que saltam subitos das bocetas de confeitos ao nariz das crianças:

— E a fita para enlaçar o *bouquet?*

Ah! o titulo para o livro!

Que Adamastor!

Que assumpto para epopéias!

Quando terás tambem o teu Camões, ó monstro?

N'este ponto, o azul enubla-se, abysmos abrem-se famélicos, montanhas pulam diabolicas ante os passos do poeta.

O desanimo invade-o, arrastando comsigo para dentro do misero — a duvida, o medo, o desespero.

E o grosso caderno do manuscripto dorme poento ao fundo da gaveta, como um pobre diabo que, na *gare* de uma linha ferrea, adormeceu á espera do signal de partir.

O titulo!

Aqui ha tempos, assisti a uma luta horrivel, interessantissima, a unica que pode fornecer um pallido *simile* da de um futuro autor com os titulos: — a luta com as gravatas.

Foi assim:

Entrou em uma loja, em que eu por acaso me achava, um elegante; e, dirigindo-se ao caixeiro, disse-lhe com voz tremula:

— Desejo uma gravata.

— Pois não, senhor; e, escancarando-lhe a vasta *vitrine,* accrescentou o caixeiro:

— Faça o favor de escolher.

Escolher!

Ahi o *busilis.*

O janota ficara-se immovel. Estava pasmo: as mãos sem gestos, os olhos deslumbrados.

Ellas eram tresentas, seguramente.

Eram tresentas gravatas: — pretas, verdes, roxas, brancas, douradas, prateadas, azues, amarellas, havanas, opalinas, granada, esmeralda, saphira, côr de café, côr de rosa, côr de garrafa, côr de gemma de ovo, côr de azeitona, côr de manteiga, côr de leite, côr de chocolate, côr de crême, côr de carne crua, côr de carne assada, côr de vinho — côr de tudo!

Pintadas, sarapintadas, chamalotadas, de listras, de pingos, de flores, de estrellas, de bichos!

Ah! E as formas?

Quadradas, redondas, oblongas; em laço, em pasta, em fita, em triangulo, em losango, em quadrilatero, em octogono; *plastrons*, mantas, lenços; de setim, de gaze, de seda, de crêpe, de linho, de chita, de lã...

Vendo-as, innumeras, horriveis e formosas, exquisitas, de mil côres e de mil formas, a rir, a dansar, a vir sobre o janota extatico, atordoado, tremulo de goso, de assombro e de indecisão, lembrou-me a marcha dos deuses-monstros por deante de Antonio, o santo eremita da Thebaida, cahido em deliquio — no livro immortal de Flaubert.

E o caixeiro repetia:

— Faça o favor de escolher.

Depois de longa e penosa hesitação, decidiu-se o janota por uma gravata meio-*plastron*, estofada de velludo *bleu-foncé*.

Pol-a ao pescoço, viu-se com ella ao espelho, e logo arrependeu-se.

Tomou então de uma outra, de seda crême, pontilhada de pequenos botões de rosa escarlates.

— Prefiro esta; disse. Faça o favor de embrulhal-a.

E emquanto o empregado assim fazia, continuou extatico ante a *vitrine*, a ver uma, a ver outrá, a desejal-as todas. De repente, estremeceu de subita alegria e exclamou:

— Olhe, tire-me aquella acolá. Não, a outra: granada e ouro. Essa; essa mesma.

Agora sim: estava satisfeito. O caixeiro substituiu a gravata no embrulho.

O janota deu-lhe a paga, tomou do volumesinho, e foi saindo vagarosamente. Posto cá fóra, na rua, deteve-se ante a larga *montre*, opulenta de gravatarias rutilantes, espalhafatosas, e sentiu-se logo profundamente arrependido da *espiga* que se havia deixado impingir.

— É tão lindo aquelle laço de setim crème! Diabo! Se eu trocasse...

E, num enleio desgostoso, esteve por pouco a entrar de novo na loja, para fazer a troca. Mas envergonhou-se a tempo, e lá se foi com a sua gravata nova, cheio de raivas biliosas contra ella — por ser tão estupidamente feia, e contra si proprio — por ter um gosto tão réles, tão desgraçado...

Assim, exactamente assim nos succede com a escolha de titulo, a todos que de tão perigosa cousa carecemos.

Ao principio fica-se perplexo: são tantos! e todos tão lindos! Qual escolher? Aquelle, aquelle bello titulo vermelho, flammante como um carbunculo. Pois será elle. E, sem demora, ata-se o titulo escolhido ao pescoço da obra e mira-se o ef-

feito. Que desillusão! A côr da gravata não diz com a roupa.

O livro é todo azul claro e brancuras de neve: *toilette* risonha e fresca, *toilette* para passeio nos jardins de Armida; e o titulo é de um rubro tão vivo, inopinado e gritão!

A que lhe vae a matar é esta de escomilha branca, tirando a azul nas dobras, de um tom delicioso de leite puro.

Bravos! Perfeitamente!

E o auctor, satisfeitissimo, ata a nova gravata ao seu *dandy* e sae com elle a passeio.

Mas as decepções não tardam. Uns amigos acham que ella devia ser côr de rosa, curta, sem pregas.

Aquella é trivial, inexpressiva, tão sem graça, que, embora com ella ao pescoço, parece o janota tel-a esquecido em casa...

Outros amigos, porém, (ó Lafontaine!) assobiam o pobre poeta, atiram-lhe remoques como pedriscos:

— Que! Melhor fôra então por-lhe por titulo: — *Vendavaes, Cataratas* ou *Labaredas!* Esse não presta: é por demais pantafaçudo.

E, corrido do seu máu gosto, o poeta arranca ao livro a gravata e recomeça a correria das lojas.

Taes angustias que as conte o pobre Eugenio Lopes, o «esperançoso e joven poeta.» que hoje se estréia.

Foram dias, mais: — foram mezes de luta e de insomnias.

Dez vezes achou a gravata da sua escolha, o *non plus ultra* das gravatas, a bella por excellencia, a deliciosa, a unica.

Vinte vezes se arrepelou furioso, bezuntando-se de improperios, e pensando sinceramente, como quem se resolve ao suicidio: — O melhor é por-lhe por titulo — *Sem titulo!* O pobre!

Saphiras, Flores singelas, Borboletas, Magnolias, Harpejos, Serenatas, Suspiros d'alma, ai! tudo! tudo! — até nem mesmo faltou o venerando, o nunca assás surrado titulo *Peregrinas!* — tudo occorreu áquelle infeliz que andou atraz de um titulo, como Telemaco á cata do perdido pae.

Urgia, porém, decidir.

A Gloria instava.

E a continuar d'aquelle modo *perderia* a Posteridade, envelhecendo á espera de um titulo — como de um bilhete de viagem para ir lá ter.

Decidiu-se, emfim.

Arroubos: — foi a gravata que escolheu.

Arrependeu-se mil vezes da eleição; chegou mesmo a tentar anullal-a em favor de um candidato novo; mas era tarde: — parte do livro já estava impressa, e no alto de cada pagina o titulo dado.

Ficou triste, desanimado.

Arroubos!... Dava logar a esta pilheria: *Roubos!*

Uma pilheria grave!

Emfim...

Agora, na typographia — deante da longa banca da cartonagem, cercada de operarios em camisa, dobrando, cortando, cosendo, collando folhas de livros — um goso intenso, profundo, atordoador engasga solemnemente o poeta Eugenio Lopes.

O meu livro! O meu livro! — é o estribilho intimo da muda canção de jubilo que o seu espirito canta...

Cora e sorri; e ante os seus olhos humidos, dilatados no espasmo d'aquelle deslumbramento, as oito letras do titulo — *Arroubos* — impressas a carmin, em elzevir, sobre a capa de papel-granito do *seu livro,* passam gravemente, marchando a

um de fundo, para os campos da Gloria. Os RR. erguem as pernas á frente, em um passo de marcha larga, magestosa: as grandes pernas de fuzileiros, vestidas das rubras calças de grande gala.

E, em cima, ao alto, por sobre um filete de fantasia o nome do autor: — Eugenio Lopes.

E, immovel, como adormecido de olhos abertos sobre o livro fechado ainda, — sem se dar conta dos risinhos ironicos que entre a fumarada dos cigarros lhe mandam os operarios, — quantos planos gloriosos, quantas chimeras, quantos delirios mudos assaltam nesse momento o poeta!

Seu nome, seu pobre nome, tão singelo e humilde, o nome de filho de um modesto molhadista por atacado; seu nome desde este dia vae partir veloz sobre os mil volumes da edição; vae voar nas azas palpitantes da imprensa periodica!

Vae ser conhecido, procurado, citado e recitado, querido, talvez famoso!

« Eugenio Lopes, o mimoso poeta dos *Arroubos*. »

Assim se previa designado em breve por toda a imprensa. Nas livrarias, entre Musset e V. Hugo, cercado pelos mais celebres poetas do mundo, está um poeta novo, chegado naquelle instante das re-

giões do anonymato, cheirando ainda a papel molhado e a tinta de impressão.

Quem é? É elle: — Eugenio Lopes.

E, todo embebido d'esse luar invisivel e magnetisante da scisma, com um sorriso vago a lhe pairar na bocca, o poeta voltou a capa do livro, a primeira pagina, e ia a voltar a segunda; mas deteve-se, contemplando-a... Era a dedicatoria. Dizia assim:

A ***

«Anjo, valkiria, deusa, a quem a vida
E o futuro, sorrindo, dediquei,
Aceita os versos meus, mulher querida,
E nunca mais perguntes se te amei!»

Como vae *ella* ficar contente e cheia de orgulho!

Mas que dirão seus paes? que dirão os *velhos?*

A *velha,* santa mulher que o adora, vae certamente chorar de jubilo ao saber que seu filho — o seu Eugenio «anda nas folhas e nos livros,» todo enfeitado de adjectivos elogiosos... Quanto ao *velho*...

E ensombrou-se-lhe a fronte. Ah! é o destino de *todos nós*... pensava o poeta, enrolando um cigarro em silencio.

Balzac, Baudelaire, Henri Conscience, Casimiro de Abreu, — quantos e quantos! — encheram de magua e de vergonha seus velhos paes, porque se deram á gloria, porque foram poetas e pensadores, em vez de agiotas e negociantes.

Paciencia! Tudo soffreria resignado. Era o seu *destino:* havia de cumpril-o!

Mas os criticos?... Que dirão os criticos?...

Que dirá dos *Arroubos* o *Jornal,* esse velho inimigo de sonhadores, tão severo, tão duro, tão parco de elogios? Que dirá o *Jornal?* Naturalmente o que sóe dizer sempre: — *Recebemos* do Sr. Fulano o seu livro de versos, intitulado *Isto* ou *Aquillo.* E mais nada.

Ó sequidão anti-poetica!

Ah! se o *Jornal* dissesse ao menos: — *bonitos versos,* ou *esperançoso, inspirado poeta*... Como para o *velho* o *Jornal* é a palavra de Deus escripta na terra... do Brasil, lendo aquillo, talvez o *velho* embrandecesse...

E a *Gazeta?* que dirá a *Gazeta,* tão benevola para os que principiam, tão delicada na censura... mas tambem ás vezes tão trocista?... Que dirá ella? Bem ou mal?

E, por uma subita ligação de idéas, lembraram-

lhe uns versos frouxos, outros — asperos, que só agora reconhecia como taes...

Ah! estava perdido; — era horrivel o seu livro!

Mas aquella poesia *Flores mortas?* Era bem feita e bonita: havia de agradar...

Logo na primeira estrophe, ultimo verso, exactamente um dos que antes julgava melhores, encontrou formidavel asneira...

Atirou o livro, empallidecendo.

No dia seguinte, muito cedo, comprou todas as folhas da manhã, — tremendo como um réu, a quem se vae lêr a sua sentença, — e, percorrendo-as...

— Basta, porém.

Nem mais uma palavra sobre esse poema tragico, de que havemos sido todos, mais ou menos, heróes.

Talvez que um dia o poeta dos *Arroubos* nos dê as suas Memorias, e então, se elle as houver escripto de todo o coração, não haverá quem se não commova e sorria, lendo esse capitulo, escripto com o proprio sangue, capitulo negro e rutilante, cheio de lagrimas e estrellado de sorrisos, que só se escreve uma vez na vida: — A grande estréia!

O juizo do Vidal

UM CASO PSYCHIATRICO

Ao Dr. João Caetano Monteiro.

Quem se der hoje á diversão tristissima de vizitar o Hospicio de Pedro II, encontrará, em meio d'aquelles desgraçados, um que, por certo, lhe ha de despertar extrema curiosidade e não menor sympathia.

É o Vidal, o Julio Vidal; aquelle rapaz das capatazias, que casou com uma das filhas do Dr. Praxédes, o dosimétrista.

Todos o conheceram de amizade ou de comprimento, e ainda hoje muitos o conhecem de nome.

Pertencia o Vidal ao numero d'aquelles homens dos quaes dizem os amigos, arregalando os olhos admiradamente:

— Uma pérola!

Pois é a historia d'esse rapaz, marca — Pérola,

hoje completamente perdido para si e para o mundo, que lhes vou contar.

O Vidal morava com a familia no morro de Paula Mattos: — a mulher, uma cunhada e um afilhadinho orphão, que, por caridade, havia recolhido. Não tinha filhos; o unico que hoje tem, esse veiu ao mundo quinze dias depois de ser enclausurado o seu infeliz pae no hospicio da Praia Vermelha.

Contaria naquelle tempo trinta e dois annos, e estava no pleno vigor de suas forças e faculdades.

Nem gordo, nem magro: cheio de corpo; boa altura, musculatura rija, sangue generoso e callido, pernas de gamo, estomago de avestruz.

Tinha um olhar calmo, profundo e claro, que fitava directamente os homens e as cousas, sondando-lhes o intimo, sem maldade nem medo. Olhar de observador experimentado e sensato, que em cada facto bebe um ensinamento e diariamente vae registrando os episodios d'esta viagem de instrucção: — a vida pratica.

«Vida pratica» é uma expressão pleonastica, muito empregada para desmamar estudantes, e mais

sonhadores, do leite das utopias e das illusões douradas.

Como se houvesse vida que não fosse pratica!

Usava de toda a barba, que era loura, mas não era muita, porque o Vidal tinha o vezo de arrancar-lhe os fios, quando meditava, e meditando andava elle sempre.

Era constante vel-o quêdo e silencioso, canneta encalhada nos cabellos, por traz da orelha, olhos pasmados em qualquer cousa, e a mão a mexer na barba, com vagar e cuidado, arrancando-lhe fios, um a um, e deitando-os fóra.

—Que é isso? Que estás ahi fazendo? perguntando-lhe frequentemente a mulher ou um amigo, respondia sempre por esta fórma:

—Parafusando, estou parafusando...

Bastava olhar-lhe um momento a cabeça para conhecer-se que estava ali um poço de bom senso, um homem todo juizo e criterio.

Era uma cabeça grande, redonda, bossuda, marcando cinco pontos no medidor dos chapelleiros, e pezando consideravelmente nas resoluções tomadas pelas sociedades e companhias de que era socio o Vidal.

Emfim, a cabeça mais solida e mais respeitada de todo o Paula Mattos.

— Consideremos, consideremos. — Era a sua phrase indefectivel, sempre que lhe acontecia ter de tomar um partido, de abraçar uma resolução importante... ou melhor: qualquer resolução, pois que para elle não havia resoluções sem importancia.

Era o methodo em pessoa.

A sua vida parecia pautada por um programma, com antecedencia fixado e escrupulosamente cumprido. O imprevisto,—que, segundo diz o velho Hugo, é o que ha de mais imminente, e, portanto, o mais certo, — o imprevisto entrava no seu programma.

A morte não o apanharia descalço, se de improviso lhe batesse na espádua. O Vidal podia morrer em qualquer occasião: — isto assim foi no tempo de solteiro e continuou após o casamento — todos os seus negocios, dos de maior monta aos minusculos, todos estavam perfeitamente elucidados em seus livros e papeis, de fórma que, a dar-se, a catastrophe não prejudicaria a ninguem e d'ella não adviriam embaraços á viuva.

Eu conheci um rapaz, que — não sei se com sinceridade, ou por brincar com a gente — pretendia conhecer perfeitamente o caracter de um individuo pelo simples exame do caracter da sua calligraphia;

cousa que, aliás, não era invenção d'elle. O que é certissimo, porém, é que ha grandes analogias, singulares contactos entre o talhe da letra e a indole moral e o proprio temperamento da pessoa que a traça. A do Julio Vidal era firme, bem accentuada, com caracter proprio; não como as letras dos guardas-livros e mais funccionarios burocraticos; as quaes, no geral, parecem todas do mesmo punho, de tão frias, tão mecanicas, tão sem alma e sem sexo.

A do Vidal bradava a qualquer atilado: — «Eu sou a letra de um homem de pezo, criterio e muito juizo.»

Na firmeza das linhas, no accentuado dos grossos, no acerto da pontuação, lê-se a ponderação, a gravidade da conducta; no respeito impeccavel á pauta azul do papel denuncia-se a marcha cuidadosa e segura pela trilha do dever, direita e limpa; na proporcionalidade, sempre egualmente respeitada, entre as maiusculas e o desfilar do cursivo, estampa-se o equilibrio constante em todos os actos da vida do Julio — os grandes, os momentosos e a serie continua dos pequeninos acontecimentos triviaes: equilibrio rarissimo e precioso, que existe sómente nos homens perfeitamente sãos de corpo e animo.

E tudo isso que a letra do Vidal a seu favor depunha, era a estricta verdade.

Assim o diziam todos que o conheciam, e não se fartava de o proclamar *urbi et orbi* o Barão do Piáu, seu velho amigo e protector dedicado.

— O Julio é o homem de mais juizo e de mais bom senso que até hoje tenho conhecido. Nem parece brasileiro! rematava, chasqueando, o Barão, para — com esse séstro brasileiro, de desfazer nos patricios e na patria, — não deixar em duvida que tambem era natural de cá. Pois bem — um dia correu pela cidade mercantil e burocratica, onde o Vidal era popular e querido, uma noticia triste, estupefacciente:

— O Vidal está *gyra!*

Gyra é um qualificativo chulo com que o vulgar designa esse estado intermedio de um juizo tocado de confusão, e que nem é loucura varrida, nem o siso commum, com direitos de razão sã.

— Doido! Está doido! exclamou chorando o Barão, quando lhe pediram o que havia de verdadeiro naquelle boato horrivel.

Mas o curioso estava em que o Vidal continuava ininterrompidamente a pratica dos mesmos actos que lhe haviam dado a fama de grande assisado.

Não dava ponto na repartição, nem se enganava de uma virgula na escripta dos seus livros e papellaças. Conversava com a mesma affabilidade, o mesmo pezo e a mesma sobriedade de sempre. Apenas se lhe notava alguma pallidez nas faces e um pouco mais de fulgor nos olhos.

Todavia, quando conversava com intimos, como o Barão, detinha-se subitamente, em meia phrase, e murmurava apalpando a fronte:

—Não sei o que sinto na cabeça. E' um silencio largo e illuminado como o de egreja aberta e erma. Meu cerebro parece-me uma grande sala de museu, escrupulosamente asseiada, muito arrumada e correcta, cheia de luz, mas inteiramente silenciosa e deserta. Creio que estou endoidecendo.

—Sente alguma confusão nas idéas? perguntou-lhe um medico distincto e seu amigo.

—Ao contrario. Nunca raciocinei com maior limpidez e mais perfeita coherencia.

—E desmemoriação?

—Nenhuma. Lembram-me agora, nestes ultimos tempos, factos, cousas minimas, remotissimas, e que estavam completamente olvidadas. Estou doido, doutor. Esta lucidez não é rasão, é loucura.

—Póde ser. Mas asseguro-lhe que é uma especie,

esta, de loucura, inteiramente nova e desconhecida...

— Talvez excesso de juizo, doutor.

O facultativo despediu-se em silencio e affastou-se, meditabundo.

Em casa, á noite, em horas tranquillas de trabalho, Julio detinha-se, embebido em vaga abstracção, e de repente inquiria á esposa:

— Dize, Ritinha, não tens notado nenhuma differença no meu trato, nestes ultimos dias?

— Nenhuma, meu velho.

— Não é possivel. Tu não dizes a verdade. Eu devo ter feito cousas estranhas, exquisitas, absurdas...

Mas a verdade é que nunca o Vidal se portara com tanto criterio, com tão extraordinario juizo. Só o que nelle havia de novo era aquelle desconfiar infundado da inteireza de suas faculdades mentaes.

Mas isso mesmo passou, sem se saber como nem porque.

O Vidal de certo esquecera-se de que «estava endoidecendo» e continuava a «não parecer brasileiro», na expressão do Barão de Piáu: — a ser o homem de mais juizo e de mais bom senso que elle, Barão, conhecia.

São passados dois annos.

Manhã chuvosa e triste.

O almoço está posto na mesa de Julio Vidal, em Paula Mattos, e D. Ritinha, sentada, espera pelo marido, que se está vestindo no seu quarto de *toilette;* e, emquanto espera, vae tricando distrahidamente appetitosas azeitonas.

Mas o Vidal demora-se.

—Julio! o bife arrefece. Anda.

—Já vou, Ritinha.

E veiu. Quando, porém, a moça lhe estendia o prato, soltou um grito espavorido, e levantou-se, trémula de susto. Desconhecera o marido.

Pudera! O Vidal, que ao erguer-se da cama conservava a sua bella barba loura, apparecia-lhe, uma hora depois, com a cara mais rapada e exquisitoria d'este mundo. Bigode e barba sumiram-se ao fio de cruel e inexperiente navalha, que havia assignalado a sua passagem por mais de um talho sangrento.

—De que te assustas? perguntou-lhe elle, com a mais perfeita tranquillidade, sorrindo, levando á bocca a primeira garfada. E continuou:

—Achas-me assim mais feio? Que queres? Fazia-me um calor o diabo da barba!... E, depois, assim fico mais moço; não achas?...

A moça teve um calefrio ao ver-lhe o antigo sorriso, calmo e bondoso, abrindo-se naquella cara nova, de histrião de feira ou de padre pandilha.

Não teve animo de almoçar, e foi com um tremor de inexplicavel repugnancia que recebeu do marido o costumado beijo de despedida.

No dia seguinte — nova surpresa.

Vidal foi para a sua repartição como para o mais fino dos bailes: — casaca, luva *gris-perle,* gravata branca e *claque.*

Que andava aborrecido do paletot sacco e do fraque, e, demais, para que diabo tem a gente a roupa, senão para vestil-a?... explicou elle á mulher, com a sua inalteravel pachorra de homem de senso e razão.

Mais não fôra preciso para convencer a pobre senhora do desarranjo que andava nas faculdades de seu marido; todavia, se alguma duvida lhe restasse, de todo se desfaria, quando o viu regressar do emprego, ás 5 da tarde, sem botinas e sem gravata, uma grande rosa ao peito e na cabeça o chapeu de mola. Entrou cantando a aria da — *Madre infelice,* a mão sobre o peito e a bocca em O.

Como a esposa lhe fugisse aos abraços, calou-se, tomou um ar offendido e solemne, e perguntou-lhe, cruzando os braços:

—Que é isso? Julgas acaso que estou doido? Peior vae ella!... Nunca me senti tão bem, com tanto juizo. Estou até satisfeitissimo! *Madre in...-fe... li... i... i... ce!*

Nada havia que o exasperasse senão o perceber que alguem desconfiava estar elle doido.

Bradava então, furioso:

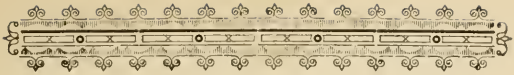
—Doido é elle! Tomáras tu apanhar metade do meu juizo! Pensam acaso que não os entendo? Eu bem os entendo.

Dizia andar soffrendo do figado: bilis derramada; mas não se queixava nunca da cabeça.

Uma vez que o sogro, o Dr. Praxédes, veiu encontral-o deitado na sala de visitas, no chão, em ceroulas, declamando, —como se os lêsse no jornal, voltado de letras ao envez, que tinha debaixo dos olhos, —uns versos eroticos de Bocage, o Vidal lhe disse, com uma voz ponderosa e grave:

—A razão é o primeiro bem da vida. Ah, meu sogro, quando me lembro que ha dois annos estive doido varrido! Felizmente, estou hoje de perfeito juizo. *Mens sana...*

E o seu sorriso horrorisava!



As laranjas

ao Dr Henrique de Sá.

Havia mais de uma semana que era gravissimo o estado de D. Josephina.

Na pequena casa amarella do morro de Paula Mattos, — ha pouco ainda tão alegre, entre as bastas ramadas verdes, inundada, scintillante de sol, cheia dos trinos maviosos dos canarios e gaturamos e dos gorgeios frescos de Isabellinha, — vagava agora sinistramente, da sala á cosinha, de quarto em quarto, a idéa sinistra e lacrimosa da morte.

D'antes, apenas amanhecia abriam-se as janellas ao primeiro raio do sol, e Isabellinha, com os cabellos despenteados, cahindo-lhe aos hombros, e os olhos ainda nublados de somno, vinha, cantando jovialmente, dependurar aos ganchos das janellas, debaixo dos tufos das trepadeiras, as gaiolas dos

seus passarinhos. A folhagem fresca e viridante, emperolada de orvalho, quando agitada pela mão da moça, que lhe arrancava as mais bellas flores, sacudia com uma chuva de petalas uma ligeira chuva crystallina de orvalho, que borrifava os passaros. Elles então, sacudindo as azas, espanejando-se ao sol, saltitantes e alegres, de cima a baixo, de baixo a cima, nas travessas de bambú das gaiolas entravam a cantar, a cantar...

De vez em quando paravam. Ouvia-se então a voz clara e vibrante de Isabellinha, o rouxinol da casa, trauteando *à là diable* uma modinha maliciosa, cortada de pausas, repinicada de risos.

Os canarios louros, esguios, de pluma arripiada, e os gaturamos inquietos, agitando a cauda, pareciam escutar a moça, com attencioso cuidado, as cabecinhas de lado e os olhos fitos, como quem presta ouvido.

E de repente, a um só tempo, partiam de novo a cantar, ainda mais alegres e travessos, como se respondessem á voz da sua galante e formosa dona.

Pouco depois, apparecia á janella do lado a boa D. Josephina, que vinha estender a sua roupa sobre o telhado.

Travavam-se então as costumadas conversas com as vizinhas.

— Como vae dos seus incommodos, D. Josephina? perguntava a rubicunda mulher do Lucio, tenente de urbanos.

— Ora, *Nhá Duca,* muito mal. Parece que não boto fóra este anno.

— Credo! Nem diga tal, que é peccado. Isso já é scisma. E olhe que a scisma tambem mata.

— Não faça caso, *Nhá Duca;* dizia Isabellinha, espetando o ultimo grampo no rodilhado das tranças, com os braços erguidos, alteando os seios protuberantes na alva cambraia do paletot de crivo. Ha mais de dez annos que *mamãe* diz assim, e, graças á Nossa Senhora, vae vivendo.

— E ha de continuar a viver, com a ajuda de Deus; tornava a mulher do tenente. «Mulher doente, mulher p'ra sempre»; dizia minha mãe. E depois, rindo-se muito: — Olhe, aqui está quem vae primeiro do que Vosmecê.

— Ora, *Nhá Duca!* — respondia a voz lamentosa e debil de D. Josephina — a senhora?... que vende saude, que nunca soube o que é uma dôr de cabeça!?...

— Por isso mesmo; por isso mesmo. A primeira vez que cahir na cama não me levanto mais.

Depois, em todo o correr do dia, era na casa uma labúta sem fim.

A pobre senhora vivia de lavar e engommar para fóra.

O parco subsidio que lhe dava mensalmente o filho, empregado na Alfandega, auxiliava-a sómente a pagar a casa. De fórma que para poderem viver decentemente, sem deverem á venda nem á botica, trabalhavam sem cessar, dia e noite: a mãe no lavadouro e no engommado, a filha na costura.

A pobre menina tinha os dedos asperos, picados da agulha, e as mãos callejadas da tesoura. E quem reparasse nos seus lindos olhos notaria as orlas violaceas em que os afundavam as longas noites passadas ao serão, dobrada sobre a machina, sob a luz doentia de kerozene.

Quanto á velha, coitada, fazia dó. As enfermidades haviam-na acurvado, empallidecido e desfeito de tal modo que parecia estar constantemente ás portas da morte.

E, comtudo, tossindo e gemendo a todo instante, com os magros braços arremangados e a cabeça encannecida, quasi calva, apertada em lenços humidos de agua sedativa, não descansava um minuto, a boa senhora.

E aquillo era assim havia vinte annos!

Por tres vezes estivera desenganada; da ultima com a véla na mão.

Mas a dedicação pelos filhos, a paixão — quasi mania — do trabalho conseguiram fazer o que não podia a medicina.

E ao fim de dois e tres mezes de cama, voltava a infeliz ao seu duro labutar quotidiano, mais duro e mais desesperado do que anteriormente, porque haviam crescido as contas do medico e da pharmacia, e era preciso pagal-as.

Isabellinha não se queixava.

Educada na do'orosa escola da pobreza e do trabalho, vira os risonhos e verdes annos da sua meninice correr serenos e banaes, na monotonia da sua existencia de criança pobre, votada á obscuridade, ao soffrimento e á luta horrivel da honestidade com a miseria.

Depois, enfeitada pela adolescencia com os maravilhosos encantos da menina que se faz moça, sentiu e pensou tudo o que pensam e sentem as raparigas nesse encantado periodo mysterioso, que é o mais bello da vida da mulher.

Como todas, teve mais de um namorado e um unico amor; e — como quasi todas — um noivo.

Um rapaz sympathico e trabalhador. Em primeiro caixeiro de uma boa loja de fazendas e promettera casamento á Isabellinha para quando o patrão lhe désse interesse na casa.

Deixou-se adorar por Isabellinha, acreditou que a amava; e um dia, tres semanas antes do dia fixado para o casamento — depois de tudo prompto, até o proprio vestido nupcial! — embarcou para a Europa. Soube-se, mezes depois, que se havia casado no Porto com uma sobrinha do patrão — o canalha!

É natural que Isabellinha o tenha visto mais de uma vez na rua, arrastando a mulheraça a passeio ou sentado á porta da loja, com os filhos encarapitados nas pernas.

Se com isso se entristeceu — quem o sabe? O certo é que Isabellinha parece haver comprehendido que não eram para ella as felicidades d'este mundo e ter-se resignado alegremente — alegremente sim! que era uma corajosa rapariga! — a viver para sua velha e santa mãe e para o irmão, que não sabia, o ingrato, amal-a como ella merecia. E sem ambições nem desenganos, risonha e trefega, bondosa e satisfeita, ia beirando os vinte e cinco.

Assim corria a vida naquella casa: — como um

rio obscuro, escondido nos ramalhaes da matta, que os barrancos, desmoronando-se, enturvam, e vae gemendo na sombra e no mysterio, raramente alegrado por uma flexa de sol, perfumado pelos lyrios selvagens, ou beijado pelos passaros, arrulando amores, pipiando em brincos, ruflando, molhando as azas nas aguas dormentes, scindindo o espaço azulado e fresco em curvas e volteios rapidos.

Grande tormenta ia, entretanto, rebentar sobre elle e agital-o, sacudil-o violentamente!

D. Josephina agonisava.

Agonia crudelissima, que durava havia mais de oito dias; d'essas agonias atrozes com que as affecções cardiacas ultimam o seu trabalho mortal.

No sobradinho do morro de Paula Mattos nem mais se ouvia o cantar dos gaturamos e dos canarios, nem as modinhas faceiras de Isabellinha.

Os passarinhos, abandonados pela mão de sua gentil senhora, elangueciam tristemente, pendendo os bicos.

E dos labios d'esta, como de um ninho abandonado e secco, já não partiam gorgeios.

As roseiras seccavam nos vasos do parapeito; e o sol, quando vinha, como de costume, bater de manhãsinha, ás vidraças do quarto de Isabel, não se abriam para recebel-o as vidraças.

E o pobre sol, desapontado e tristonho, ficava pacientemente á janella, — como um namorado teimoso a quem falhasse um *rendez-vous*, — e esperava, esperava... que apparecesse emfim a bella cabeça da sua amada, para beijal-a soffrego, ardente, allucinado de amor, nos olhos, na bocca, nas orelhas e nos cabellos...

— Mamãe, seu doutor está ahi; disse a voz tremula de Isabellinha, á porta do quarto.

— Entre, doutor; gemeu de dentro a enferma.

O medico entrou cautelosamente, com o chapéu e a bengala na mão esquerda, estendendo a direita á viuva.

— Então, como se sente hoje?

— Melhor, *seu* doutor; estou hoje muito melhor. Desappareceu a inchação.

O medico voltou-se para Isabellinha:

— Póde fazer-me o favor de abrir um pouco aquella janella?...

Um jacto de luz morna, enfraquecida na empanada, inundou o quarto, derramando-se desegualmente pelos objectos.

Sobre uma velha commoda estava uma imagem de Nossa Senhora das Dôres allumiada por uma lamparina de azeite.

A frouxa luz avermelhada, esbatendo no rosto da imagem, illuminava tristemente as duas grossas lagrimas que, como duas gotas de sangue, lhe escorriam nas faces contrahidas pela dôr.

Algumas velhas cadeiras, trouxas de roupa, uma pequena mesa á cabeceira do leito, coberta de vidros e potes de medicamentos, um tinteirinho de barro com uma penna ferrugenta na bocca. Tudo tristonho e pobre.

O medico endireitou os oculos e olhou de frente a enferma.

Estava recostada em uma pilha de travesseiros, os longos braços estendidos e inertes, as pernas encolhidas, espetando o lençol com as pontas dos joelhos.

O rosto escaveirado tinha uma côr hediondamente amarella; os olhos fundos fixavam-se no vacuo com a persistencia do desvario; o nariz, afilado e transparente, batia avidamente as azas, inhalando o ar

em haustos ruidosos e longos; a bocca entreaberta exhalava um alito fetido, acre, entontecedor.

A physionomia do facultativo, ao examinar a doente, tornou se sombria; humedeceram-se-lhe ligeiramente os olhos e, arredando-os, teve um movimento de beiço que dizia claramente:

— Está perdida.

Ergueu-se; ia a sahir; mas a moribunda lançou-lhe um olhar tão supplicante, tão expressivo, que o medico deteve-se, perguntando:

— Que deseja, minha senhora? Quer alguma cousa?

A doente sorriu-se, com um timido sorriso de criança que pede um impossivel, e murmurou docemente, abaixando os olhos, como envergonhada:

— Queria chupar uma laranja, *seu* doutor. E accrescentou com certo calor, em tom persuasivo:

— Sinto-me hoje tão bem, que acredito que não me ha de fazer mal.

— Que diz, *seu* doutor? interferiu Isabellinha. Mamãe é doida por laranjas. Ha dois mezes que não come nenhuma, porque o doutor tem prohibido...

— E demais, se me matar, morrerei satisfeita!.... exclamou D. Josephina, cruzando as mãos.

— Pois sim, minha senhora. Póde chupar algumas laranjas, mas bem maduras.

— Oh! doutor! doutor! obrigada, obrigada! balbuciava a infeliz, contentissima, estreitando, beijando as mãos do medico.

Fóra do quarto, a moça perguntou-lhe:

— Posso dar-lhe as laranjas?

— Póde dar-lhe tudo quanto ella pedir; respondeu o medico, em tom estranho.

Isabellinha fitou-o espantada e estremeceu violentamente, da cabeça aos pés, com um calefrio de horror...

Tinha comprehendido!

D'ahi a instantes, de pé em frente da mesa da saleta de jantar, descascava com os dedos tremulos duas grandes e vermelhas laranjas, que o irmão, chegado instantes depois de sahir o medico, tinha ido comprar de um salto.

Depois, cortou-lhes a polpa em talhadas finas, que foi arrumando em um velho prato de louça azul. Chorava; e as lagrimas, escorrendo-lhe pelas faces, grandes, quentes, interminaveis e silenciosas, cahiam,

duas a duas, sobre o prato, orvalhando os pequeninos e appetitosos pedaços de laranja, — « a fruta da minha paixão », dizia a D. Josephina.

Quando ella a viu, quando provou a primeira talhada, teve um tal accesso de alegria que bateu as palmas, rindo, e desatou depois a chorar nervosamente, louca, louca de contentamento! . . .

E expirava uma hora depois.

Fevereiro, 1885

Um bruxo

A Dermeval da Fonseca.

Eu subia, e o Carlos descia a rua do Ouvidor pela mesma calçada; encontrámo-nos.

— Como estás?

— Oh! como vaes tu?

— Levas muita pressa?

— Não. Creio até que andava á tua procura.

— Pois então voltemos; e enfiou-me o braço.

— Voltemos; e fomos descendo a rua.

— Se tomassemos qualquer cousa?...

— Está dito: — tomaremos qualquer cousa. Uma resolução, por exemplo; ou um bonde.

— Não; é melhor um *chóp*.

Dobrámos a Rua Primeiro de Março para a esquerda e encontrámos no Café Americano. Não havia muita gente na sala.

Era mais de tres horas da tarde. A freguezia diaria do estabelecimento, composta em sua maioria de allemães e inglezes, já se tinha retirado, depois de consumir algumas centenas de *chops* e *sandwichs*, e de fazer e desfazer mil negocios, que no dia immediato deviam influir gravemente sobre a Praça do Commercio.

Em um angulo da sala dois splinéticos inglezes, espichados um em frente do outro, esgotavam silenciosamente os seus canecos de vidro — porventura pela vigesima vez! — e, mais longe, um solitario bebedor de absyntho jazia attentamente mergulhado nas paginas do *Monde Illustré*, na attitude consternadora de um desesperado que se suicida no mar da imprensa — por submersão.

Aquillo era divertido, mas não tanto que não aborrecesse ao fim de um quarto de hora.

Olhei para o meu companheiro. Tinha os cotovellos sobre a mesa e o rosto apoiado nas mãos. Apertava os olhos e os beiços em silencio, ageitava o *pince-nez*, torcia o bigode; depois voltava a torcer o bigode e a ageitar o *pince-nez*. Evidentemente estava preoccupado, contrariado talvez.

— Que diabo tens tu? Estás serio como um ar-diso do fundo.

— Não sei, mas não estou bom. Sinto-me indisposto, *amolado*, aggressivo.

— Olha, adeusinho. Estás hoje de metter medo: — aggressivo e, de mais a mais, amolado. Até logo.

— Não brinques, porque me fazes chorar com os teus gracejos.

— Conheço-te o mal. Isso é dyspépsia.

— Qual dyspépsia! O que isto é sei eu. Acordei alegre, lépido, bem disposto. Ri-me das asneiras que a *revisão* magnanima entresachou desinteressadamente no meu artigo de hoje e que o tornaram infinitamente melhor. Almocei bem, accendi um charuto e ia pensando em uma bonita mulher quando sahi para a rua. De repente, poucos passos adeante da porta, encontrei aquelle estafermo.

— Qual? O mergulhador do *Monde Illustré?*...

— Não, um mergulhador de outra especie, e muito peior: um mergulhador de algibeiras, e póde bem ser que de honras tambem.

— É segredo o seu nome? Pergunto para prevenir-me contra futuros mergulhos.

— Sei lá o seu nome! É a segunda vez que o vejo. Elle conhece-me, sei que me conhece; eu é que o não conheço. Sei apenas que é feio como um [illegible]

e unhas de tigre e, mais do que tudo: — que ha de vir a me fazer muito mal. Quando? Não sei. Como? Ignoro.

— Porque o sabes, então?

— Porque desde a primeira vez que eu vi aquelle sujeito senti que me havia de ser funesto. Sua presença fez-me mal; poz-me o espirito de cama.

— Bravos! Boa phrase.

— Não é boa, mas é verdadeira. Ao vel-o, eu, que, como hoje pela manhã, estava satisfeito e bem disposto de corpo e alma, senti qualquer cousa estranha e malefica penetrar-me o coração; uma especie de microbio moral agarrou-se-me ao espirito e...

— ...E deu-lhe a febre amarella.

— Gracejas, mas acertas. Adquiri desde logo a certeza de que aquelle demonio ha de exercer em minha vida uma grande influencia perniciosa. Hoje, ao encontral-o segunda vez, experimentei a sensação cruel que se experimenta ao encontro de um antigo e figadal inimigo. Ainda não me fez mal e já o detesto e odeio. Odeio-o, detesto-o, abomino-o pelo mal que me vae fazer, tarde ou cedo, bem póde ser que amanhã. Diz-m'o o coração, e eu tenho coração de pythoniza. Elle prevê, adivinha, prognostica-me o futuro, explica-me, elucida-me o passado. E' um

vidente. Ás vezes entro, sem ser esperado, em uma sala. Conversa-se sobre cousas que não me dizem respeito. Entretanto, não sei porque, sinto que falaram de mim; nos gestos, nas palavras soltas ao acaso, nos olhares naturaes, indifferentes — leio, decifro lentamente o que de mim se dizia. E mais de uma vez tenho conseguido reconstruir toda a conversa de que fui objecto. Venho a sabel-o depois, por meio de alguma das pessôas que nella tomaram parte. Tenho o que se chama vulgarmente — «um coração leal».

— Tens a presciencia do coração.

— Ou isso. O que é certo é que têm-se passado commigo factos extraordinarios, que confirmam este dom singular, esta faculdade excepcional que possuo. Uma vez entrou-me em casa o Marçal... Conheces... O meu velho amigo Marçal... chegado naquelle instante de S. Paulo. Eu não o esperava. Dias antes recebera d'elle uma carta em que me contava certo complicado e melindroso negocio, em que andava envolvido, sem me avisar que vinha.

— E não tiveste o presentimento de que elle viria?

— Não tive. Em geral o meu coração apenas presente as cousas que me dizem respeito directa-

mente, em que entra a minha felicidade. Momentos depois de chegado, perguntou-me o Marçal:—Sabes a que venho? Respondi-lhe que sabia. E sabia-o de facto, e não só isso como tudo quanto havia precedido e occasionado a partida. Apenas elle se me apresentára, entrei a reconstruir mentalmente a serie dos factos, e com o texto da carta, com o conhecimento que tinha da questão, do caracter do Marçal, das pessoas nella envolvidas, cheguei a este resultado pasmoso, que ao meu amigo pareceu cousa de bruxaria:—Contei-lhe tudo o que com elle se havia passado: a causa, a marcha, os incidentes da questão, o fim que o trazia á Côrte, chegando mesmo a reproduzir fielmente uma importante conversação que elle tivera com certa pessoa. O Marçal estava pasmo, boquiaberto!

—Como eu estou. Mas dize-me cá: esse teu poder de presciencia ou de presentimento abrange tambem o capitulo—mulheres?

—Esse com especialidade. Nunca uma mulher enganou-me. Ás vezes deixo que me enganem, e é tudo. Neste assumpto o meu forte é conhecer-lhes o caracter, a indole moral, fóra de qualquer especulação physiologica. Se eu não fosse um homem honesto, ou melhor:—um bom homem, daria um

bello incremento á descendencia do Meneláu. Estou lendo nos teus olhos essa objecção: — Mas tu és feio...

— Francamente: acertaste; respondi-lhe rindo.

— Bem se vê que de mulheres não entendes muito. A mulher, meu inexperto amigo, não conhece homens feios ou bonitos, nem tolos ou intelligentes. Para a mulher só existem duas especies de homens: os que conquistam e os que não conquistam; os homens fortes e os homens fracos. Conheço um imbecil feiissimo, que é de uma felicidade desesperadora com as mulheres. É possivel que muitas d'ellas venham a notar que elle é estupido como um tamanco e feio como um corvo, mas sómente depois de lhe darem o primeiro beijo. Ora tu não pódes ignorar que — mulher que dá um beijo é como cesteiro que faz um cesto.

— Perfeitamente. Resta-me fazer-te uma pergunta, que será a ultima: — Acreditas que haja mulheres honestas?

— Acredito. Ha mulheres honestas como ha em um jardim flores que se não desfolham.

— Por falta de vento, ou...?

— Por falta de vento, muitas vezes, na maior parte das vezes; mas algumas tambem por causa

da qualidade da flor. Ha flores que se não desfolham porque não pódem desfolhar-se, sopre embora o Simoun! Podem cahir arrancadas, partido o caule; desfolhar-se — nunca! Mas isto é questão melindrosa e que esgotaria muitos *chóps*. Prefiro narrar-te um caso singelo que servirá para confirmar a minha estranha e real vocação para cartomante.

— Renovemos então os copos...

— «Conheci em certa villa um sujeito que era collector das rendas municipaes; villa e sujeito, cujos nomes dispensas por certo.

— Dispenso. Adeante.

«Darei, comtudo, um nome qualquer ao collector, por conveniencias da narração. Pimentel, por exemplo. Já deves ter comprehendido que a mulher do Pimentel é encantadora, quasi divina. Alta, cheia de corpo, elegantissima; physionomia serena, limpida, castamente risonha. Não tinha bocca sensual e os olhos eram meigos e tranquillos, quasi serios. Um rosto de Madona, sem luz do céu.

— Amaste-a.

«Amou-a o Pimentel e desposou-a. Casaram-se por amor. O Pimentel adorava-a, ella adorava o Pimentel.

— Um idylio! como se diz no *Petit Duc*.

«Um idylio. Mas muito honesta, honestissima. Quando eu a conheci, havia dez annos que era mulher do Pimentel. Tinha ella então vinte e sete de edade. Apontavam-n'a como sendo a encarnação da Virtude, a Candura em pessôa.

—Devia chamar-se Pureza; não achas?

«Acho, mas chamava-se Leonor. Um nome incendiario, bem vês. Morei na villa dois annos e tive tempo sufficiente para estudar aquella mulher. Nunca lhe sorprendi a minima falha na solida e inteiriça honestidade. Apaixonada ainda, cada vez mais, pelo marido, e mãe extremosa. Tinha tres filhos: uma menina muito feia, que se parecia com o Pimentel, e dois encantadores rapazes que se pareciam immensamente com a mãe. Nunca o Euzebio se atrevera a fazer-lhe a côrte—nem o mais leve galanteio!—e o Euzebio era o D. Juan mais respeitavel do municipio, talvez da provincia.

«Honestissima, portanto. Diziam-n'o todos, menos ella propria; o que é prova irrefragavel de que o era effectivamente. Entretanto,—apezar d'isso, apesar da vida, da compostura, do aspecto, dos precedentes, apezar de tudo o que estava a gritar naquella mulher:—Honestidade! Honestidade!—eu encontrava nella um não sei quê de impuro, o

quer que fosse impalpavel, inexplicavel, incomprehensivel, que desmentia tudo o mais e que me obrigava muitas vezes a procurar com os olhos, insensivelmente, a cabeça do Pimentel. Eu iria jurar que aquella flor estava immaculada, que jámais perdera uma petala; mas não apostaria um nickel em como ella resistiria ao sopro do Euzebio, se o Euzebio soprasse. Disse uma vez um poeta nosso que dentro dos olhos azues vê-se um cupido rosado e nú, despedindo flechas para fóra. Pois a mim, dentro dos olhos castos de Leonor parecia-me vêr claramente uma bacchante férvida, rasgando, arrancando as gazas, em um delirio de amor. E, além d'isso, eram de bacchante as curvas flexiveis e harmoniosas do corpo d'aquella santa mulher. Chamavam-lhe *Santa* na villa: — uma alcunha familiar, que se havia generalisado.

« Vou concluir.

« Ha mais de tres annos que sahi da villa e nunca mais soube noticias da *Santa* nem do Pimentel.

« Um dia d'estes, na quarta ou quinta-feira... na quinta-feira, sim, esbarrei na rua com o Gonzaga, o medico da villa, de quem fui muito amigo. Deu-me novidades, muitas novidades de toda aquella bôa gente.

«A mais notavel foi esta: Uma noute o Pimentel, ao entrar em casa, vindo do voltarete do vigario, como precisasse dar um recado ao Quincas, — um rapazinho, escrevente da collectoria, que morava na mesma casa, em um quarto do rez do chão, — empurrou a porta, entrou no quarto e... e encontrou a mulher, a *Santa*, na cama do escrevente.

— Oh!...

«Tal noticia, entretanto, não me admirou nada. Mais tarde ou mais cedo, havia do soprar o vento; eu já o sabia. Não soprou o Euzebio, mas soprou o Quincas. Peior para o Euzebio. Ou antes: melhor; porque o Quincas, coitado! apanhou uma tal senhora *tunda* que deve ter perdido para todo o sempre o desejo de fazer papel de brisa em jardim prohibido. Se estava escripto!... Se eu já o sabia!»

— Pobre Pimentel! E vamo-nos embora, meu caro bruxo. Eu pago a despeza. Mas antes, acceite a minha admiração terrificada.

Erguemo-nos.

O bebedor de absynto jazia positivamente adormecido no seio do *Monde Illustré*. Quanto aos dois inglezes splinéticos, continuavam a esgotar silenciosamente os seus canecos de vidro, espichados um em frente do outro.

Republicano... intransigente

A Assis Brasil.

I

— O meu illustre amigo, Dr. Silverio Guerreiro, de quem tantas vezes tenho-te falado; — disse-me o Barroso, apresentando-m'o.

Inclinei-me cortezmente e transmitti-lhe com um cordial aperto de mão o prazer, a honra, o desvanecimento de que me sentia possuido por conhecer pessoalmente um cavalheiro que eu tanto admirava de nome.

Depois andamos um bocado, até que, tendo encontrado um banco vasio, sentámo-nos, dispostos á palestra.

Era isso no Campo da Acclamação, á tarde.

Pelas vastas alamedas saibrosas, ainda quentes do ardentissimo calor do dia, que deixára os arvoredos requeimados e tristes, num derreamento de fadiga, passeavam damas e cavalheiros a passo cur-

to, saboreando a doçura melancolica da hora e espairecendo os olhos ociosos nos largos e concavos taboleiros de relva á ingleza, tosquiados de fresco, e nos lagos calmos, esverdinhados pela sombra dos arvoredos, arrufados pela brisa escassa que soprava, e, em um ou em outro ponto, levemente scindidos pelo moroso nadar dos patos.

Algumas crianças corriam, gritando e rindo; e, quando se afastavam, fazia-se um grande silencio meditativo, como se a cidade estivesse longe, muito longe...

A falar a verdade, eu á palestra com o Dr. Silverio preferia poder estender-me a fio comprido sobre a relva, embebendo os olhos na luz tristonha e unctuosa do firmamento azul, enlaivado de pequenos farrapos de nuvens brancas, e sentir em cheio sobre a pequenez do meu ser o peso monstruoso do céu, do bello céu mysterioso, distante como a felicidade, impassivel como um odio eterno.

É embriagante como um vinho doce o crepusculo. Mas é de melancolia que nos embriaga.

E quanto mais ebrios de tristesa, quanto mais perturbados pela ancia das duvidas mordentes que bebemos com a luz da tarde, maior a sêde que nos requeima e devora... Por fim, desesperados pela

sêde invencivel, deitamo-nos com a face para o céu, como para beber de um trago o luminoso veneno d'essa enormissima taça inexgotavel, a despejar-se eternamente e eternamente repleta!

...Nisso ouvi uma voz grave e pausada, que dizia o meu nome... Voltei-me; era o Dr. Silverio, de quem me havia esquecido na embriaguez do crepusculo.

Pedi-lhe desculpa da distracção e entrámos a conversar. Só então reparei na figura d'esse homem, de quem tantas vezes e com tantos gabos me havia falado o Barroso, o amigo que ha instantes m'o apresentára.

Verifiquei que o original correspondia perfeitamente ao retrato delineado pelo meu amigo.

Era um homem robusto, de cerca de quarenta annos, estatura mean, hombros largos, cabeça grande; á expressão de intelligencia e de energia moral que lhe davam ao rosto largo e corado os grandes olhos fulgidos e calmos, juntava a barba — curta e macia, muito preta, bipartida no mento, á nazarena, — uma expressão de immensa bondade e um *quê* de resignação.

Em summa: aquelle homem tinha o aspecto dominativo e sympathico de — victima illustre.

Não se havia nem me havia enganado, portanto, o meu amigo na pintura do Dr. Silverio.

O cidadão imperterrito e honrado que preferia a obscuridade e a pobreza ao conforto do dinheiro e aos esplendores do renome se para alcançal-os fôra preciso desviar-se uma linha da recta inflexivel que lhe traçara por caminho a sua consciencia impolluta; — o republicano convencidissimo e stoico, que regeitara cem vezes a fortuna que se lhe offerecia pela porta da politica, pela escadaria dos cargos officiaes; o homem que tinha por divisa e lemma: «Do governo cousa nenhuma!» não podia ser outro senão aquelle; devia ter forçosamente aquelle porte soberbo e digno, aquella cabeça grande e erecta, aquelles olhos intelligentes e austeros, aquella barba apostolica.

A impressão produzida em mim pela harmonia do aspecto physico do Dr. Silverio com o retrato moral, que d'elle me fôra feito muitas vezes, foi tão poderosa e violenta que lhe estendi novamente a mão aberta, dizendo-lhe com a voz tremula de emoção:

— Acredite, doutor, que me sinto immensamente honrado em conhecel-o e mil vezes feliz por estreitar a mão de um dos homens mais dignos e mais illustres d'este paiz...

— Do unico verdadeiro republicano que possuimos, podes accrescentar; disse o Barroso.

— Sim: — do unico verdadeiro republicano que possuimos; accrescentei.

O republicano imperterrito não se mostrou perturbado ou surprehendido com aquellas provas de admiração e de apreço. Recebeu-as serenamente, como quem a taes cousas esteja affeito.

Depois, soprando devagar um rolo de fumo do hamburguez, olhos pousados vagamente na linha do horizonte ennevoado e saudoso, disse com a sua bella voz de um tom quente e insinuativo:

— Não tenho talento e nada sei. Não tenho merecimentos, mas tambem não tenho ambições. Olhem, de uma só cousa me orgulho, um unico titulo me desvanece e desejo legar a meus filhos, com a pobreza honrada; é este: — sou republicano radical e intransigente. Nunca me viram na ante-camara de um ministro, nem nas escadas de uma secretaria. « — Do governo cousa nenhuma! » — é a minha divisa e o meu programma. Logo que me formei, offereceram-me — a escolher — um logar de addido de embaixada, um logar de promotor na Côrte, uma nomeação de secretario da presidencia de uma das melhores provincias, e procuraram incluir o meu

nome em uma chapa do governo para deputado provincial. Regeitei tudo, tudo! Aqui o nosso amigo bem o sabe, e dirá se estou exagerando ou mentindo.

—Oh, doutor! atalhei, mostrando-me offendido com aquella idéa.

—É a pura verdade; confirmou o Barroso. E isso foi simplesmente para começar. O que lhe tem sido offerecido depois! Quantos logares tem elle regeitado! e que logares! Commissões á Europa, o consulado de uma das republicas do Pacifico, a presidencia das Alagoas...

—...e a do Espirito Santo; accrescentou o grande homem.

—...e a do Espirito Santo; addiccionou o Barroso, continuando; um juizado de Direito em Pernambuco, a chefia de policia da Côrte, e, por ultimo, quando subiram os liberaes, uma cadeira na Camara.

—É admiravel; digo mais:—É espantoso! para os tempos que correm; exclamei com sincero assombro; e depois, reflectindo:—Mas o doutor tem tambem regeitado os cargos de magistratura por consideral-os incompativeis com as suas crenças e opiniões?

—Certamente; certamente. Quem faz as nomeações? Não é o governo? E, além d'isso, esses logares, quando não sejam de responsabilidade politica, são, como é sabido, dependentes das viravoltas governamentaes, do jogo das influencias politicas... «Do governo cousa nenhuma!» é a minha divisa, é o meu programma.

Quando á noite me separei d'elle, encantado e pasmo, offereceu-me, «não a sua casa, porque estava, havia dois mezes, hospedado em casa de um compadre e amigo, em Todos os Santos, a ares, por causa da sua senhora, que andava adoentada; mas que julgava poder offerecer-me, como se fôra propria, a casa de seu amigo e compadre...

Agradeci uma, duas e muitas vezes, e despedi-me como já disse: — encantado e pasmo. E vim pensando pelo caminho: — Que tempera! Um perfeito Catão! Decididamente é o unico verdadeiro republicano que nós temos; como disse o Barroso.

II

Passaram-se dias, passaram-se mezes. Eu via o Barroso regularmente de oito em oito, de quinze em quinze dias.

Mas ultimamente havia quasi um mez que o não encontrava em parte nenhuma. Como esse amigo tem por costume *synalephar-se* do convivio social, de vez em quando, para mergulhar no seio da sciencia á pesca das perolas da Verdade — por oito, quinze e mais dias, e não gosta que o vão interromper no trabalho, eu attribui a ausencia a algum novo *mergulho.*

Mas um bello dia encontrei-o por acaso, ao fundo de um *restaurant,* tomando chá preto, em uma solidão tristonha, que me impressionou.

— Oh! exclamou, vendo-me. Feliz acaso! Eu ia d'aqui exactamente á tua procura.

— Que ha de novo? Pareces-me triste, preoccupado...

— Ha o inferno, ha o diabo, meu amigo! Imagina tu que...

— Descobriste no Heckel uma opinião que não podes acceitar; ou então o Stuart Mill...

— Qual Mill, qual Heckel, qual nada!... Ora imagina tu que o Silverio está lá em casa!

— Silverio? Que Silverio?...

— O Dr. Silverio, o republicano imperterrito, o republicano intransigente, o...

— «O unico verdadeiro republicano que possuimos»; já sei. Então está em tua casa? Deves estar satisfeito.

— Oh! muito satisfeito, satisfeitissimo! Tenho em casa ha vinte dias uma familia inteira, composta de doze pessoas, inclusivé dois moleques e um *Terra-Nova,* — a comer, a beber, a dormir... E dizes-me que devo estar satisfeito!

— Mas que fazem elles em tua casa?

— Tomam ares... Ao que parece os de Todos os Santos não prestam.

— E demoram-se?

— É provavel, é infelizmente muito provavel.

— Mas que diabo! é exquisito. Um homem tão integro, tão independente... Coitado! é porque precisa, faltam-lhe recursos...

— Historias! É um malandro. Têm-se-lhe offerecido os melhores empregos, as mais vantajosas propostas, e elle tudo rejeita, não acceita emprego nenhum...

— Naturalmente... Pois se a sua divisa é «Do governo cousa nenhuma»! Elle não transige...

— Pois que não transija! Mas eu é que não estou para engordar intransigentes! Agora é que eu comprehendo a divisa do tal «grande homem».

— Olha, tens um meio de te livrares d'elle: — entra para o ministerio; torna-te governo. Como elle não quer nada do governo...

Pouco depois sahimos.

Fui com o Barroso até a casa d'elle.

Na sala de visitas, repléta de senhoras e crianças, commodamente recostado em uma poltrona, com o charuto entre os dedos e o palito na bocca, em uma attitude de nobre exilado, estava o Dr. Silverio Guerreiro, conversando placidamente com um senhor de oculos e soiças brancas.

E, justamente na occasião em que entravamos, dizia o «grande homem»:

— «Do governo cousa nenhuma!» é a minha divisa, é o meu programma. Eu não transijo!

E, vendo-nos entrar, voltou-se para o Barroso, com um gesto olympico:

— Não é verdade, Barroso?

O meu pobre amigo respondeu-lhe que sim, que era verdade, e elle tomou então, aos olhos pasmos do sujeito das soiças brancas, todo o seu ar sympathico e respeitavel de victima illustre, que soffre horrores — mas não transige!

Confissões de um inutil

A Araripe Junior.

« Tenho sessenta e cinco annos de vida e quarenta e quatro de politica. . . » dizia na sua primeira pagina o manuscripto de capa verde, encontrado entre os papeis do senador Pitada, e que o juiz do inventario, por entendel-o um calhamaço imprestavel, abandonou, resmungando ao lêr-lhe o titulo — «Confissões de um inutil» :

— Ha de ser alguma novella. . . Caduquices do senador. . .

« Mas não tenho filhos, continuava o manuscripto, e é esta a desgraça mais desgraçada com que me golpeou a sorte.

« Enviuvei de uma santa no dia immediato ao em que tomei assento no Senado, e fazem hoje exacta-

mente vinte annos que tive essa grande honra funebre...

«Funebre, sim.

«Não quiz Deus que eu sobrevivesse ao meu querido anjo esteril, e antes que elle traspassasse da vida physica, como a preparar-me para tão duro infortunio, installou-me na cobiçada e doce catacumba tranquilla do Senado.

«Quando, oito dias depois, desanojado e vestido do eterno sudario negro da minha viuvez, me encontrei mergulhado na curul, tendo á esquerda um octogenario venerando, calvo, catacégo e surdo; á direita um sexagenario pelintra e tolo, espartilhado, empomadado, remoçado a nitrato de prata; mais decrepito, porém, e ainda mais invalido do que o collega da esquerda; na minha frente, á *mesa*, o «senhor presidente», que acariciava o algodão das barbas, fechando os cansados olhos, entre os secretarios, adormecidos em paz; ao centro um tachygrapho, estereotypando vagarosamente, — como um collegial que copia um modelo, — a melopëa arrastada, fanhosa, ecclesiastica, do «nobre e honrado senador por Goyaz»; — e, acima, as galerias ermas, povoadas apenas de uns sujeitos tristes, bocejantes; ah! nesse instante, senti bater sobre o meu espi-

rito, com um som cavo de lousa mortuaria, o silencio negro da morte — como a capa de um livro agitado e triste sobre a palavra « Fim ».

« E murmurei baixinho, enclavinhadas as mãos inuteis, erguendo á abobada do tecto os olhos humidos, á procura de um céu :

« Estamos mortos Joanninha ! » . . . . . .

. . . . . .

« Se ella me houvesse deixado, com o desespero de sua fuga, a consolação de um filho, ah ! então, eu poderia, eu saberia ser mais do que um senador do imperio : Eu seria um homem ! Mas não. O estimulo da lucta, a necessidade do trabalho, a idéa do exemplo, o amor á minha vida declinante — por amor de uma outra, adorada e pura, que desabrochasse apenas, — o enthusiasmo, a esperança, — oh ! a esperança principalmente, — tudo me faltava, tudo tinha partido com ella, como a preciosa bagagem que leva comsigo um opulento, fugindo á invasão do inimigo, abandonando á guerra e ao saque o seu palacete magnifico, e — para completar a imagem, — deixando nelle apenas, no ermo soturno dos salões vazios, na confusão da partida subita, o objecto mais amado, que foi forçoso deixar, — o piano, por exemplo ; o piano, que era o melhor e o mais velho

amigo do fugitivo, e que, entreaberto ainda, adormecido ficara sobre o derradeiro accorde que lhe evocaram do seio os descuidosos dedos do seu amigo.

«Eu era o piano de Joanninha.

«Na partida, ella não poude levar-me comsigo.

«E aqui fiquei eu, emmudecido e tristonho, amortalhado em poeira, adormecido para todo o sempre.

«O que em mim havia de sonoro, de alegre, de inspirado, fugiu-me de ha muito, como derradeira nóta, á derradeira caricia do meu pobre anjo.

«Se ao menos eu tivesse um filho...

«Mas eu não era pae; era unicamente senador do imperio.

«E de piano de Joanninha passei a realejo dos governos.

«Ha vinte annos que tocam em mim o «Principio da Auctoridade», o «Amor ás Instituições juradas», a Dedicação á Dynastia» e a polka afandangada, composição de um nobre collega pelo Rio-Grande do Sul: — «O poder é o poder».

«Ha vinte annos que de um homem livre, impetuoso, cheio de esperanças e de alegrias fizeram-me uma simples machina vitalicia de approvação e rejeição de projectos.

« Uma pequena machina de votos, muito parecida com as de costura.

« Querem saber como eu funcciono? É assim: — mette-se-me o papel de um projecto ao alcance da agulha do olhar, tempera-se-me o *ponto,* toca-se-me a roda e *zás:* — « Voto a favor » ou « Voto contra » — conforme se me faz andar ou desandar, coser ou descoser, approvar ou reprovar.

« Como isto que vou escrevendo são confissões, — confissões de um morto intellectual e moral, confissões de um moribundo da vida physica, — devo declarar tudo sinceramente, francamente; e, portanto, direi que, na qualidade de machina, obedecia machinalmente ao chefe da nação ou ao chefe do meu partido.

« Porque eu, depois que entrei no Senado, tenho definitivamente um partido: sou conservador. Como já não precisava mais de ser alternativamente *amarello* e *vermelho,* conforme os interesses da occasião, resolvi ser aquillo que mais me agradava, que mais dizia com a minha natureza morta: declarei-me, conservei-me conservador.

« É aqui, talvez, o ensejo de *croquisar* (permitta-se o neologismo aos archaicos!) de *croquisar* ligeiramente a minha carreira politica.

« Fal-o-ei com dois traços rapidos, talvez falsos tambem, mas, com toda a certeza, sinceros e seguros, porque isto é uma auto-biographia, e á beira do abysmo da morte não interessa nem vale a mentira.

« Eu bem pudera relatar aqui, com todas as minudencias e o detalhamento de historiador consciencioso e miudinho, as causas, os motivos, as circumstancias, as phrases, os altos e baixos, as sombras e os claros da minha vida politica.

« Mas para que?

« Basta saber-se que, apenas formado em sciencias juridicas e sociaes por S. Paulo, entrei a advogar em uma villa da provincia do Rio de Janeiro, onde vivia meu pae, veterano glorioso das lutas da Independencia e inimigo fanatico dos « pés de chumbo » ; sentimento este que não herdei do « velho » com a meia duzia de contos e a duzia e meia de exquisitices que elle tinha.

« Como meu pae estivesse acabado pelo tempo e pelas enfermidades, elle e os amigos fizeram-me chefe do partido *saquarema,* que era o d'elles e passou a ser tambem o meu.

«Durante dez annos commandei a sarrabulhada das eleições, emporcalhando-me com toda a sorte de *expedientes* e de manejos, desde a imposição de chapas aos amigos e aos compadres até o furto e a substituição das cedulas dos adversarios pelas nossas; desde a quebra da dignidade até á quebra das urnas nas cabeças dos cidadãos votantes.

«Fui juiz de paz (para fazer a guerra eleitoral), inspector, subdelegado, delegado, vereador, eleitor, supplente de juiz municipal, e quanta cousa séria e bôa tem usurpado a politica, para manter-se e alimentar-se, torcendo-as e desmoralisando-as.

«Hoje, que estou morto e sepultado na necrópole do Senado, posso tranquilla e desafogadamente julgar os serviços que prestei ao meu paiz e á causa da Humanidade.

«Nenhum, meus senhores!

«Nenhum: a não se contarem como taes: — o haver reduzido á miseria a familia do Viriato, que, como juiz, metti na cadeia, abandonando aos credores tudo quanto tinha esse pobre *amarello;* as formidaveis cargas de páu que mandei *encostar* no Lopes, no Guedes, no Dr. Pires, em mais seis ou sete adversarios; o haver embebedado por mais de uma duzia de vezes a honrada população votante,

sacando-lhe os votos da consciencia, á proporção que lhe mettia a cachaça e o *boi* no estomago; o ter quebrado algumas urnas e violado outras tantas; o ter feito eleitores e deputados de sujeitos radicalmente idiotas — uns, sinceramente safardanas — outros; o ter mentido, inventado, promettido, como só Deus o sabe; e o haver, finalmente, quebrado um braço, — que, d'esta vez, era infelizmente, meu, — em uma eleição municipal.

«Em um bello dia de apuração de uma eleição para deputado geral, o chefe dos contrarios chamou-me, e, depois de uma sabia combinação, que faria corar uma caveira de salteador — combinação em que se fizeram trocas e baldrocas de candidatos e cedulas, — fui eleito representante da minha provincia e do paiz, a troco das minhas convicções *cascudas*.

«Estava liberal, mas estava deputado. Era o bastante. Pois não era?

«Comecei então, dentro do parlamento e fóra d'elle, depois de extincto o mandato, a fazer contra os meus antigos amigos e correligionarios todas as bandalheiras, injustiças, traições e trapaças, que anteriormente havia feito a favor d'elles, contra os meus inimigos de então, correligionarios depois.

«Como deputado, tive a honra de combater com a terrivel eloquencia do meu voto (que era como os melões, quando são melhores: — calado —) o projecto Paranhos, a lei do ventre livre. A não ser esse, não me lembro de outro serviço á patria.

«É verdade que apresentei alguns bellos projectos democraticos, taes como a abolição do conselho de Estado, a temporariedade do Senado, a grande naturalisação e outras que taes pachuchadas, que não chegaram a ser consideradas objectos de deliberação.

«Eu, nesse tempo, além de *estar* liberal, namorava a Joanninha: era noivo.

«O amor e os bellos olhos do meu anjo, os versos de Victor Hugo e as obras dos encyclopedistas deram-me volta ao miolo, e eu metti-me a tomar a sério o meu posto de augusto e dignissimo representante da nação.

«Que querem? Eu andava apaixonado e lia umas cousas tão bonitas, tão bôas... de lêr!

«Casei-me, no emtanto, e voltei de novo ao *ramram* da vida; mandei á fava os poetas e os melhoramentos da patria, os projectos grandiloquos e as grandes idéas novas...

«Fui d'ahi em deante um deputado exemplar.

Pontual ás sessões, discreto, prudente, criterioso, sempre armado de uma bella phrase, feita e de effeito, magestoso, importante, extraordinariamente ôco e inutil.

« Parece impossivel que Henri Monnier houvesse creado Prudhomme sem me conhecer.

« Esta confissão é dura; mas quando fôr conhecida eu já não poderei corar, e ella servirá talvez de ensinamento util e de proveitosa licção.

« Votei sempre com o governo liberal (Oh! a disciplina partidaria!) a favor de todos os projectos ministeriaes ou da maioria. (As minhas convicções! O nosso immaculado e grandioso programma!)

« Votei muitas vezes contra as idéas d'esse mesmo programma, (Ah! as conveniencias politicas! as necessidades do partido! as exigencias do momento!...) e approvei mais de um projecto insolentemente conservador, caturra, retrogrado... (Nem tudo o que é bom é opportuno! *Natura non facit saltus.* Muitas vezes transigir é vencer. Ceder dez hoje para ganhar trinta ámanhã é uma grande politica!)

« Em summa: fui um *politico* tão irreprehensivel e um cidadão tão imprestavel, que me espanta não haver ainda sido ministro! Incrivel!

« Voltei á camara mais vezes. Quantas eleito pelo

meu partido, quantas pelo partido dos *outros*, é o que não posso determinar ao certo.

«Fiz discursos. Não muitos, porém fortes, bem pensados, bem arranjados, sérios; discursos descompondo o Dr. Pancracio, chefe dos adversarios lá na minha villa; calumniando o capitão Chico, delegado de policia, que com as suas intrigas me affastava da banca os constituintes; pedindo ora uma ponte, ora uma estrada de ferro, que nunca se executou, dispensas de edade para estudantes, meus afilhados, licenças com ordenados por inteiro para juizes, meus compadres.

«Discursos magnificos, que eu arranjava em definitiva quando corrigia as notas dos tachygraphos, e que, segundo penso, estão ainda por inteiro na memoria de todos os meus ouvintes e leitores.

«Mas não foram elles, os discursos, que me deram a senatoria. Não foram.

«Quem me fez senador foi um capricho, uma *peça* de el-rei.

«O candidato que se preconsiderava escolhido era o Almeida.

«A chapa seria qualquer, desde que elle entrasse.

«Então o Almeida, para garantir-se a propria escolha, organisou e fez vencer uma chapa, com-

posta do nome d'elle, do do conselheiro Martinho, sujeito que o Imperador não podia vêr nem pintado, e do meu. Eu entrava ali como *cunha*, como verbo de encher; porque, — verdade, verdade — eu nunca esperei ser escolhido.

« Além do Almeida, havia na provincia mais seis ou oito chefes prestimosos, ex-ministros, que já haviam feito parte de listas triplices, cujos direitos eram muito maiores que os meus. Toda a gente pensava e jurava até que o escolhido seria o Almeida. Eu, não era natural, nem de esperar; o Martinho nem por sonho! Era o Almeida. Pois fui eu.

« O Imperador havia percebido a ratoeira da chapa e desarmou-a... sobre a cauda de quem lh'a havia armado: escolheu-me!

« E ora aqui está como se faz um senador: — brincando.

« Se Joanninha não me houvesse abandonado neste valle de lagrimas; se ainda me enflorasse e illuminasse a vida, este pouco de vegetabilidade que ainda me resta, eu trabalharia talvez! Talvez me envergonhasse de, ha vinte annos, receber dinheiro da patria, dando-lhe em tróca unicamente o meu voto nos projectos que os outros elaboram e discutem, e o melhor do meu somno, na poltrona vitali-

cia, depois da chavena de café com leite. Ai, o café com leite! É o que eu mais amo neste mundo.

«Se ao menos *ella* me houvesse deixado um filho!... Mas nem isso!

«Ha vinte annos que vivo com o Braz, — o meu Braz, que ainda não fiz a justiça de alforriar, com medo que me abandone, deixando-me ainda mais só — e a tia Basilia, uma preta livre, que, apezar de mais velha do que eu, ainda faz a sua cosinha com enthusiasmo e convicção: dois condimentos que ha muito não me entram na caçarola da vida.

«E mais ninguem! E mais nada!

«E, todavia, se eu pudesse, se eu tivesse forças para querer, eu teria talvez muito que dizer, que aconselhar, talvez mesmo alguma cousa que fazer...

«Mas não.

«Sou um inutil e um triste.

«Quando me veio a senatoria, eu tinha morrido na vespera...

«A senatoria e a morte vinham ao encontro d'um morto!

«Nem tanto era preciso!

. . . . . .

Um espirito forte

A Carlos Moraes.

O bonde vinha quasi vasio, como todos os que descem dos arrabaldes á tarde. Os raros passageiros distrahiam-se da monotonia da viagem, fumando silenciosamente, olhando para as janellas, conversando, a espaços, devagar.

A tarde era tristonha; ameaçava chuva.

Ao atravessar uma rua, o bonde parou para deixar passar um enterro. O defunto era rico; diziam-n'o as bambinellas e os dourados do coche, os cavallos, que iam cobertos por grandes redes pretas, e os quatro gatos pingados, que trotavam á retaguarda.

Era enorme o acompanhamento. Os carros desfilavam a passo, com um grande vagar tedioso e melancolico; viam-se dentro pernas estiradas, de cal-

ças pretas, e caras barbadas, de sujeitos com a grave compostura de quem faz a um tempo o seu dever e a digestão do jantar.

—Agora aqui ficamos nós empatados! resmungou o cocheiro, sentando-se de lado sobre a folha da plataforma.

—Aquelle é mais feliz do que nós; não acha?—perguntou ao seu visinho de banco um dos passageiros.

—Homem, não sei... respondeu o outro.

—Não tem que saber. Aquelle já não sente mais nada. É mais feliz, portanto, do que nós.

—Uhm!... Sei lá! e o beiço lhe descahiu ao peso da duvida.

—Então que idéa faz o senhor da morte? inquiriu o provocador da conversa.

Era um sujeito de magnifica apparencia. Gordo, rosado, forte, physionomia fresca, exuberando a boa alegria da saude. Vestia com apuro; a sua gravata espaventosa, presa em um pequeno lagarto de esmeraldas e rubis, fazia um contraste extremamente gracioso com o seu *cavaignac* negro, mesclado de alvos fios de prata. E os seus olhos pardos, de uma bella transparencia cristalina, espetavam a terrivel pergunta, com a impavidez percuciente de um bisturi, na cara do seu vizinho.

Era este um velhinho miudo, pallido e encolhido, olhar poltrão, nos cantos da bocca um geito de desconsolo choramigas, barba maltratada, muito branca. Por cima d'esta cabeça miseravel, um grande chapéu alto, pellado e seboso; abaixo d'ella, um guarda-chuva phenomenalmente hydropico, de alpaca esverdinhada; o qual, encobrindo-lhe todo o corpo, parecia encabar-se na cabeça do referido sujeito, fazendo-o apresentar por este modo a fantastica apparencia de um guarda-chuva extraordinario — com cabeça de homem.

— Não sei, meu senhor, não sei; respondeu a «cabeça do guarda-chuva», piscando os olhos timidamente.

— Pois eu vou-lhe explicar o que é a morte; tornou o outro, achegando-se ao vizinho. E continuou:

— O senhor já viu uma lamparina? Pois bem. Emquanto tem azeite, a chamma alimenta-se e illumina; depois que elle acaba, a luz desapparece, apaga-se a lamparina. Para onde foi a luz? Suminu-se, evaporou-se. Não é assim? Pois, meu amigo, a vida é como a lamparina: um bello dia falta-nos azeite e esta luz, este gaz, a que os philosophos chamam — alma... *pfff!* Foi-se! Fica apenas o pavio esturricado e mal cheiroso, — um pouco de carne inanimada e fria. Ora ahi tem o que é a morte —

concluiu o philosopho, com um pequeno gesto de soberano desdem.

— Pois sim, meu senhor; mas o que me mette medo é a *passagem!* — replicou o guarda-chuva com voz tremida, e nos seus olhos humillimos passou uma faisca de terror.

— A passagem?... Que passagem, *seu*...?

— Sabugosa, para o servir.

— Que passagem, *seu* Sabugosa?

— Ora! a passagem d'esta para a outra vida... Deve doer.

— Qual! fez o outro, encolhendo os hombros, e riscou um phosphoro para accender o charuto. Está vendo este phosphoro? — E mostrava-lhe o pequeno palito de madeira que uma flammasinha azulada ia consumindo. — Vae ardendo, ardendo... Agora é que dóe, porque tem luz e a luz vae queimando a madeira. Para apagar é um instante, e tão rapido que não dá tempo para doer. Olhe: *pfff!* — e apagou o phosphoro. Viu? Agora o que resta? Um pedacito de pau carbonisado! E atirou-o fóra com philosophico desprezo.

— Uhm! Sei lá, meu senhor. Nada! Tenho medo. — E o Sabugosa tremeu todo, da copa da cartola á biqueira do guarda-chuva.

—É um engano; é o que parece aos espiritos fracos, como o senhor. Olhe, eu lhe explico, *seu*...

—Sabugosa, um seu criado.

—Pois eu lhe explico, *seu* Sabugosa. E achegou-se cruelmente ao outro, que ainda mais se resumiu por traz do guarda-chuva.

E pôz-se a lhe falar a meia voz, com vivacidade, gesticulando, accendendo e apagando phosphoros.

Os carros do prestito funebre continuavam a desfilar. O cocheiro do bonde aborrecia-se, debruçado sobre a manivella travada.

Perguntei a um dos meus visinhos de banco se conhecia por acaso os dois interessantes personagens d'aquelle estranho dialogo. Conhecia o philosopho, o «espirito forte.»

Era um rapaz abastado, marido de uma bella mulher e pae de duas crianças loiras, adoraveis.

Um folião desabusado e feliz, ao qual a vida sorria constantemente com os seus sorrisos mais frescos e mais vermelhos.

Quanto ao Sabugosa, deu-me outro passageiro algumas informações.

Era um pobre diabo, menos diabo que pobre. Para este jámais a vida sorrira. Ao contrario: perseguia-o sempre com arreganhos assustadores e den-

tadas tigrinas. Um famoso caipora. Fôra rico: — a quebra dos bancos reduzira-o á mingua.

Era viuvo, e dos seis filhos que tivera apenas um lhe restava, e este mesmo estava no hospicio dos alienados.

Ultima informação: o desgraçado vivia de um emprego na Empreza Funeraria!

O «espirito forte» continuava a philosophar sinistramente. O Sabugosa estava livido; suava-lhe o nariz; tremiam-lhe os beiços; os olhos tinham a expressão terrivelmente desorientada de um naufrago da *Meduza*.

— Já sei, meu senhor. Tem toda a razão; mas emquanto *ella* não vem, é melhor conversar sobre outra cousa...

— Poltrão! A morte é um somno, *seu* Sabugosa.

— Sim senhor; já sei...

— Ora imagine o senhor que se deita uma noite, como costuma; mas que, em vez de acordar no dia seguinte, como tambem costuma, ámanhã por exemplo, não acorda, nem ámanhã nem nunca mais. Imagine...

Um pavor subito sacudiu violentamente o «guarda-chuva»...

O derradeiro carro do cortejo acabava de passar.

O pobre diabo ia atirar-se fóra do bonde, quando este recomeçou a viagem. Sentou-se outra vez e encolheu-se todo, suando em bica. Neste momento subiu um novo passageiro, o qual, reconhecendo o perseguidor do Sabugosa, foi abraçal-o, muito alegre.

— Oh! bons olhos o vejam! E travaram-se de conversa.

O Sabugosa respirou; tirou o chapéu da cabeça e descançou-o sobre o guarda-chuva, com o qual ainda ha pouco parecia identificar-se.

Enxugou a fronte suarenta e quedou-se em um grande allivio somnolento. Estava atravessando aquelle momento que — como uma ponte de flores, a balançar sobre um rio harmonioso, — leva o espirito da agitação da vida activa ás calmas regiões do somno, quando uma voz diabolica repercutiu-lhe n'alma, sacudindo-o como um choque electrico.

Era o seu maldito Buchner, que lhe dizia, muito perto do nariz:

— Então o Sr. tem medo! Eim?

O Sabugosa fitou-o desvairadamente e tremeu todo, com o guarda-chuva, em um horrivel bater de dentes e de varetas d'aço.

— A *passagem* assusta-o... E o demonio fri-

sava o frio horror da allusão, piscando malvadamente um olho.

O Sabugosa ergueu-se livido, arrepiado, tremulo, gesticulando dantescamente com o guarda-chuva ao conductor para que fizesse parar o bonde.

O tympano, retiniu, e, antes que o carro se detivesse, o infeliz atirou-se fóra, regougando:

— Irra! Diabos te carreguem!

E foi bater com as costas no portal de uma das casas da rua.

O outro nem reparou nisso. Encolheu os hombros com piedosa e superior indifferença e riscou mais um phosphoro para reaccender o charuto. Mas d'esta vez, não tendo á mão outro Sabugosa, para aproveitar o symbolo, atirou-o fóra em silencio.

1882.

O ideal da condessa

A Mare Fleurs.

Quem a via, áquella formosa loira — como Titania e branca como Amphitrite — a correr loucamente, desesperadamente, atraz das aventuras galantes, arrostando com a maledicencia e a calumnia os justos reparos do mundo, quem a via nessa galopada festiva pela existencia fóra, dizia com apparente razão que a condessa andava á caça como Diana, mas acreditava que do amor; e ahi o erro. A condessa andava á caça, mas de um ideal, do *seu* ideal.

Quem o diria?!...

Fossem dizel-o ao seu ultimo amante, áquelle guapo mancebo moreno e rico, que ella foi descobrir não sei onde, cujos presentes acceitava desdenhosa, sem lhes tocar, e cujos bigodes crespos hei-

java com ardor; e elle, ouvindo que a condessa buscava nelle — não dinheiro nem prazer — mas *um ideal,* elle riria, riria perdidamente, com a boa risada ingenua da estupidez. Porque, é preciso dizel-o: — o bello mancebo moreno e rico era estupido como uma bota velha, apezar da intelligencia que parecia brilhar nos seus olhos negros e da sua larga fronte emmoldurada em pretenciosa cabelleira á menestrel.

Mas ninguem lh'o disse, nem elle sequer desconfiou.

Por isso imagine-se o seu espanto quando, ao encontrar-se com a condessa em um dos corredores do Lyrico, — para onde haviam marcado *rendez-vous,* devendo conduzil-a á casa após o espectaculo, — a formosa rapariga passou por junto d'elle com a altiva e fria magestade de uma estatua, respondendo com quasi imperceptivel aceno de cabeça ao cordial e apressurado comprimento do amante.

Pobre rapaz! Quedou-se perpelexo, tremulo, assombrado, conservando por alguns segundos, — nos olhos a imagem d'aquelle bello corpo que se affastava, arrastando com olympica serenidade a longa cauda do custoso vestido; — e nas narinas afflantes o quente perfume lascivo que se exhalou do seu

collo branco de pomba amorosa, ao passar por elle.

Á sahida, em frente ao portão do imperal theatro, quando, depois de havel-a feito tomar o coupé, ia entrando para sentar-se ao seu lado, a portinhola fechou-se com impeto, batendo forte, e elle ouviu a voz cristalina da condessa, que lhe atirava recostando-se nas almofadas, estas duas palavras terriveis:

— Boa noite.

A carruagem partiu célere, tirada pela impaciencia fogosa dos cavallos; a condessa aconchegou-se a um canto, e, torcendo nervosamente as luvas, cuspiu pela portinhola esta injuria, como se ella pudesse ir bater nas faces do desapontado rapaz:

— Estupido!

Antes de proseguir, direi que era tão condessa aquella mulher como eu sou conde.

Chamavam-na condessa porque para que o fosse apenas lhe faltava sobre os flavos cabellos perfumosos uma pequenita corôa condal, pois tudo o mais que é preciso a uma condessa, digna do titulo, ella o possuia á farta: — belleza, elegancia e espirito.

Não me pergunte o leitor mais nada sobre a condição e o passado d'essa mulher. Fôra indiscreto; peior: fôra ocioso.

Dias depois, tinha a condessa conquistado novo amante: um advogado moço, intelligente e bonito. Estava muito contente.

Para encurtar o tempo em que o esperava, deitava-se na *chaise-longue,* e, cruzando as roseas mãosinhas sobre os olhos semi-cerrados, esquecia-se a construir mentalmente naquella penumbra côr de rosa o irisado castello novo dos seus sonhos, onde o advogado campeava como senhor e amante.

Por nenhum outro como por aquelle homem havia sentido tão subita e tão violenta paixão. Oh! adorava-o! Como era distincto, affavel, insinuante, sympathico! Aquelle havia de comprehendel-a e de lhe dar a felicidade que inutilmente a tantos outros havia pedido e que julgava merecer. Aquelle havia de encontrar em seu espirito e em seu coração as delicadas teclas jámais tocadas, e nellas havia de acordar as melodias suaves, as opulentas sonoridades que deviam, tarde ou cedo, embalar a existencia

d'ella e a de um homem na ineffavel delicia da felicidade absoluta. Coitada! Offerecera-se abnegadamente, com sublime impudencia, a quantos julgára capazes de comprehender-lhe o coração, de descobrir o mundo ignoto e riquissimo, a virgem America que ella possuia no seio, á espera de um Colombo genial, que tardava tanto! E todos elles, todos, passaram por ella deixando-lhe no espirito, como recordações, os vestigios sangrentos do seu egoismo insaciavel e da sua vaidade satisfeita, sem que houvessem deixado na sua carne moça e ardente a saudade de um unico beijo!

Pobre condessa! O seu advogado, com todas as bellas apparencias de distincto, de superior, era tão trivial, tão chato e, porque não dizel-o? tão pulha como os negociantes, os medicos, os engenheiros, os jornalistas e os litteratos que o haviam precedido na perfumada e capitosa alcova d'aquella mulher infeliz. Ao fim de um mez estava farta e devolveu-lhe o ultimo bracelete com um bilhetinho em que havia esta eloquentissima palavra: *Basta*.

Havia cahido a condessa na crise medonha de desanimo e tristeza que sempre se costumava seguir a esses desmoronamentos, quando lhe foi apresentado um moço, romancista de grande nome,

muito mais conhecido por elle do que pessoalmente.

Uma felicidade para o rapaz, porque a sua pessoa não tinha absolutamente nada de notavel, capaz de impressionar alguem, e muito menos uma mulher como a condessa.

Esta admirou-se muito ao conhecel-o, e, como o principe de Palermo ao conhecer Boccacio, esteve para exclamar:

— Pois *este* é que *é aquelle?!*

A primeira impressão foi, portanto, lamentavel.

Depois que Alberto partiu — chamemos-lhe Alberto — ella ficou por muito tempo a pensar na insignificancia da sua figura, no commum da sua fala e das suas maneiras.

Que vulgar!

E sua vulgaridade preoccupava-a.

— Não será este com certeza; pensava tristemente.

Lembrou-se então de que lhe havia concedido licença para ir visital-a em dia proximo. E esqueceu-o.

Mas no dia marcado lembrou-se de que elle havia de procural-a, e esperou-o. Embalde: o romancista não appareceu.

—Grosseirão! Obrigar-me a ficar em casa toda uma noite a esperal-o!

Irritou-se, injuriou-o e tomou-se de um vivo desejo de encontral-o para agradecer-lhe a descortezia.

Perguntou por elle; deram-lhe as peiores informações: era orgulhoso, fátuo, indifferente a tudo que não fosse os seus interesses ou os seus trabalhos litterarios.

Tão más informações picaram fortemente a curiosidade da condessa. Seria elle tudo aquillo? Como verifical-o? Foi facil: Alberto voltou. Não se desculpou da descortezia praticada, talvez á espera de que a condessa lh'a lembrasse.

Esta, porém, estava muito preoccupada com estudal-o.

Esperava que elle lhe falasse de litteratura, que lhe impingisse algumas paginas do seu romance ultimo, ainda inédito. Nova decepção. Alberto falou-lhe de muitas cousas, menos dos seus livros; nem estadeou pedanterias litterarias.

Disse mal, muito mal das mulheres. O que mais impressionou a condessa foi o dizer-lhe que a mulher, em geral, decide-se sempre pelo peior, que tem um especial pendor para os imbecis; tudo resultado da falsa comprehensão que ella tem do que

seja a superioridade no homem. E dizendo taes horrores das mulheres, não exceptuava aquella com quem conversava! A condessa defendeu-se galhardamente. Á proporção que falava, notou a surpresa e o prazer que se estampavam na physionomia do seu interlocutor; mas este não teve uma exclamação, não lhe fez um elogio.

Ao despedir-se, duas horas depois, beijou-lhe as mãos e prometteu voltar.

Foi então que se lembrou a condessa de que elle nem uma só vez lhe dissera que a amava!

Dois mezes depois, acreditava a condessa haver encontrado por fim o seu ideal naquelle vulgarissimo rapaz.

Mas — cousa singular! — não se sentia feliz.

Andava inquieta, nervosa, ora triste, ora alegre; mas de uma alegria e de uma tristeza excessivas, pouco naturaes. Faltava-lhe o quer que fosse, exactamente quando nada lhe devia faltar. Que seria? Alberto amava-a discretamente, com muita dedicação, muita meiguice e um pouco de tristeza, e talvez tambem com um pouquinho de desconfiança.

Ella acreditava adoral-o; jámais sentira por ninguem o que sentia por elle.

E, comtudo, não estava satisfeita... Nunca se havia julgado tão infeliz.

Resolveu distrahir-se, atordoar-se, curar aquelle novo mal que lhe devorava a tranquillidade e a alegria.

Logo de uma das primeiras vezes em que voltou á vida mundana dos concertos, dos espectaculos e dos saráus encontrou... ora quem havia de encontrar?—o advogado, o tal a quem ella havia cuspido aquella injuria: Estupido!

É indescriptivel a commoção que a sua vista lhe causou. Foi como a entrada triumphante de um grande ar puro em pulmões oppressos e offegantes.

Irresistivel anceio de possuil-o de novo apoderou-se d'ella. E o seu coração, palpitando descompassado, segredava-lhe:

—Volta a elle: nelle encontrarás o teu ideal.

Obedeceu aos conselhos do coração.

Oh! com que prazer sentiu-se de novo sacudida, atormentada na luta dolorosa de duvidas e de esperanças em que se passava d'antes a sua existencia!...

E o advogado voltou, e com elle voltaram as sensaborias, os desalentos, as esperanças e os desesperos da condessa.

Alberto adivinhou tudo, e fez ponto final naquelle

incidente amoroso, escrevendo-lhe a seguinte cartinha:

«Condessa.

«Felicito-a, porque a vejo novamente feliz, e felicito-me a mim, por haver-lhe proporcionado o meio de descobrir onde estava a sua felicidade.

«Veja V. Ex.ª: julgava que era de um *ideal* que precisava a sua vida, quando era — *de procural-o*. Olhe, peço-lhe um ultimo favor. É este: Quando tiver de despedir o F. para buscar em X. o tal *ideal* que V. Ex.ª não deve encontrar para ser feliz, não se equivoque ao escrever a primeira vogal da famosa palavra *Basta,* trocando-a por outra.

«Commisere-se dos infelizes que têm a desgraça de parecer *superiores*.

«E perdôe o mal que lhe fez o mais humilde dos seus admiradores.

Alberto.»

A condessa passou esta carta ao advogado, que estava com ella na occasião.

Elle leu-a, sorriu-se e disse-lhe, entregando-lh'a:

— Que idiota!

A condessa teve um fremito de raiva e de indi-

gnação; viu sobre a mesa uma folha de papel e um lapis: sobre aquelle traçou com este, nervosamente, esta palavra: — *Besta,* e sahiu da sala como um tufão.

Oito dias depois, recomeçava de procurar o *seu ideal;* mas, d'esta vez, em um commendador bem apessoado e bem parvo — a flôr dos commendadores — que adorava os romances de Montépin e ameaçava criar barriga.

1886.

A colcha nupcial

A Americo Moreira.

Não restava nenhuma esperança: dentro em pouco tempo a pobre senhora estaria morta.

Bem o sabiam todos; dissera-o o medico, respondendo a alguem que lhe pedia voltasse a vêr a enferma:

— Para que?

Demais, a agonia começára...

Eu não disse, comtudo, a verdade, generalisando a triste certeza.

Das pessoas da familia havia uma que não tinha ainda perdido a esperança de vêr salva a doente. Era Amelita, a sua filha mais nova, a *cassúla,* como se diz familiarmente. Essa esperava ainda... O que? De quem? O milagre de vêr a sua querida mãesinha restituida á vida, falando-lhe, sorrindo-

lhe. De quem esperava esse milagre? De Deus, está visto.

Ao seu coração amantissimo — ninho de sonhos, de illusões e de affectos — parecia aquillo a cousa mais facil e mais natural... A Deus nada é impossivel, e sua *mamãe* era tão boa, tão santa!...

Não, ella não estava perdida; o medico havia-se enganado...

Ora, têm-se visto tantos d'esses casos!... E acudiam-lhe logo á memoria dois, tres, em que as sentenças medicas foram revogadas pela natureza dos enfermos ou por outra força occulta.

Se ella até lhe estava achando desde algum tempo a physionomia mais serena, um ar de grandes melhoras...

Pobre criança! Que rude golpe se preparava ao seu coração de quinze annos, virgem ainda da dôr como de todo o mal!

Vêr a esperança a sorrir nos olhos da menina, vêr-lhe a céga confiança em ignoto poder, que forçosamente havia de vir disputar á morte aquella vida preciosa e idolatrada, era o que mais compungia; era isso, talvez mais do que a propria morte da velha, o que enchia de soluços e gritos a alcova, dentro em breve — mortuaria.

Amelita, ajoelhada á cabeceira do leito, enlaçava nos braços a cabeça escaveirada da moribunda e ia-lhe dizendo mil coisas consoladoras e dulcissimas, que ella já não podia ouvir, a misera!

Ponderando alguem que não convinha aquillo, que aquelles beijos, soluços e palavras deviam incommodar a doente, e (mais baixo — que Amelita não ouvisse! —) não a deixariam morrer em paz, a menina respondeu, abraçando-a mais estreitamente, «que não, que os seus beijos e as suas lagrimas haviam de auxiliar o milagre, que a vehemencia do seu amor venceria a molestia.» E, no emtanto, esta proseguia na sua marcha fatal, levando-a aos poucos, com pequenos empurrões successivos, aos braços da morte, que a esperava tranquillamente, com a paciencia do tigre que calcula o bóte mortal e senta-se pacientemente defronte da victima, á espera...

Em certo momento, a moribunda, que até ali se havia conservado inérte, entrou a mover as mãos por sobre as roupas que a cobriam, com gestos tremulos e vagos; primeiro, como se procurasse conhecer a fazenda da colcha, depois tentando tiral-a de sobre o corpo.

É sabido que esse gesticular incoherente e molle dos enfermos graves é indicio terrivel da approxi-

mação da morte; por isso espalhou nos circumstantes um frio glacial, seguido logo de soluços e prantos suffocados, violentos.

Amelita, porém, que não desfitava o rosto da mãe, viu-a volver-lhe os olhos, desvairados, muito grandes, e nelles pareceu-lhe lêr uma supplica instante e dolorosa, mas indefinida, incomprehensivel...

E o movimento das mãos continuava, mais afflicto, mas sempre o mesmo; e o estertor pavoroso da agonia augmentava.

—Oh! meu Deus, que quererá ella? perguntava a si mesma a pobre menina, torcendo as frias mãos com desespero, emquanto que pelo rosto pallido, contrahido pela afflicção, cahiam-lhe as lagrimas aos pares.

Todos então comprehenderam que a velha pedia, supplicava o quer que fosse, e que sem se lhe dar o que desejava, mais penoso e demorado seria o passamento.

Amelita enxugou os olhos, concentrou sobre a mãe toda a sua attenção, buscando adivinhar-lhe o intimo pensamento nos olhos quasi sem luz, na bocca já sem voz e nos gestos afflictos e insensatos.

Comprehendeu que a mãe não queria aquella colcha; tirou-lh'a aos poucos, delicadamente:—

no rosto cadavérico viu lampejar uma alegria fugaz.

Mas não era tudo; os olhos continuavam de supplicar, e as mãos erguidas, agitando os dedos em movimento de chamar, parecia pedirem outra coberta, talvez outra colcha. Foi o que entendeu a filha mais velha da infeliz viuva; mas esta, quando viu a nova colcha, repetiu os gestos do começo, pedindo que lh'a tirassem. Tiraram-lh'a. Soffria horrivelmente; a impossibilidade de se fazer comprehender centuplicava as torturas da agonia... De repente, fez um supremo esforço: chamou com um leve movimento da cabeça a sua adorada *cassúla* e regougou-lhe aos ouvidos, com uma voz estranha, que parecia arrancada ao tumulo:

— A... do... casa... men...

A menina ergueu-se de um salto com um grito, e correu para o quarto contiguo; ouviu-se o ruido de um gavetão, abrindo-se, e, pouco depois, Amelita entrou, trazendo nos braços uma pesada colcha vermelha, de damasco lavrado.

Apenas a viu, ineffavel contentamento espalhou-se nas feições decompostas da viuva; os olhos humedeceram-se-lhe, e nos beiços pergaminhaceos e brancos bosquejou-se um leve sorriso.

Amelita estendeu-lhe a colcha sobre o corpo.

A moribunda, então, soergueu o tronco e, levantando as mãos, alongou-as, no alto, por sobre a colcha, num gesto solemne e commoventissimo de bençam...

E nessa attitude expirou, com um profundo suspiro de allivio e de despedida.

Fôra aquella a colcha que lhe adornára o leito nupcial. Quizéra morrer envolvida na colcha do seu casamento, como um general na sua bandeira.

Ella representava a sua mocidade e a sua velhice, o amor do homem de quem fôra companheira trinta annos, os prazeres de noiva e as dôres de mãe; ella era, em summa, o symbolo sagrado do casamento, invejado na terra e abençoado no céu.

1886.

Objecto de amor

A José de Paiva

I

Quando Eduardo sahiu da casa do corrector era tarde, muito tarde; quasi meia noite.

Apenas chegado á rua, enterrou com um gesto desesperado o chapéu na cabeça, e, sem ao menos voltar-se para cortejar o bom velhote que lhe allumiava do alto, com o castiçal erguido, a escadaria longa e estreita, entrou a caminhar apressadamente, como levado por uma grande afflicção.

Choviscava forte; mas elle parecia não percebel-o, pois tinha o guarda-chuva fechado na mão esquerda, emquanto com a direita erguia á bocca e retirava o charuto, que ardia rapidamente.

Ao passar por um café aberto, fartamente illuminado, deteve-se um instante, como interdicto, olhando para dentro; mas depois entrou, sentou-se á mesa,

pediu *cognac*, esgotou o calice, de um trago, pagou, agarrou nervosamente no primeiro jornal que viu, percorreu-lhe algumas linhas com os olhos inquietos e rubros como duas brazas, atirou o jornal com um sobresalto e sahiu com arremesso, levando estampada no rosto uma afflicção indisivel.

Seu espirito devia estar-se debatendo em tremenda luta angustiosa.

Vagou assim pelas ruas muito tempo.

Por fim, (soava nos sinos uma hora da madrugada) encontrou-se em frente da porta de sua casa.

Esteve alguns instantes parado, consultou authomaticamente o relogio á luz de um phosphoro, — esquecido de que naquelle mesmo instante havia batido uma hora — fez um gesto para abrir a porta e logo outro para partir de novo; sentou-se depois na soleira, com o rosto fechado nas mãos, o guarda-chuva ao lado.

Um rondante, ao passar-lhe por defronte, deteve-se, vendo-o; bateu-lhe no hombro:

— Que faz aqui, camarada? mas, reconhecendo-o, exclamou com voz mesclada de espanto e respeito:

— Perdão, *seu* doutor...

Eduardo, com o rosto afogueado de vergonha, ergueu-se, como impellido por uma mola, balbuciando:

— Uma indisposição subita... Mas não é nada. Obrigado.

Metteu a chave, abriu a porta, fechou-a por dentro e subiu lésto as escadas.

II

No vasto quarto luxuoso velava uma lamparina mortiça.

Sobre o largo leito de *vieux chêne* lavrado, Lucia dormia, em delicioso desalinho. A alvura do bello collo e dos braços esculpturaes, emmersos das ondas de renda, tinha reflexos lacteos. A cabeça, derreada sobre um travesseiro, pedia, em sua deslumbrante formosura dormente, um beijo de artista, um d'esses beijos de que nascem as obras primas da litteratura e da arte.

O seio arfava mollemente, a bocca sorria como uma rosa entreabrindo-se á noite aos beijos do orvalho; todo o corpo, abandonado ao somno, tinha tentações mais lascivas que o *Cantico dos Canticos*...

Eduardo ao vel-o fez um gesto de tédio. Approximou-se, sentou-se numa cadeira em frente do leito e pôz-se a contemplar muda e longamente a esposa, mas de modo que não parecia *vêl-a,* pensando em cousas graves e remotas.

Subito, como num sonho de somnambulo, começou de monologar:

— Perdido! Estou perdido! Não ha ninguem mais que me possa aconselhar, ninguem que possa arrancar-me d'esta situação horrivel! E, entretanto, eu estaria salvo se tivesse alguem que me amasse devéras; porque esse alguem saberia encontrar em seu coração um meio de me salvar...

Foi então que pareceu vêr Lucia. Teve um frémito, o rosto illuminou-se-lhe vivamente em subita alegria. Inclinou-se para o leito: ia acordar a mulher, ia ouvir d'ella a palavra salvadora...

— Lucia! Lucia!

A rapariga entreabriu os olhos, cheios de somno, espreguiçou-se, desnudando o seu formoso busto de Venus, e, voltando-se para o outro lado, adormeceu de novo.

Eduardo levou então as mãos á cabeça com desespero, e do seu labio frio, contrahido num rictus de amargura terrivel, cahiram sobre aquella esplendida

mulher adormecida, — cahiram como gottas de chamma, — estas palavras:

— Desgraçada! Esquecia-me que não é do teu corpo que preciso agora! És unicamente um objecto... de amor!

1885.

T

Uma rival

A' Dudú.

—Sim, minha querida, fujamos, vamos passar este dia bem longe, muito longe do zumbir d'esta immensa colméa, longe das dôres como das alegrias, das tristezas como das festas da grande cidade. Ella é para os jubilos d'este dia a mesma indifferente que tem sido para as minhas horas de fadiga e desanimo e para as nossas horas de immensa magua.

— Fujamos, sim, meu amor. Tu hoje és meu, sómente meu. Todos os dias *ella,* essa rival que odeio, absorve-te de manhã á noite. Vives nella e com ella a maior e a melhor parte da tua vida. Ah! quantos dias não tem passado de que me não dás senão alguns momentos breves! E esses mesmos nem sempre m'os dedicas: esses mesmos são para pensar *nella.*

— Ciumenta!

— Ciumenta, sim. Quizera-te meu, só meu e dos nossos filhos. Tenho-*lhe* ciumes, tenho-*lhe* odio, porque *ella* é grande, é bella, é poderosa, tem todos os encantos, todas as attracções, todos os abysmos da tentação; porque é multipla, tem milhares de faces, de olhos, de vozes e de braços. Como não hei de temer semelhante rival, pobre de mim, que só tenho esta voz, que apenas sabe dizer: «Adoro-te!» mas que os teus ouvidos já estão cansados de ouvir...

— Maria!

— ... que só tenho estes olhos, que só a tua imagem reflectem, que sorriem para os teus, quando os vêem sorrindo, e que choram quando paira no céu dos teus a nuvem de uma tristeza, ou se vae formando a chuva das lagrimas! pobre de mim, que só tenho estes dois braços, que são tão debeis para te abraçar, crispados de paixão, mas que seriam mais robustos que os de Judith, se por ventura a desgraça inutilisasse os teus, e fosse preciso cavar o pão com o trabalho dos meus...

— Querida da minh'alma!...

— Oh! como não hei de arreceiar-me d'essa rival, eu que sou pobre, fraca, pequena, humilde,

sem outra riqueza, sem outra força, sem outra belleza, sem outro encanto, sem outra grandeza senão o meu amor?!...

— Mas, louquinha, é só a ti que eu amo, que eu quero, que eu admiro. Quando estou com *ella*, não é *nella* que eu penso: é em ti.

— Mentes! embora mintas porque me amas. Por ventura quando estás em meio do bulicio e da agitação de que *ella* te cerca, quando te ennovellas na teia monstruosa d'essa aranha maldicta, quando te prendem os fios, entrecruzados e innumeros, dos seus prazeres, das suas ambições, das suas baixezas, dos seus encantos, dos seus interesses; quando *ella* te atordôa com os seus cantos de sereia, com a grita das suas paixões, com a musica do seu dinheiro; quando ella te deslumbra com a belleza das suas mulheres de todas as classes, com todas as seducções — as mais delicadas como as mais torpes — com as festas, os theatros, os estofos caros, as joias scintillantes, com todas as opulencias e todos os prazeres, emfim; quando ella te entretem, te prende, te distrae com as confidencias dos amigos, com a narração dos escandalos, com o ciciar dos boatos, com o tracto dos negocios, com as palestras sobre arte ou lettras — pensas tu, porventura, então, na

tua mulher, na tua pobre mulherzinha, humilde, que aqui fica, trabalhando, no arranjo e no governo da nossa casa, do nosso reinosinho, e que, desde que te vaes pela manhã até que voltas á tarde, só tem um pensamento: esperar-te; e que se dá por bem paga dos fastios da espera com o prazer divino de ouvir, á tarde, os teus passos na escada; pensas tu em mim, porventura?

—Que pergunta! Penso sim...

—Ah! não mintas mais! E fujamos. Tu hoje és meu. *Ella* tem muito tempo para gosar da tua companhia! É hoje um dos poucos dias em que o triumpho é meu. Vamos!

Meia hora depois, esposo e esposa, com o filhinho pela mão, sahiam alegremente, com a cesta da merenda, em demanda da estação do Corcovado, no Cosme Velho.

O menino, surprehendido com aquelle *suéto* imprevisto e ante-gostando o passeio campestre, levava azas nos sapatos, e era preciso chamal-o frequentes vezes para evitar um desastre ao atravessar as linhas dos ferro-carris.

Maria fizera uma *toilette* clara, festiva, encantadora. Pudera não: se fôra a Felicidade a sua *femme de chambre,* que a vestira e toucara! E, pelo braço do marido, que naquelle dia e d'aquella fórma, festejava o seu 28.º anniversario, ia caminhando, risonha, ligeirinha e leve como o proprio filho.

Vista de lá de cima, do alto do Corcovado, o Rio de Janeiro, a detestada e poderosa rival de Maria, é pequenina e humilde.

Parece uma d'essas cidadesinhas com que brincam as crianças, com a symetria do alinhamento e a divisão das casas, a disposição das torresinhas e das pequeninas arvores; os lagos parecem de malacacheta, e o mar, parado, luzente, manchado de pequenas sombras de navios immoveis, dir-se-hia de folha de Flandres.

Nas ruasitas entrecrusadas, muito lá em baixo, caminham rectilineamente umas como formigas: — são os bondes.

A lagoa de Rodrigo de Freitas é uma poçasinha estagnada. Os bosques são moitas, os morros de Santa Thereza, do Pinto, de Santo Antonio, do Castello e os outros que accidentam a paizagem, semelham as saliencias de um mappa em relevo. O dia

estava magnifico; um glorioso dia de verão, quente, radioso, vibrante. O sol, recemnado, accendia lampejos d'aço nas vidraças e claraboias de alguns predios e agulhetas de prata nas ondas, que se partiam em espumaradas brancas nas praias do Boqueirão, Flamengo e Copacabana. Um panorama indiscriptivel, de uma grandeza e de uma belleza incomparaveis.

— Olha o zimborio da Candelaria.

— Lá estão a egreja do Carmo e a Capella Imperial.

— Olha acolá a nossa rua, a rua do Riachuelo, aquella á esquerda, muito comprida, com muitos arvoredos. Viste?

— Vi, sim; olha a nossa casa. Tão pequenina!

A merenda foi comida sobre uma das mezas do pavilhão. Fatias de fiambre e *roast-beef*, pão, fructas, doces e... beijos... Que mais delicado, que mais saboroso festim?

Mulher e filho beberam á saude do esposo e pae, e no mesmo copo se misturavam os risos e os beijos dos tres.

A grande festa não tinha testemunhas e aquella musica divina de amorosos arrulhos resoava no largo silencio da altura e era levada pelos brisas frescas

por sobre os bosques e os lagos e o mar e a cidade immensa como um idylio de estrellas, que só as estrellas escutam e guardam castamente no mysterio dos ceos.

Os olhos de Maria brilhavam humidos, com estranho fulgor, — mixto de doçura e altivez; e com o dedo alvo, estendido o braço e a voz ironica, apontou para a cidade:

— Como é pequenina!

De repente, enlaçou fortemente o marido pelo pescoço com um braço e deu-lhe um ruidoso beijo na bocca; depois, estendendo o outro braço, gritou para baixo, á poderosa rival — tão diminuta! — gritou-lhe com um brado intraduzivel de triumpho:

— Vês, miseravel? É meu!

16—1—1887.

INDICE

	Pag.
Advertencia á 2.ª edição	VII
O sapatinho de Luiza	1
Trinta annos depois	13
O tio Pacheco	25
O irresistivel	39
Flores de panno	51
Vaporosa	73
A aventura do Lousada	83
Um candidato	95
A loucura de um sabio	107
A grande estréia!	119
O juizo do Vidal	133
As laranjas	145
Um bruxo	157
Republicano... intransigente	169
Confissão de um inutil	181
Um espirito forte	195
O ideal da condessa	203
A colcha nupcial	215
Objecto de amor	221
Uma rival	227

397268

LPor
M1888v

Magalhães, Valentim
V inte contos.

Ed.2,rev.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED